

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**  
**PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA**

**Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX.**

**Visões do Paraíso e do Inferno**

**Anastassia Bytsenko**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
de Literatura e Cultura Russa, do Departamento de  
Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,  
para obtenção do título de Mestre em Letras.**

**Orientadora: Professora Doutora Elena Nikolaevna Vássina.**

São Paulo

2006

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**  
**PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA**

**Imigração da Rússia para o Brasil**

**no início do século XX.**

**Visões do Paraíso e do Inferno**

**Anastassia Bytsenko**

São Paulo

2006

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus queridos pais Andrey e Elena.

## AGRADECIMENTOS

Seria impossível agradecer a todas as pessoas que me ajudaram ao longo de todos esses anos. Vou tentar não cometer nenhuma injustiça.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Profa Dra Elena Nikolaevna Vássina, sem a qual jamais teria conseguido realizar este trabalho, pela atenção, profissionalismo, orientação e amizade nesses anos de pesquisa. Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Noé Silva por ter ajudado na redação das traduções e a todos os professores do departamento de Literatura e Cultura Russa.

Agradeço a CAPES por ter oferecido a bolsa que ajudou a realizar essa pesquisa.

Agradeço muito aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Bruno Gomide e Profa. Dra. Deisy Perelmutter, pelas sugestões que enriqueceram o trabalho.

Sou muito grata ao Prof. Dr. Boris N. Komissarov, da Universidade Estadual de São Petersburgo, e à Profa. Dra. Natalia N. Karetnikova, da Universidade Estadual de Cultura e Artes de São Petersburgo, pelo grande apoio que ofereceram.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro pelas importantes sugestões.

Agradeço ao Prof. Dr. George Cernev e a Halia Ostrensky por oferecer fontes e documentos para pesquisa.

Um agradecimento especial a Rodrigo Alves Barbosa.

Agradeço ao meu amigo e Prof. Dr. Jorge Luiz Romanello pelas leituras e sugestões brilhantes e pelo apoio durante todos esses anos.

Sou grata a Fábio Luiz da Silva pela leitura e sugestões muito valiosas e à minha amiga Lucinéia Chamorro e Silva pelo apoio, criatividade e pelo incentivo em dar seqüência à pesquisa.

## **RESUMO**

A proposta desta dissertação é apresentar o histórico do processo imigratório da Rússia para o Brasil e discutir as imagens do Brasil criadas pela propaganda imigratória no início do século XX.

Empreendi o estudo da história do surgimento da imagem do Brasil como Paraíso e como Inferno ou Purgatório para compreensão do papel que essa imagem dualista exerceu dentro do discurso relacionado ao processo e(i)migratório da Rússia.

## **ABSTRACT**

The proposal of this dissertation is to present the history of the immigration process from Russia to Brazil and to discuss the images of Brazil created by the migration's propaganda in the beginning of the XX century.

This is a study about the history of the appearance of the image of Brazil as Paradise and as Hell or Purgatory. It shows the role which this dualistic image played in the discussion related to the emigration process from Russia.

## АННОТАЦИЯ

Основной задачей данного исследования является изучение эмиграции из России в Бразилию, а также исторических предпосылок этого процесса на рубеже XIX - XX веков.

В этот период, когда Бразилия была особенно сильно заинтересована в привлечении эмигрантов, существующие на территории России эмиграционные агентства выпускали литературу пропагандистского толка, целью которой было формирование идеального образа страны. Стремясь затормозить этот процесс и привлечь переселенцев вглубь России, контрпропаганда создала совершенно иной образ Бразилии.

В настоящей работе предпринята попытка проанализировать образы Бразилии как рая и ада (или чистилища) используемые эмиграционной пропагандой, для того чтобы лучше понять, какую роль эти дуалистические образы сыграли в контексте российской эмиграции.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Bytsenko, Anastassia

Imigração da Rússia para o Brasil: Visões do Paraíso e do Inferno.  
(1905-1914) / Anastassia Bytsenko. – São Paulo, SP [s.n.], 2006.

Orientadora: Elena Nikolaevna Vássina.

Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia  
Letras e Ciências Humanas.

1. Rússia – Imigração.
2. História – Rússia.
3. Paraíso Terreno.

## ÍNDICE

Introdução .....	7
1. CAPÍTULO I - HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO DA RÚSSIA ANTERIOR À REVOLUÇÃO DE 1917 .....	14
2.1. As causas da emigração .....	
2.2. Situação econômica e política na Rússia no final do século XIX e início do XX .....	14
2.3. Migrações na Rússia .....	19
2.4. Política nacional e emigração da Rússia .....	22
2.5. Imigração da Rússia para o Brasil de 1870 a 1917 .....	26
2.6. Criação do núcleo colonial russo Nova Odessa .....	33
2. CAPÍTULO II - HISTÓRIA DO SURGIMENTO DAS IMAGENS DO BRASIL INFERNO E DO BRASIL PARAÍSO .....	36
3.1. Inferno .....	36
3.2. Paraíso .....	38
3.3. Primeiros contatos entre Brasil e Rússia. Relações diplomáticas.....	42
3.4. Imagem do Brasil na Rússia .....	43
3.4. Brasil, o paraíso dos imigrantes .....	48
3. CAPÍTULO III - ANÁLISE DAS IMAGENS EDÊNICAS E INFERNAS NOS LIVROS DE GUTMANN E RÉBRIN .....	49
3.1. O Brasil paradisíaco de Janis Gutmann .....	49
3.2. Tradução de <i>A Vida dos colonos no estado de São Paulo</i> , de Gutmann J.	
3.3. O Brasil infernal de Ivan Rébrin .....	56
3.4. Tradução de <i>Sobre a emigração para o Brasil</i> , de Rébrin I .....	
Resumo .....	67
Arquivos consultados .....	69
Bibliografia .....	70
Anexos .....	112



## INTRODUÇÃO

Um dos motivos dessa pesquisa foi a minha própria experiência. No final da década de 1990 cheguei ao Brasil da cidade de São Petersburgo na Rússia, seguindo minha família.

Quando morávamos em Londrina no Paraná, justamente durante as aulas de português, que eu fazia junto com minha mãe, a nossa professora trouxe um jornal com uma matéria que dizia que a cidade fora planejada por um imigrante russo – Alexandre Razgulaeff. A participação desse homem, que emigrou da Rússia depois da Revolução de 1917, marcou o início da fundação da cidade de Londrina e, curiosamente, da minha pesquisa. Em busca de mais informações, passei dias na Biblioteca Pública Municipal, na Biblioteca e no Arquivo da Universidade Estadual de Londrina e no Museu Histórico da cidade. Descobri outros conterrâneos meus, que no início do século XX, vieram tentar a sorte no Norte do Paraná. Entre mim e esses homens havia um abismo temporal de quase um século, nasci quando alguns deles já tinham falecido, mas ao ler suas entrevistas e memórias, vendo suas fotos e, principalmente, os livros e pesquisas que mencionavam imigrantes russos no Brasil, percebia alguns detalhes importantes, perdidos nas entrelinhas. Eu senti que o conhecimento da cultura e língua russas e um acesso maior a fontes de pesquisa tanto no Brasil quanto na Rússia eram condições que facilitavam o entendimento e interpretação de um trabalho desse tipo. Muitos elementos históricos contados e nomes ou lugares mencionados para mim não eram meras palavras, mas lugares e nomes que eu conhecia, histórias que meus avós tinham vivido, enfim, parte da história e cultura da Rússia.

Inicialmente a minha intenção era estudar a história da vinda dos imigrantes da Rússia após a Revolução de 1917, mas, no decorrer da pesquisa, o objetivo principal mudou. Percebi que tinha começado do meio do processo. As emigrações da Rússia para o Brasil iniciaram-se muito antes, ainda na segunda metade do século XIX. Um fraco fluxo transformou-se numa

“avalanche imigratória” na virada dos séculos, quando milhares de imigrantes da Rússia chegaram ao Brasil. Essas pessoas, sem dúvida, deixaram seus marcos na história deste país, mas ganharam pouco destaque nas pesquisas de imigração. Resolvi então voltar ao início da imigração na Rússia.

A comunidade contemporânea russa, no Brasil, formou-se durante praticamente um século de processo imigratório. De acordo com dados do Memorial do Imigrante de São Paulo, de 1870 a 1953, vieram para o Brasil 118.600 imigrantes provenientes do Império Russo e, posteriormente, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)<sup>1</sup>. Durante esse longo período, houve três grandes levadas de imigração da Rússia/URSS.

Analisando todo o material colhido durante a minha pesquisa, observei a importância de certas imagens arquetípicas do Brasil que foram, ao longo dos tempos, formadas na mentalidade russa. Por isso, achei importante empreender o estudo das imagens do Brasil criadas pela propaganda, no contexto histórico da primeira leva imigratória da Rússia, ocorrida no início do século XX, entre 1905 e 1914. É preciso salientar que o período de imigração a ser estudado não foi o único. Portanto, é justo expor um breve histórico da imigração posterior à Revolução de 1917 e em quais circunstâncias ela ocorreu.

A segunda leva de imigrantes ocorre após a Revolução de 1917 e posterior Guerra Civil. De acordo com os dados da Liga das Nações, o total dos refugiados, na sua maioria da elite política, econômica e cultural do país, em cinco anos após a Revolução, foi de 1.160.000, mas esse número pode ser ainda maior, chegando a cerca de 2,5 milhões de pessoas. Em somente cinco dias, de 11 a 16 de novembro de 1920, chegaram a desembarcar na cidade de Constantinopla, capital da Turquia, 150.000 militares e civis russos. Um quarto desses refugiados era formado de militares do Exército Branco. O governo da França “tentava forçar os militares ou a voltar para a Rússia ou a ir trabalhar no Brasil ou a tornar-se refugiados e

---

<sup>1</sup> Daqui para frente chamados de e(i)migrantes russos, mesmo não sendo todos eles russos de nacionalidade.

dispersar-se... Muitos foram trabalhar em plantações ou na construção de estradas de ferro na América Latina.<sup>2</sup>

Cerca de duzentos imigrantes, que faziam parte do Exército Branco, em dois navios, o *Provence* e o *Acqui Taine*, aportam na cidade de Santos em 1922 e se espalham pelo país. A grande maioria, portanto, instala-se no estado de São Paulo; de lá partem para os estados do Sul, voltando-se para atividades industriais, empresariais e técnicas e para o exercício de profissões liberais<sup>3</sup>.

As estatísticas do Museu do Imigrante mostram que o maior número de imigrantes russos, na segunda década do século, ocorreu no ano de 1921, quando foi registrada a entrada de 1.526 russos. De 1917 a 1941, vieram ao país 12.210 russos<sup>4</sup>.

O terceiro grande grupo de imigrantes da União Soviética, chamado de “deslocados de guerra”, começou a chegar ao Brasil após a II Guerra Mundial, quando a União Soviética propagou sua influência sobre o Leste da Europa. Muitos russos, entre eles os emigrantes pós-Revolução e os prisioneiros da II Guerra, exilados nos países do Leste Europeu, preferiam “reemigrar” ao invés de voltar para a URSS. Muitos foram encaminhados para diferentes países do mundo, inclusive o Brasil, como pessoas sem cidadania, pela IRO (International Refugee Organization). O maior grupo de imigrantes da Rússia no Brasil veio dos campos de refugiados da Itália, Alemanha e Áustria.

Também veio ao Brasil um grande grupo de pessoas que, após a Revolução de 1917, imigrou para a China e teve novamente que se refugiar, devido à revolução comunista no país.

---

<sup>2</sup> Эмиграция и репатриация в России/ Орг. Ионцев, В.А., Лебедева Н.М. и др. - Москва: Попечительство о нуждах российских репатриантов, 2001. - стр. 46 (Ionzev, V.A., Lebedeva, N.M. i dr. *Emigratsia i repatriatsia v Rossii*. Moskva, 2001, str. 46). (T. da A.)

<sup>3</sup> FREITAS, Sônia Maria de. *Falam os imigrantes : Armênios, Chineses, Espanhóis, Húngaros, Italianos de Monte San Giacomo e Sanza, Lituanos, Okinawanos, Poloneses, Russos, Ucrainianos, memória e diversidade cultural em São Paulo* São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 261

<sup>4</sup> Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo. <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Consulta feita em 02.04.2001.

Entre os anos de 1944 e 1953, chegaram ao Brasil aproximadamente 2.224 imigrantes russos<sup>5</sup> vindos da China.

Existe também um fluxo de imigração contemporânea, composto, principalmente, por pessoas que vêm, às vezes, a convite de parentes residentes no Brasil ou para trabalhos temporários.

Após esta explicação, é importante descrever o cenário encontrado pelo pesquisador que pretende estudar esta imigração específica.

Durante longo período, quando o relacionamento da URSS com o mundo capitalista era bastante tenso, marcado por antagonismo mútuo, as pesquisas científicas ficavam reféns dessas batalhas político-ideológicas.

Na União Soviética a imigração russa para o Brasil existiu como tema de análise científica, até pouco tempo, apenas como parte de pesquisas sobre a história das relações entre Brasil e Rússia, cujo desenvolvimento teve início somente a partir da década de 1930. No entanto, todos os aspectos desse tema, como relações políticas, econômicas e culturais e também a história da emigração russa, foram analisados de acordo com as exigências da censura soviética.

*Após a Grande Revolução Socialista de Outubro, teve início uma nova etapa de pesquisas sobre o Brasil. Sua principal peculiaridade é que elas não foram mais apanágio de estudiosos solitários e resultados de seu esforço individual, mas se colocaram a serviço da ciência soviética e da sociedade, provinham dos objetivos e incumbências do Estado e, conseqüentemente, foram abastecidas com recursos financeiros<sup>6</sup>.*

---

<sup>5</sup> Ibid. Consulta feita em 02.03.2001.

<sup>6</sup> СИЗОНЕНКО, А.И. Из истории полевых исследований Бразилии етскими учеными. In: РОССИЯ, СССР – БРАЗИЛИЯ: 150 ЛЕТ ОТНОШЕНИЙ. Москва, 1980, p.56 (Cizonenko, A.I. “Iz istorii polevykh

É importante destacar que as pesquisas soviéticas sobre a imigração tratavam somente do primeiro período do movimento emigratório, anterior à Revolução de 1917. Para melhor ilustrar a proporção da influência ideológica sobre a ciência soviética, cabe citar uma impressionante frase encontrada num dos trabalhos sobre o tema: “o grande Outubro cessou a emigração dos trabalhadores da ex-Rússia czarista”<sup>7</sup>. O fato de mais de 2,5 milhões de pessoas terem emigrado ou serem exilados após a Revolução foi silenciado e negado durante longos anos.

Esse é só um dos exemplos de manipulações da história feitas por meio de trabalhos científicos, mas impostas por aqueles já mencionados “objetivos e incumbências do Estado”, que obrigaram a cessar pesquisas depois da interrupção das relações diplomáticas entre Brasil e Rússia, no ano de 1947, e a reiniciá-las após o seu restabelecimento, em 23 de novembro de 1961.

A situação no Brasil não era muito diferente. Até pouco tempo, havia no país poucos estudos sobre a imigração da Rússia. A maioria se dedicava à imigração da população polonesa, judaica e ucraniana, vinda da Rússia, enfocando em maior grau os aspectos da vida desses povos no Brasil. Atualmente, persiste a carência de estudos sobre a imigração da Rússia/URSS.

A maior dificuldade para a realização do estudo sobre imigração da Rússia para o Brasil é a escassez de fontes e a dificuldade de acesso a elas. Durante quase todo o século XX, os documentos mantidos nos arquivos da URSS eram praticamente inacessíveis aos pesquisadores brasileiros e vice-versa. Mesmo assim, algumas pesquisas foram realizadas na URSS, embora esses estudos também sofressem com a falta de fontes. Sem acesso aos arquivos brasileiros, os cientistas só podiam se basear nas fontes escassas e parciais disponíveis, como materiais das expedições, memórias e notas de viagem. Nenhum desses trabalhos, porém, chegou a ser traduzido no Brasil.

---

issledovanii Brazílii ietskimi utchionymi”. In: *ROCCIA, SSSR – BRAZILIA: 150 LIET OTNOCHIENII*. Moskva, 1980.)

<sup>7</sup> “Великий Октябрь прекратил эмиграцию трудящихся из бывшей царской России”. In: СТРЕЛКО, А.А. Славянское население в странах Латинской Америки. Киев, 1980. Стр. 35 (STRELKO, A.A. Slaviankoe naselenie v stranah Latinskoi Ameriki, Kiev, 1980, str. 35.)

Ao deparar-me, logo no início da pesquisa, com diversos obstáculos, especialmente a falta de estudos anteriores, o primeiro dos passos empreendidos foi a busca de documentos e fontes, que se apresentaram bastante variados e isolados. Entre eles estão fotografias, memórias, artigos de revistas e jornais, entrevistas, etc., referentes a vários períodos emigratórios.

Os mais interessantes e diretamente ligados ao tema em questão foram dois livros quase centenários encontrados na Biblioteca Nacional de São Petersburgo. Durante longo período, esses livros de caráter propagandista foram citados como fontes, praticamente em todas as pesquisas soviéticas sobre imigração. São os livros de Janis Gutmann, *Jizn kolonistov v chtate São Paulo v Brasílii* (GUTMANN, J. *A Vida dos colonos no Estado de São Paulo do Brasil*. Riga, 1908), e de Ivan Rébrin, *O peresselenii v Brasíliu* (RÉBRIN, I. *Sobre a imigração para o Brasil*. Kharkov, 1909). O livro de Janis Gutmann, agente de imigração contratado para recrutar imigrantes na Rússia, é um exemplo típico de propaganda imigratória que apresenta o Brasil como uma mistura de Paraíso Terreno com Eldorado.

O ápice da imigração ao Brasil coincidiu com o plano de colonização da Sibéria e outras regiões pouco povoadas da Rússia, anunciado pelo governo no início do século XX. Obviamente a saída dos potenciais migrantes atrapalhava esse objetivo. O livro de Ivan Rébrin (nenhuma informação foi encontrada sobre este autor) representa forças contrárias à emigração da Rússia para o Brasil. É uma contrapropaganda de emigração que criava, mesmo sem menção literal, a imagem do Brasil Inferno.

A análise desses livros, que é a base desta pesquisa, trouxe alguns resultados interessantes, apresentados no último capítulo deste trabalho – ANÁLISE DAS IMAGENS EDÊNICAS E INFERNAS NOS LIVROS DE GUTMANN E RÉBRIN.

Entretanto, antes de começar a análise das imagens do Brasil nos livros de Gutmann e Rébrin, seria necessário um estudo do movimento migratório da Rússia no final do século XIX - início do XX, destacando os mais importantes e pouco conhecidos aspectos de sua história, tais como a situação econômica, a política nacional e a diversidade étnica da Rússia naquele período.

Todos os fatores que contribuíram para a emigração da Rússia para o Brasil são estudados no primeiro capítulo – HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO DA RÚSSIA ANTERIOR À REVOLUÇÃO DE 1917.

E, finalmente, o segundo capítulo é um preâmbulo teórico para a devida compreensão do terceiro, sendo nele empreendido o estudo do SURGIMENTO DAS IMAGENS DO BRASIL PARAÍSO E DO BRASIL INFERNO.

Em linhas gerais, este trabalho é uma tentativa de dar continuidade a um estudo interdisciplinar sobre o ainda pouco pesquisado processo imigratório da Rússia para o Brasil, como fenômeno ambíguo, que une a objetividade do movimento imigratório e a subjetividade das imagens cridas pela propaganda para descrever o Brasil.

# CAPÍTULO I – HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO DA RÚSSIA ANTERIOR À REVOLUÇÃO DE 1917.

## *As causas da emigração*

*Память – единственный рай, из которого нас не могут изгнать. И.Рихтер*

*A memória é o único paraíso de onde não podemos ser expulsos. I. Rikhter*

As causas da imigração nunca provêm só de um país, seja ele o de origem ou o de destino, pois até o próprio processo tem nome duplo: emigração – a saída, imigração – a entrada. É impossível separar um do outro. Obviamente, para que a e(i)migração aconteça é preciso um forte impulso, capaz de fazer as pessoas saírem da terra natal, tanto quanto algum atrativo no outro país. Somente uma pequena parcela de pessoas vai em busca de aventuras, idéias, sonhos etc. As massas de imigrantes que jornadas para o Novo Mundo foram, na sua maioria, compostas por pessoas pobres, que não tinham outra idéia além de poder ganhar uma vida melhor. “A forma característica de viagem para o pobre era a migração”, comenta Eric Hobsbawm, homens pobres “viajavam por necessidade, mas raramente por prazer”<sup>8</sup>.

Ao falar sobre emigração da Rússia não podemos deixar de mencionar que esse evento tem uma longa história e que esse fluxo nunca se interrompeu. Em geral, esse acontecimento não despertava interesse da parte do governo, e somente as estatísticas de alfândega permitem, de algum modo, julgar a seu respeito.

Tabela 1. Quantidades de súditos da Rússia que emigraram entre 1828-1915. Ionzev, V.A., Lebedeva, N.M. i dr. *Emigratsia i repatriatsia v Rossii*. Moskva, 2001, str. 30.

	<b>1828-1859</b>	<b>1860-1890</b>	<b>1890-1915</b>
--	------------------	------------------	------------------

<sup>8</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 284.



Total	33 314	1 128 563	3 347 618
Em média por ano	1 074	37 619	133 904
% do número médio dos emigrados por ano.	0,6	21,7	77,7

A história da emigração da Rússia conta alguns séculos. Mas apesar da existência do fluxo imigratório, até a segunda metade do século XIX, a emigração econômica, bastante comum na Europa, era ainda um evento raro na Rússia. Entre as poucas pessoas que emigravam nesse período, a maioria era impulsionada por razões políticas e religiosas. No entanto, o número desses emigrantes era pouco expressivo.

Desde o final do século XVIII alguns jovens aristocratas russos começaram a chegar à França, Alemanha ou Inglaterra com o objetivo de estudar e, às vezes, acabavam se estabelecendo no país receptor.

O principal centro de imigração da Rússia foi Paris. Em 1914, na Sorbonne, a mais conhecida universidade francesa, estavam matriculados 1.600 estudantes russos, mais do que todos os outros estrangeiros juntos<sup>9</sup>. Nessa época a comunidade russa na França compunha-se de 35 mil pessoas, o dobro da encontrada em todo o resto da Europa. Portanto, desde o início do século XX, Paris era considerada a cidade “mais russa” de todas as capitais européias.

Após as revoltas polonesas de 1863-1864, um grande número de perseguidos políticos teve que deixar a Rússia. A maioria se estabeleceu nas cidades de Londres, Berne, Heidelberg, Genova, Berlim, entre outras. Ao contrário da “emigração nobre” da Paris, esses

<sup>9</sup> ДОРОНЧЕНКОВ, А.И. Эмиграция «первой волны» о национальных проблемах и судьбе России, Москва: Дмитрий Буланин, 2001, стр. 5. (DORONCHENKOV, A.I. Emigratsia “piervoi volni” o natsionalnih problemah i sudbe Rossii. Moskva: Dmitry Bulanin, 2001, str. 5)

novos emigrantes pertenciam a outras camadas sociais, como as de pequenos burgueses e intelectuais.

No período de 1880 até 1917, pequenos grupos de emigrantes de elite e exilados políticos foram substituídos por uma massa de camponeses empobrecidos ou sem terra, artesãos e trabalhadores sem qualificação<sup>10</sup>. A maior parte desses emigrantes também não era de etnia russa. Mas é praticamente impossível definir com precisão a composição étnica dos imigrantes vindos da Rússia, até porque alguns podiam se considerar russos no sentido mais amplo, como representantes da cultura eslava oriental ou como cidadãos da Rússia. É importante salientar que uma parcela significativa dos emigrantes judeus, por exemplo, preservou elementos da cultura e da língua russa e foi sua propagadora fora da Rússia.

*A [segunda] metade do século XIX marca o começo da maior migração de povos na História. Seus detalhes exatos mal podem ser medidos, pois as estatísticas oficiais, tais como eram feitas então, não conseguem capturar todos os movimentos de homens e mulheres dentro dos países ou entre Estados: o êxodo rural em direção às cidades, a migração entre regiões e cidades, o cruzamento de oceanos e a penetração em zonas de fronteiras, todo esse fluxo de homens e mulheres, movendo-se em todas as direções, torna difícil uma especificação.<sup>11</sup>*

Ao falar sobre imigrantes russos no Brasil é importante, em primeiro lugar, revelar as causas da sua vinda. Mas a motivação da imigração foi composta de vários elementos que se combinaram, tornando difícil a sua hierarquização.

### ***Situação econômica e política na Rússia no final do século XIX e início do XX.***

---

<sup>10</sup> Entre 1861 e 1915, deixaram a Rússia cerca de 4.200 milhões de pessoas, dos quais 94% foram para o Novo Mundo. EMIGRATSIA E REPATRIATSIA V ROSSII, 2001, p. 29.

Para poder compreender melhor as causas da emigração da Rússia para o Brasil no final do século XIX e começo do XX, é preciso falar sobre o pano de fundo deste acontecimento.

Ao se transformar, no limiar dos séculos, num país com economia bastante desenvolvida, a Rússia, não obstante, preservou seu antigo regime socioeconômico patriarcal, agrícola e de produção mercantil de pequeno porte. Na última década do século XIX, a produção industrial duplicou. O país chegou ao segundo lugar no mundo, depois dos Estados Unidos, em extensão de estradas de ferro. O progresso econômico e tecnológico continuou, mas, ao mesmo tempo, a Rússia permaneceu um país agrícola: 75% dos seus 129 milhões de habitantes eram camponeses<sup>12</sup>. Libertados da servidão em 1861, sua situação econômica continuou bastante difícil. Os termos da emancipação foram restritivos, pois não incluíam a propriedade de terras nem qualquer verdadeira assistência econômica. Eles continuaram a ser explorados por seus antigos patrões, com muitas obrigações, limitações e poucos direitos.

Existem divergências entre os historiadores que explicam as causas da pobreza dos camponeses na Rússia, na virada do século XIX para o XX. Alguns contemporâneos achavam que o problema se encontrava na falta de terra e no peso das dívidas com o Estado. Mas “...no limite entre os séculos XIX e XX, a Rússia era o país menos povoado da Europa”, afirma o pesquisador de história social Boris Mironov<sup>13</sup>. Embora um terço do território não servisse para a agricultura, e o percentual dos lavradores fosse muito grande, a quantidade de terras cultiváveis no país era de 2,8 ha por pessoa, contra 2 na França, 1,8 na Alemanha, e 1,1 na Itália. Portanto, esse “aperto agrário” em que viviam os camponeses russos não passava de um mito. O problema

---

<sup>11</sup> HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*, p. 271.

<sup>12</sup> A densidade populacional média da parte europeia da Rússia era de 20 pessoas por km<sup>2</sup>, enquanto na França era de 71, na Alemanha 92 e na Grã-Bretanha, 122 pessoas por km<sup>2</sup>”. MIRONOV, B.N. *Sotsialnaia istoria Rossii perioda imperii*. T. 1, str. 20.

<sup>13</sup> МИРОНОВ, Б.Н. *Социальная история России периода империи (XVII – начало XX)*. Санкт-Петербург: Дмитрий Буланин, 2000, стр. 328. (MIRONOV, B.N. *Socialnaia istoria Rossii perioda imperii (XVII - natchalo XX)*. São Petersburgo: Ed. Dmitri Bulanin, 2000, str. 328.)

maior estava no rendimento miserável dos terrenos. As safras excediam a quantidade de sementes utilizadas para plantio somente em três ou quatro vezes<sup>14</sup>.

Um importante fator que travava o desenvolvimento do país era a *obchina*. Existiam diferentes tipos de *obchina* na Rússia. A mais antiga e a maior delas era a de camponeses, que unia moradores de uma vila numa espécie de comuna ou cooperativa. A *obchina* misturava um antigo sistema de administração medieval com alguns elementos implantados por governantes, a partir do século XVII, para dominar os camponeses. A terra ao redor de uma vila pertencia à *obchina* e era dividida entre as famílias por decisão dos seus membros. De fato, a terra não pertencia àquele que nela trabalhava.



Piotr A. Stolipin (1862-911). Ministro das Relações Interiores da Rússia e primeiro-ministro a partir de 1906. Promoveu a reforma agrária.

Nas reuniões dos membros da *obchina* resolviam-se alguns problemas importantes: de produção, pagamento de tributos e ajuda aos mais necessitados. Por isso, muitos camponeses estavam interessados na *obchina* como garantia de sobrevivência. Mas ela também tinha o apoio de alguns governantes mais conservadores, que viam nela um meio de dominar a população do campo. Ao mesmo tempo, políticos mais perspicazes percebiam que, ao atrapalhar os agricultores mais bem sucedidos que, mesmo tendo dinheiro, não podiam comprar mais terra e aumentar a produção, a *obchina* travava o desenvolvimento econômico de todo o país.

---

<sup>14</sup> Um lavrador francês precisava de um terreno de 0,54 ha para colher a mesma quantidade de cereais que um camponês russo colhia de 2,8 ha. MIRONOV, B. N. Op. cit, p. 330.

O atraso condicionado pela falta de ferramentas e máquinas agrícolas modernas, as condições climáticas difíceis e métodos muito antigos e ineficientes de manejo da terra resultavam em colheitas sistematicamente fracas e em acúmulo de dívidas<sup>15</sup>, o que provocava fome, epidemias, morte e êxodo da população do campo para as cidades ou outras regiões, à procura de ganhos.

Às vésperas da primeira Revolução russa, a de 1905, as revoltas, inclusive camponesas, estenderam-se por várias regiões do país. O primeiro impulso foi dado após a má colheita de 1901. Os camponeses chegavam a comentar que mereciam ganhar todos os bens retidos nas mãos dos nobres, obtidos com o trabalho de seus ancestrais. Em reuniões, começaram a exigir a retirada dos alimentos guardados nas casas dos senhores de terra. Famintos e irritados, começavam a invadir as propriedades, às vezes com muita violência, chegando a incendiar as casas e até a matar seus donos. Para reprimir essas revoltas, o governo acionava o exército, e as *obchinas* eram obrigadas a indenizar os prejudicados.

Um conjunto de problemas internos e externos deixava a situação cada vez mais tensa. Naquele momento as relações entre Rússia e Japão ficavam cada vez mais complicadas devido à disputa pelo poder na região da Manchúria. Havia na corte russa pessoas de grande influência, como o ministro de política interna V. Pleve, que achavam que “uma pequena guerra vitoriosa” contra o Japão poderia ajudar a solucionar problemas dentro do país. A guerra contra o Japão começou em 1904 e acabou na completa derrota russa em 1905.

A necessidade de reformas socioeconômicas e políticas era tão grande e a vontade de realizá-las, por parte do governo, tão pequena que, em 1905, essa tensão culminou na primeira revolução.

A situação dentro da Rússia tornou-se mais aguda no outono de 1904. Depois das maciças greves de camponeses, o Congresso dos representantes dos Zemstvo<sup>16</sup> se pronunciou a

---

<sup>15</sup> No limiar dos séculos XIX e XX, o preço da terra aumentava muito rapidamente. Nos anos de 1883 a 1885, o preço médio era de 52 rublos por *dessiatina* (1 *dessiatina* é igual a 1,08 hectare), em 1900 subiu para 83 rublos e em 1904 era de 112 rublos por *dessiatina*.

<sup>16</sup> Administrações locais, criadas entre 1864 e 1918, eleitas pelas classes dominantes da Rússia.

favor da introdução de liberdades democráticas no país. Nas reuniões e manifestações, ouviam-se mais vozes contra a monarquia absolutista.

Em janeiro de 1905, teve início a greve dos trabalhadores da fábrica metalúrgica de Putílov, em São Petersburgo, com cerca de 150 mil participantes. Eles exigiam o estabelecimento do salário mínimo e jornada de trabalho de oito horas, reivindicações recusadas pelo Conselho dos Empresários. Então, surgiu a idéia de escrever uma petição e entregá-la diretamente ao Imperador Nikolai II. No domingo de 9 de janeiro de 1905, liderados pelo padre Gregório Gapon, 140 mil trabalhadores e suas famílias foram em direção ao Palácio de Inverno, residência do Imperador. Todas essas pessoas, que carregavam imagens de santos e do Imperador, foram atacadas pelo exército. Como resultado, 96 pessoas foram mortas e 333, feridas. O dia 9 de janeiro de 1905 entrou para a história como o Domingo Sangrento. Após esse dia, as greves ficaram ainda mais fortes e espalharam-se por todo o país e diferentes camadas sociais. Mas quando o clima de revolução propagou-se na Marinha, no Exército e até na Guarda Imperial, a impossibilidade de pôr ordem à força ficou óbvia, e os ministros começaram a insistir que grandes concessões e a introdução da Constituição poderiam salvar a situação. Em outubro daquele ano, cerca de dois milhões de operários começaram uma greve, junto com estudantes, professores, médicos, engenheiros etc.

Uma das conseqüências positivas da Revolução de 1905 foi a Reforma Agrária iniciada em 1906 pelo novo primeiro ministro, Piotr A. Stolipin<sup>17</sup>. Finalmente, os camponeses ganharam o direito de abandonar a *obchina* e adquirir terra em sua propriedade particular. Mas o que foi bom para os agricultores mais abastados foi ruim para os mais pobres, que não conseguiam sobreviver sem a *obchina*. As conseqüências já eram previstas. Um importante componente da Reforma foi o plano de apoio de migração da parte européia da Rússia para regiões distantes, como a Sibéria.

---

<sup>17</sup> Piotr Arkadievitch Stolipin (1862-1911). Primeiro-ministro a partir de 1906. Promoveu importantes reformas agrárias, que não agradaram nem conservadores nem revolucionários. No dia 1º de setembro de 1911, ele foi mortalmente ferido por um socialista-revolucionário. Após sua morte, as reformas foram abandonadas.

## *Migrações na Rússia*

A colonização e o povoamento eram aspirações comuns à Rússia e ao Brasil. Os dois países possuíam vastos territórios com pouquíssimos habitantes, o que, sem dúvida, atrasava o desenvolvimento econômico. Portanto, ainda na década de 1870, o governo russo, reconhecendo a necessidade de povoamento de seus domínios na Sibéria, no Cáucaso e em outras regiões longínquas, começou uma série de atividades para promover a migração. Para integrar o país, em 1893, tem início a construção da estrada de ferro chamada Grande Caminho da Sibéria (hoje conhecida como Transiberiana). Com o avanço da estrada, regiões próximas a ela ficaram mais povoadas.

*A tecnologia tornou possível a abertura de áreas geograficamente remotas ou inacessíveis à produção para exportação, mais especialmente as planícies do centro dos Estados Unidos e do Sudoeste russo<sup>18</sup>.*

Entre 1893 e 1903, o governo russo investiu cerca de trinta milhões de rublos para apoiar o movimento migratório para a Sibéria. Para pagar seu transporte, o migrante recebia um empréstimo de até quarenta rublos e mais de 100 a 150 rublos para pagamento do terreno, instalação e sementeira. Cada migrante adulto tinha direito a 16,4 ha que, até os Decretos da Reforma Agrária de Stolipin entrarem em voga, não podiam ser vendidos, dados de presente nem penhorados. Obviamente, isso prendia a pessoa no lugar. Em outras palavras, lá também fora introduzida a *obchina*. Entretanto, todo esse esforço não dava os resultados esperados. Os camponeses são um grupo social de mobilidade muito fraca. Sua ligação à terra, ao lugar de origem, é forte.

*Há igualmente pouca dúvida de que nesse período, quando a idéia de arrancar velhas raízes era ainda estranha e assustadora para a maioria das pessoas, alguma força cataclísmica ainda fosse necessária para levá-los ao desconhecido.<sup>19</sup>*

Indiretamente, a Reforma Agrária exerceu esse papel. Foram revogadas limitações aos direitos individuais dos camponeses. Para receber passaporte, já não era necessária a autorização da *obchina*. Graças à introdução da propriedade particular e à destruição da *obchina*, a quantidade de camponeses diminuiu, porque os mais pobres, ao perder o apoio da *obchina*, tiveram que buscar sustento nas cidades, onde se juntaram ao proletariado, ou migrar para regiões distantes.

Os camponeses que ficaram solidificaram e fortaleceram suas propriedades e aumentaram sua produção, suprindo todas as necessidades do país e aumentando a exportação de produtos agrícolas.

*As convulsões sociais que sucederam a transferência da agricultura para um modelo capitalista ou, pelo menos, para um padrão de comércio em larga escala, afrouxaram os laços tradicionais entre os homens e a terra de seus ancestrais...<sup>20</sup>*

O resultado das Reformas Agrárias de Stolipin foi um forte desenvolvimento do setor agrário e a ascensão econômica da Rússia às vésperas da I Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, a política interna e o desenvolvimento econômico atingido por meio das reformas, que por um lado aligeiraram e por outro dificultaram consideravelmente a vida do povo da Rússia, influenciaram os processos migratórios, fortalecendo-os mais do que nunca. Entre 1906 e 1913,

---

<sup>18</sup> HOBBSAWM, E. Op. cit. p. 250.

<sup>19</sup> Ibid, p. 281.



cerca de 3,5 milhões de pessoas<sup>21</sup> migraram para o outro lado dos Montes Urais. Calcula-se que desde o século XVIII até 1916, aproximadamente 13,4 milhões de pessoas, a maioria de origem russa e ucraniana, migraram para os confins do Império Russo, principalmente a região da Sibéria<sup>22</sup>.

### *Política nacional e emigração da Rússia*

Outro lado do processo emigratório da Rússia foi o êxodo em grande número das chamadas “minorias nacionais”. Os imigrantes da Rússia no Brasil representam uma complexa diversidade étnica e cultural, própria do país multinacional e multicultural que a Rússia foi no passado e continua sendo hoje. Por meio da colonização e de ações militares, o território russo aumentou significativamente.

Tabela 2. Composição étnica do povoamento da Rússia 1719-1914 (em %). MIRONOV, B.N. Socialnaia istoria Rossii perioda imperii (XVII - natchalo XX). São Petersburgo: Ed. Dmitri Bulanin, 2000, str. 25.

	1857	1914
<i>Etnia</i>	45.9	44.6
Russos	17.1	18.1
Ucranianos	5.3	4
<b>Bielorussos</b>	0.9	0.7

<sup>20</sup> Ibid, p. 245.

<sup>21</sup> <http://www.rusk.ru/> Движение населения в Российской империи. Agência de informações ortodoxa. Consulta feita em 25.07.2004.

Estonianos	2.6	1.8
Tártaros	1.3	1
Letonianos	2.2	1
Finlandeses	1.1	1.4
Alemães	5.3	6.5
Poloneses	2.7	4.2
Judeus	2.2	2.7
Casacos		
Outros	75.9	171.8
<b>Total em milhões</b>	<b>75.9</b>	<b>171.8</b>

A política nacional russa começou a se formar ainda na época em que foi dado início às primeiras grandes conquistas do século XVI. Durante quatro séculos, vários territórios foram integrados à Rússia. No século XVI, houve a conquista da Sibéria com todas as suas riquezas e com pouca população, na maioria nômade. Foram colonizadas a Finlândia (sem estrutura estatal na época) e territórios próximos ao rio Volga. A Polônia, os países Bálticos, o Norte do Cáucaso e parte da Ásia Central foram anexados à Rússia em consequência de guerras. A Ucrânia Ocidental, a Geórgia, a Bessarábia e alguns territórios do Azerbaijão e do Cazaquistão uniram-se à Rússia por acordo. Desse modo, na segunda metade do século XIX, o Império Russo, povoado

por cerca de 180 diferentes povos, atingiu o ápice de sua expansão territorial, chegando a 22,4 milhões de quilômetros quadrados, divididos em 81 *gubérnias*<sup>23</sup> e 20 regiões<sup>24</sup>.

Segundo Borís Mironov<sup>25</sup>, a política nacional russa no final do século XIX até 1917 foi bastante diversificada e dependia tanto da maneira como foi integrado cada território novo (colonizado, conquistado etc.) quanto do posterior comportamento do governo local e da população.

Todos os habitantes do Império deviam jurar lealdade ao imperador russo. Com os países incorporados em consequência da guerra fechava-se um acordo formal, e esses territórios normalmente ganhavam autonomia, cuja amplitude dependia da lealdade e da obediência às autoridades locais. A ordem administrativa desse domínio era preservada, tanto quanto as leis, a religião e a língua. Sua autonomia podia ser ampliada, como no caso da Finlândia, ou limitada, como aconteceu com a Polônia, depois das insurreições de 1830 e 1863<sup>26</sup>.

Outro princípio da política nacional foi a ampla cooperação entre o governo russo e a elite não-russa, que dispunha de direitos iguais aos da aristocracia russa. Esse fator facilitava a administração do novo território. Os critérios étnicos ou nacionais não eram determinantes para promoção na escala social. As elites política, militar, cultural e científica da Rússia eram

---

<sup>23</sup> *Gubérnia* é maior unidade administrativa da Rússia na época. Cada uma se dividia em *uíézd*. Tal nomenclatura perdurou de 1708 a 1917.

<sup>24</sup> O primeiro censo demográfico realizado no Império Russo, em 1897, registrou quase 129 milhões de habitantes, dos quais 44,6% eram russos. A parte européia da Rússia era habitada por 93,4 milhões de pessoas, quase dez milhões no Reino da Polônia, que fazia parte do Império russo, 2,6 milhões no principado da Finlândia, 9,3 na região do Cáucaso, 5,8 na Sibéria e 7,6 milhões de habitantes em regiões da Ásia Central. Todos os habitantes do Império foram divididos em classes: nobres (fidalgos), clero, comerciantes, pequeno-burgueses e camponeses, e cada uma dessas classes tinha direitos e obrigações claramente delimitados. VEKA, A.B. *Istoria Rossii*. Minsk: Harvest, Moscou: Ast, 2003, p. 663.

<sup>25</sup> MIRONOV, B.N. Op. cit, vol. 1, p. 41.

<sup>26</sup> Em 1815, após a guerra contra Napoleão, ocorreu a quarta partilha da Polônia, dessa vez entre a Áustria, a Prússia e a Rússia. A maior parte, nomeada de Reino da Polônia, ficou sob o domínio da Rússia. Nela foi implantada a monarquia constitucional e parlamentar, com ampla autonomia (com liberdades que nem a própria Rússia possuía). Todos os cargos públicos foram entregues só a poloneses, toda a escrituração foi feita em polonês. Foi promulgada a liberdade individual (na Rússia, por exemplo, a servidão foi abolida apenas em 1861) e de imprensa. A religião oficial continuou sendo a católica, mas outras religiões tinham os mesmos direitos. Porém, os imperadores russos, além da coroa russa, também recebiam a coroa polonesa e juravam lealdade à constituição polonesa, o que fizeram os imperadores Alexandre I e Nicolai I. Logo após o juramento do czar Nicolai I à constituição polonesa, em 1830, os poloneses, insatisfeitos com sua posição, sublevaram-se. Foram realizados dois atentados contra a vida do czar. Em resposta, a constituição foi anulada e a autonomia, limitada. Depois da outra grande revolta, em 1863, aconteceu a união completa da Polônia com o território do Império. Milhares de poloneses que não queriam aceitar a dominação do seu país foram exilados nas regiões centrais ou orientais da Rússia ou executados, e muitos emigraram.

multinacionais e incluíam: alemães protestantes, tártaros muçulmanos, poloneses católicos e muitos outros. Por exemplo, entre 1894 e 1914, dos 215 membros do Conselho do Estado (órgão legislativo consultivo superior), 12% não eram católicos ortodoxos<sup>27</sup>, ou seja, não eram russos.

As relações entre os russos e os povos não russos que habitavam o país nunca foram idílicas, mas, geralmente, desenvolviam-se de maneira cooperativa. O governo precisava manter certos “privilégios” para não russos. No caso dos judeus, embora submetidos a diferentes discriminações, como restrição de direitos, perseguições de todos os tipos e, especialmente, os pogroms<sup>28</sup>, negligenciados pelo governo, eles nunca foram sujeitos à servidão, tinham isenção de impostos e não eram recrutados para o exército, ao contrário dos russos.

*A segunda metade do século XIX caracterizou-se também [...] como o período do despertar nacional [...] o sentimento de injustiça e dominação foi sendo substituído pelo de liberdade e autonomia...<sup>29</sup>*

As insurreições polonesas de 1830 e 1863 e a propagação geral dos movimentos nacionais revolucionários marcaram o início da política de integração de todas as regiões do Império. A ela foi acrescentada a unificação cultural e lingüística na forma da *russificação*. Essa política se expressou na desnacionalização (repressão das características locais e adoção da cultura e língua russas) das escolas, censura política, restrições à publicação de revistas, jornais e livros em idiomas locais e limitações de ingresso em escolas e faculdades<sup>30</sup>.

Para a Rússia, havia a necessidade comum, válida para qualquer Estado moderno, de unir todas as partes do império nos campos administrativo, cultural, jurídico e social, fortalecer a

---

<sup>27</sup> A religião Católica Ortodoxa Russa é a principal praticada na Rússia até os dias de hoje.

<sup>28</sup> A palavra pogrom ("погром"), de origem russa e que denomina um ataque violento massivo a pessoas, acompanhado da destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos), tornou-se internacional após a onda de *pogroms* que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884, causando protestos internacionais e levando à emigração em massa dos judeus.

<sup>29</sup> SILVA. H.M. *Os imigrantes da Letônia no Oeste Paulista*. Maringá: Eduem, 2002, p. 42.

<sup>30</sup> No mesmo ano de 1863, foi proibida a edição de livros em lituano e o ensino desse idioma. Em 1867, uma lei igual foi promulgada em relação à língua bielorrussa. Estava também proibida a publicação de livros e a montagem de peças teatrais em ucraniano.

conexão entre todos os ramos da máquina do Estado, independentemente da sua localização, e entre todos os habitantes do país, sem levar em conta a classe ou nacionalidade de cada um. Sabendo que a existência de peculiaridades em todas as esferas da vida servia de empecilho para alcançar esses objetivos, o governo viu na *russificação* uma maneira de conseguir a unificação, que não significava a criação de privilégios para os russos, mas a sistematização e padronização da administração, a integração de todas as etnias numa única nação da Rússia – embora não haja dúvida de que essas atividades prejudicavam os outros povos que sonhavam com a liberdade. Mas o uso de métodos repressivos só piorou a situação no país e fortaleceu movimentos nacionais e revolucionários, nos quais também houve uma participação muito ativa de povos não russos.

Em 1881, depois do atentado que provocou a morte do imperador Alexandre II e contou com a participação de uma judia, a discriminação em relação aos judeus aumentou. De acordo com os novos regulamentos repressivos, eles foram proibidos de habitar algumas cidades e regiões, e até o seu direito de ingressar na faculdade foi limitado. Uma onda de *pogroms* correu pelo país, fazendo centenas de vítimas.

O governo organizava migrações de russos às regiões “quentes”, para fortificar o “elemento russo” na população local, e deportações dos participantes das revoltas e motins. Nesse período, a emigração de poloneses, letões, ucranianos e judeus da Rússia para a América ganhou proporções significativas. Cerca de 2,7 milhões de pessoas emigraram para o Novo Mundo entre 1870 e 1910, saindo das regiões do Reino da Polônia, Lituânia, Finlândia e Ucrânia (região de Volín)<sup>31</sup>; dessas, 54.593 vieram ao Brasil<sup>32</sup>.

O descontentamento da população não russa, decepcionada com as tentativas frustradas de conquistar a independência, com as pressões do governo e, principalmente, com as dificuldades econômicas e a falta de oportunidades, levou grandes quantidades de pessoas a emigrar. Estima-se que, somente na Letônia (na época parte da Rússia), durante a I Grande

---

<sup>31</sup> MIRONOV, B.N. V. 1. p.76.

Guerra, um terço da população emigrou, foi deportada para o interior da Rússia ou morreu em combate<sup>33</sup>.

Desse modo, no limiar dos séculos, enquanto os territórios próximos às fronteiras orientais da Rússia, principalmente a Sibéria, eram colonizados por russos, bielo-russos e ucranianos orientais, a população das regiões ocidentais da Rússia participava ativamente no processo imigratório mundial e no povoamento das Américas.

### ***Imigração da Rússia para o Brasil de 1870 a 1917.***

*A metade do século XIX marca o começo da maior migração de povos na História<sup>34</sup>.*

Os primeiros grandes grupos de imigrantes provenientes da Rússia começaram a chegar ao Brasil no início da década de 1870. Eram, em sua maioria, camponeses muito pobres, que decidiam emigrar por motivos econômicos, políticos ou às vezes religiosos, como acontecia com os *staroveri*.<sup>35</sup>

Como já havia comentado anteriormente, os propriamente russos eram uma parcela pequena em comparação com os outros imigrantes, preponderantemente poloneses<sup>36</sup>, ucranianos, integrantes dos povos Bálticos, alemães<sup>37</sup>, judeus e pessoas oriundas de outros grupos étnicos do Império.

---

<sup>32</sup> Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo. [www.memorialdoimigrante.sp.gov.br](http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br). Consulta feita em 02.04.2001.

<sup>33</sup> SILVA, H.M. Op. cit., p. 41.

<sup>34</sup> HOBBSAWM, E. P. Op. cit., p. 271.

<sup>35</sup> *Staroveri* – literalmente, “velhos crentes”, grupo que pertence a uma das mais antigas divisões da igreja ortodoxa russa. A dissidência ocorreu no século XVII. Durante um longo período, os *staroveri* viveram fugindo das perseguições religiosas.

<sup>36</sup> Nesse período, o Reino da Polônia estava sob o domínio do Império Russo.

<sup>37</sup> Havia muitos alemães na Rússia, que imigraram ainda no século XVIII.

Até a década de 1880, o movimento imigratório da Rússia para o Brasil não ganhou dimensões consideráveis. O principal obstáculo no caminho dessa imigração foi o sistema escravocrata brasileiro.

O objetivo do governo brasileiro era ocupar áreas de baixa densidade demográfica, e o sistema adotado foi o estabelecimento de núcleos coloniais baseados no trabalho familiar e na pequena propriedade. Mas os influentes produtores de café, concentrados na província de São Paulo, tomaram a dianteira nesse processo, com um objetivo bem simples: obter braços para a lavoura.

*Os proprietários, habituados a lidar exclusivamente com escravos e que continuavam a conservar muitos deles trabalhando ao lado dos colonos, não tinham para com estes a consideração devida à sua qualidade de trabalhadores livres; os contratos de trabalho que os emigrantes assinavam antes de embarcar na Europa, desconhecendo ainda completamente o meio e as condições do país onde se engajavam, eram geralmente redigidos em proveito exclusivo do empregador e não raro com acentuada má-fé.<sup>38</sup>*

Os dados registrados pela Hospedaria dos Imigrantes mostram que, em meados da década de 1870, a emigração da Rússia foi relativamente intensa. Porém, no final da década, ela praticamente parou. Essa dinâmica explica-se facilmente:

*[...] começassem a surgir descontentamentos. Os proprietários vão perdendo interesse por um sistema tão cheio de percalços e dificuldades. Doutro lado, alarma-se a opinião pública na Europa [...] donde provinha então a maior parte da imigração para o Brasil, com a sorte aqui reservada*

*para seus compatriotas emigrados. Desencadeia-se então contra ela [emigração] forte campanha, e a emigração para o Brasil chega a ser proibida na Alemanha em 1859.*<sup>39</sup>

Desse assunto trata um documento de 14 de dezembro de 1878, encontrado no arquivo do Ministério das Relações Interiores da Rússia, encaminhado ao governador de Kiev<sup>40</sup>. Nele, aponta-se a necessidade de interrupção das atividades dos agentes imigratórios que, apesar da proibição, continuavam a sua propaganda nos cais, estações de trem e em outros lugares.

A situação com a imigração para o Brasil começou a mudar drasticamente após a abolição e a proclamação da República. As autoridades republicanas começaram a eliminar as barreiras que antes dificultavam a vinda dos imigrantes para o país.

No dia 15 de dezembro de 1889, o governo adotou uma lei que considerava cidadão brasileiro todos os estrangeiros que permanecessem no país por dois anos. Os filhos dos imigrantes tornavam-se brasileiros automaticamente. Em agosto de 1892, as autoridades brasileiras assinaram um de seus maiores contratos com a empresa “Companhia Metropolitana” para transporte de um milhão de imigrantes.

Na política migratória brasileira, em fins de 1880, o estímulo às imigrações somava-se ao liberalismo econômico e político para produzir uma imagem nacional mais definida. Antes da aprovação da primeira Constituição Republicana, o governo provisório havia promulgado um decreto que revelava o esforço na busca de imigrantes. Tal decreto, de 28 de junho de 1890, dispunha: “É inteiramente livre a entrada nos portos da República dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país”. A propaganda de

---

<sup>38</sup> PRADO, C.J. *História econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980, p. 187.

<sup>39</sup> PRADO, C. J. Op. cit., p.188.

<sup>40</sup> Киевский областной государственный архив. Ф.2, оп. 194, ед. хр.713, л.1 (Kievskii oblastnoi gosudarstvennii arkhiv. F. 2, op. 194, ed., khr. 713, l. 1) Citado por Стрелко, А.А. Трудящиеся – иммигранты из России в Бразилии. In: Россия, СССР – Бразилия: 150 лет отношений. Москва, 1980, стр.63. (Strielko. A. A. Trudiachtchiesia – immigranty iz Rossii v Brazili. In: Rossia, SSSR – Brazilia: 150 liet otnochtienii. Moskva, 1980, str. 63.



estímulo às imigrações era convincente: “O Brasil era apresentado como um verdadeiro paraíso”<sup>41</sup>.

A ampla propaganda impressa, distribuída por intermédio dos agentes de emigração nos povoados e metrópoles prometia inúmeras vantagens para quem desejasse emigrar. O Brasil atraía por seus vastos territórios e pela possibilidade do ganho de terras e do enriquecimento rápido. Obviamente, a distância, os altos gastos com transporte, diferenças climáticas, doenças desconhecidas e outros problemas dificultavam a vinda de maior quantidade de imigrantes. A preocupação com esses problemas está expressa na seguinte frase de Rébrin:

*Tais escritórios, que convidam emigrantes para o Brasil, por meio dos seus agentes, divulgam, entre o povo simples do campo, grande quantidade de livros com imagens e descrições atraentes. Esses anúncios e livros trazem informações exageradas sobre o país, que seria dotado de “rios de leite e mel”. Os escritórios recrutam todos os que desejam emigrar, encarregam-se de transportá-los e acomodá-los no país, contudo, não cumprem as suas promessas, apenas sugam tudo dos emigrantes – como as aranhas das moscas –, depois os abandonam à própria sorte e correm atrás de outras vítimas.*<sup>42</sup>

A viagem gratuita para o Brasil “era o ímã que atraía os miseráveis candidatos a emigrar”<sup>43</sup>. Devido a esse fator, na virada do século XIX para o XX, começou a imigração em massa. Esse acontecimento chamou muita atenção na época.

---

<sup>41</sup> A REPRESA E OS COLONOS. Cadernos do patrimônio. Série Estudos 2. Curitiba, 1986.

<sup>42</sup> REBRIN, I. *Sobre a imigração para o Brasil*. Kharkov, 1909.

<sup>43</sup> GRONIOWSKI, K. Goraczka brazylijska. – Kwartalnik Histotyczny, Warszawa, 1967, n. 2, str. 318.

*[...] a impudica propaganda do governo brasileiro, tanto quanto canadense. Pagam aos agentes 10 marcos por imigrante. Contam mentiras sobre a prosperidade dos imigrantes [...]* <sup>44</sup>

Em consequência disso, no segundo semestre de 1889, um verdadeiro delírio coletivo disseminou-se por centenas de aldeias, na parte russa da Polônia – o Reino da Polônia. Os mais desencontrados boatos referentes ao Brasil propagavam-se como uma epidemia. Era o início do que logo foi denominado de “febre brasileira”. De acordo com as estatísticas alemãs do “*Monatshefte zur Statistik des Deutschen Reiches*”, referentes aos portos alemães de Bremen e de Hamburgo, no ano de 1890, cerca de trinta mil pessoas, na maioria camponeses poloneses, saíram da Rússia para o Brasil. Havia também, nesse grande grupo, outras nacionalidades, como a lituana e a bielorrussa.<sup>45</sup>

De acordo com Cortês<sup>46</sup>, há três períodos em que ocorreram imigrações em massa para o Brasil: o primeiro vai de 1887 a 98; o segundo, de 1905 a 14; e o terceiro se dá entre 1920 e 30. Eles correspondem, no geral, aos períodos de maior entrada de imigrantes russos no país. Houve altos e baixos nesse processo, devido a diferentes forças motoras.

Esses pontos altos da imigração no Brasil correspondem também ao grande desenvolvimento da cultura cafeeira. Além disso, convém lembrar que os grandes contingentes de imigrantes, observados entre os anos de 1887 e 98, coincidiram com o oferecimento de facilidades de transporte. Em 1891, houve o pico de imigração, coincidindo exatamente com o sensível aumento das verbas federais, que passaram a reforçar a política de financiamento da imigração que o Estado de São Paulo vinha fazendo em prol do custeio das viagens de imigrantes.

---

<sup>44</sup> LENIN, V.I. *Pólnoie sobráníe sochinénii v 56 tomah*. Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi, 1967.

<sup>45</sup> WACHOWICZ, C.A. “A ‘Febre brasileira’ na emigração polonesa”. In: *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. Curitiba, v. 1, 1970, p. 36-37.

<sup>46</sup> CORTÊS, G. M. *Migração e Colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1958.

*O decréscimo da imigração, observado a partir de 1897, corresponde exatamente ao fato de o governo federal ter praticamente fechado os serviços imigratórios e acabado com as dotações orçamentais para o custeio da imigração, inclusive o pagamento de passagens. E, se o decréscimo não foi maior, isso se deve ao fato de São Paulo ter continuado a proporcionar, em certa escala, passagens gratuitas aos imigrantes com destino à lavoura cafeeira.*<sup>47</sup>

No ano de 1907, foi aprovada uma nova lei, que dava ao governo o direito exclusivo de decidir questões ligadas ao recrutamento de novos recursos humanos entre os estrangeiros. Para estimular a imigração, o governo do Brasil destinou-lhe grandes verbas.

*[...] o governo tomará o assunto a seu cargo, limitando-se a fazer a propaganda nos países emigratórios e pagando o transporte dos imigrantes até o Brasil.*<sup>48</sup>

Um novo pico imigratório, entre 1905 e 1914, coincide exatamente com o ressurgimento de uma política de custeio de passagens. A seguir, durante a I Guerra Mundial, o movimento migratório mundial diminuiu muito, mas voltou a ser forte após o término da guerra. Em 1930, quando as passagens deixaram de ser custeadas pelo Estado brasileiro, ocorreu uma queda drástica na imigração.

A emigração da Rússia para o Brasil foi direcionada principalmente aos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e à Região Sudeste. No final do século XIX e começo do XX, esses imigrantes ajudaram a suprir a falta de mão-de-obra nos centros industriais, em regiões de construção de ferrovias e principalmente na lavoura.

---

<sup>47</sup> CORTÊS, G. M. Op. cit., p. 140.

<sup>48</sup> PRADO, C. J. Op. cit., p. 189.

### ***Criação do núcleo colonial russo Nova Odessa.***

No início do século XX, a tendência na política imigratória brasileira foi de criação de núcleos coloniais agrícolas para imigrantes de uma mesma etnia. Esse processo fazia parte da política vigente no Estado de São Paulo. O governo comprava terra, de preferência localizada próximo à estrada de ferro, dividia-a em lotes e vendia-os aos imigrantes.

Ao saber que nesse período havia um grande movimento migratório na Rússia, em consequência de um conjunto de conturbações sociais e políticas, como a Revolução de 1905 e a guerra contra o Japão (1904-1905), Carlos Botelho, na época secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, empreendeu um estudo sobre a possibilidade de trazer parte desses imigrantes da Rússia para o Brasil.

Em 24 de maio de 1905, pelo Decreto Nº 1286, foi criado o Núcleo Colonial Nova Odessa para agricultores russos (esse nome surgiu da visita de Carlos Botelho à cidade de Odessa, na Ucrânia); ainda naquele mês chegaram a Santos onze famílias de judeus da Rússia<sup>49</sup>. Em agosto, desembarcaram no mesmo porto, trazidos pelo vapor Aragon, mais 379 judeus russos; parte deles também foi enviada ao núcleo Nova Odessa. Além de eles não serem russos de nacionalidade, os registros da Hospedaria dos Imigrantes revelam que, entre esses imigrantes enviados pela agência da companhia de navegação, ao preço de 135 *shillings* por adulto e 77 por menor de doze anos, quase não havia agricultores. Foram registradas as seguintes profissões: sapateiro, pedreiro, cocheiro, caixeiro, padeiro, serralheiro, funileiro, pintor, carregador, lavador de roupa, mascate, tecelão, cozinheiro, ferreiro, foguista, tanoeiro, açougueiro, maquinista, curtidor, chapeleiro, vendedor de frutas, tapeceiro, negociante, alfaiate, eletricista, gente sem profissão e até prestidigitador e acrobata<sup>50</sup>. Em outras palavras, todas essas pessoas eram

---

<sup>49</sup> Relatório da Hospedaria dos Imigrantes de maio de 1905. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem Nº 4680.

<sup>50</sup> Arquivo do Estado, ordem Nº 4682.

desqualificadas para a agricultura e logo abandonaram a colônia em busca de trabalho nas cidades. No final de 1905, poucas famílias permaneciam no Núcleo.

Após essa tentativa frustrada, o governo, pretendendo iniciar a propaganda imigratória com o objetivo de trazer agricultores russos para o Brasil, procurou a Legação do Brasil em São Petersburgo. Em resposta, por carta de 31 de agosto de 1905, o Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, informou que o governo russo era contrário à emigração de seus súditos e que apenas os judeus tinham a saída facilitada.

*com referencia a parte final do meu aviso, tenho informações que recebi da Legação do Brasil em São Petersburgo a quem igualmente incubi a verificar a possibilidade de iniciar alguma propaganda em favor da emigração para esse estado.*

*O governo russo é em principio contraio a toda emigração dos seus súditos exeto de israelitas, cuja saída é sempre facilitada ... Para um russo emigrar do Império ele tem que primerio provar ter cumprido todos os seus deveres para com o governo imperial, inclusive o serviço militar que é o principal, sob pena do regressar e ser deportado para Sibéria....*

*Assinado: [barão do] Rio Branco. 27.09.1905<sup>51</sup>*

Vendo a dificuldade de trazer imigrantes russos qualificados para a lavoura, o governo resolveu trazer letões, súditos do Império Russo, dos quais já havia representantes instalados em dez colônias nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O encarregado dessa missão foi um leto que exercia a função de agente de imigração junto à Secretaria da Agricultura, chamado Janis ou João Gutmann. No final de 1905 ele chegou à cidade de Riga, mas sendo sua atividade dificultada, continuou trabalhando num escritório de imigração em Londres. De lá, entrou em contato com letos interessados em emigrar, a fim de

enviá-los para o Estado de São Paulo. Ao mesmo tempo, parte dos colonos residentes no Sul também estava sendo encaminhada para as colônias Jorge Tibiriçá em Corumbataí e Nova Odessa.

Da Letônia e de outras regiões da Rússia, vieram quarenta famílias. No jornal “O Imigrante”, de janeiro de 1908, lemos: “O núcleo colonial Nova Odessa, com 97 lotes, dos quais 64 estão ocupados por famílias russas e 33 lotes estão à venda”.



Janis Gutmann. Foto de 1905.

A importância de publicações de propaganda para acelerar a emigração era grande. Em 1889, dois jovens letões, Karlis Balodis, pastor luterano, e Peteris Sahlītis, doutor em filosofia, que haviam visitado o Brasil em 1888, escreveram um artigo sobre o país no diário letão "Baltijas Wehstnesis" (O Mensageiro Báltico) e, um ano mais tarde, um pequeno livro chamado “Brazilija” (Brasil), ambos editados em Riga.

O trabalho de Gutmann também resultou na publicação, em 1908, em Riga, de um livro editado em idioma russo e chamado “A Vida dos colonos no Estado de São Paulo do Brasil”. Como as obras de Balodis e Sahlītis, o livro de Gutmann descrevia o Brasil, a fertilidade da

---

<sup>51</sup> NOVA ODESSA. São Paulo: Edição Escalibur, 1977, p.23.

terra, o clima, a flora e a fauna, os produtos, a política liberal do governo, as facilidades oficiais dadas aos imigrantes agricultores e, inclusive, o apoio aos núcleos coloniais criados especialmente para os imigrantes russos, a fim de evitar a nostalgia e problemas culturais.

## CAPÍTULO II – HISTÓRIA DO SURGIMENTO DAS IMAGENS DO BRASIL PARAÍSO E DO BRASIL INFERNO.

As questões referentes às imagens do Paraíso e do Inferno são das mais profundas e polissêmicas. É preciso ressaltar que, no presente estudo, essas imagens serão abordadas somente no contexto da imigração e unicamente para possibilitar uma melhor análise delas nos livros de Janis Gutmann e Ivan Rébrin.

As palavras imagem, imaginação e imaginário vêm do latim. Imagem (do latim: *imago* – *ginis*) significa a representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu. Essa representação mental, consciente ou não, é formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas e pode ser modificada por novas experiências.

Já imaginário é o vocábulo que corresponde à imaginação, como sua função e produto. Composto de imagens mentais, é definido a partir de muitas óticas diferentes e até conflitantes. Para Durand, o imaginário é o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, o grande e fundamental denominador onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano<sup>52</sup>.

As imagens do Paraíso ou Jardim do Éden, onde seres humanos viveriam em inocente e milagrosa harmonia com a Natureza e o Cosmo, e do Inferno, como morada dos mortos e local de castigo aos pecadores, surgiram ainda nas primeiras expressões do imaginário como mito e folclore.

### ***Inferno***

A formação da noção do dualismo do celeste e do subterrâneo como dois mundos, o iluminado e o escuro, e o questionamento sobre o destino das almas após a morte, em conjunto

---

<sup>52</sup> DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.14.



com o surgimento da idéia de julgamento no além-túmulo, foram a premissa das representações do Inferno contraposto ao Paraíso.

Imagens bem detalhadas e reais dos castigos do além, descritas como semelhantes às torturas e suplícios terrenos, porém mais terríveis, são inerentes à mitologia, à filosofia e, principalmente, à religião.

Nos mitos gregos, o Reino de Hades ou o Hades era um lugar sombrio e sinistro. Quando alguém morria, era levado até o Hades, onde bebia a água do Rio Lete, que trazia o esquecimento da vida terrena, e atravessava o rio Estige em uma barca, conduzida por Caronte. Como pagamento, o barqueiro recebia um óbolo, a moeda de menor valor, que os parentes colocavam na boca do falecido. O morto atravessava então os portões guardados por Cérbero, cão de três cabeças. O feroz guardião permitia a entrada de todos, porém não deixava ninguém sair. Finalmente, diante de Hades, o defunto enfrentava a sentença segundo seus méritos e era conduzido aos aprazíveis Campos Elíseos ou aos tormentos eternos.

Esse mito grego sobre o Hades, situado abaixo da superfície, moldou, séculos mais tarde, o conceito corrente de "inferno" das religiões européias e asiáticas.

O termo Inferno tem origem latina e significa "as profundezas" ou o "mundo inferior"; não transmitia nenhuma das idéias de calor ou de tormento encontradas na Bíblia.

*Muita confusão e muitos mal-entendidos foram causados pelo fato de os primitivos tradutores da Bíblia terem traduzido persistentemente o hebraico Seol, o grego Hades e Geena<sup>53</sup> pela palavra inferno. A simples transliteração destas palavras por parte dos tradutores das edições revistas da Bíblia não bastou para eliminar apreciavelmente esta confusão e equívoco.<sup>54</sup>*

---

<sup>53</sup> Nenhuma dessas palavras significa Inferno. Geena, por exemplo, significa em hebraico “Vale de Hinom”, local próximo a Jerusalém.

Se, no Velho Testamento, quase não há descrições do Inferno, no Novo Testamento existe a advertência do terrível julgamento, e o Inferno ocupa um lugar importante, mas sem descrições sensoriais dos sofrimentos. O estado daquele que está no Inferno é descrito como um sofrimento interno e não como uma tortura física. O Inferno é determinado como “tormento eterno” (Mateus 25,46), onde “haverá pranto e ranger de dentes” (Mateus 8,12; 13,42.50, 22,13; 24,51; 25,30). Permanecer no Inferno não significa um sofrimento eterno, mas o sofrimento da eterna morte; também não significa tortura, pois no Inferno o sofridor é comparado a um cadáver.

Em alguns apócrifos do Apocalipse, como o “Apocalipse de Pedro” (início do séc. II d.C.) e o “Apocalipse de Paulo” (II-III d.C.), havia descrições do Inferno como uma prisão de justiça divina, onde reinava Satanás e demônios no papel de carrascos, segundo uma Legislação criminal do além.

Uma característica constante do Inferno Bíblico é o fogo. O Inferno é descrito em Mateus como “fornalha de fogo” (Mateus 13, 28) e como “lago de fogo e enxofre” (Apocalipse 20,10). Mas o símbolo do fogo é utilizado também para a descrição de Deus: “o nosso Deus é fogo consumidor” (Hebreus,12,29), e a comunhão é tida como o fogo que purifica os dignos e queima os indignos. Por isso, alguns filósofos sugeriam que não existiria nenhum fogo diferente no Inferno, mas o mesmo fogo e calor divinos, que compõem o prazer dos dignos e queima horrivelmente as almas penadas.

Uma das mais famosas e notáveis expressões da idéia do Inferno é representada na *Divina Comédia* de Dante. Nessa obra clássica, de acordo com a gravidade dos pecados cometidos, nove círculos do Inferno compunham a hierarquia dos condenados, ao contrário da hierarquia simétrica dos bem-aventurados no Paraíso.

A imagem do inferno inspirou inúmeros artistas, que tanto expressavam quanto alimentavam o pavor diante do destino do homem após a morte.

---

<sup>54</sup> *The Encyclopedia Americana*, 1956, vol. XIV, p. 81.

## *Paraíso*

Inspirada em inúmeras narrações recorrentes, que remontam a 5000 a.C., encontramos no Livro do Gênesis da Bíblia uma das mais conhecidas descrições do Paraíso.

*Então plantou o Senhor Deus um jardim, da banda do oriente, no Éden; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda qualidade de árvores agradáveis à vista e boas para comida, bem como a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim...*<sup>55</sup>

A história do Paraíso bíblico carrega a ressonância de inúmeras descrições. De acordo com a maioria dos estudiosos modernos, sua origem está em textos escritos por sacerdotes israelitas no período entre os séculos IX e IV a.C. Esses textos, por sua vez, derivam de mitos mesopotâmicos.

A palavra Éden parece ter origem no sumério *E.DIN* e significa *planície fértil*, e o vocábulo Paraíso vem das antigas escrituras do zoroastrismo na Pérsia (antigo Irã) e significa *jardim murado ou fechado*<sup>56</sup>.

Em diferentes culturas a imagem do Paraíso possui praticamente as mesmas características. De acordo com crenças da maioria dos povos, o Paraíso é um lugar de prazer eterno para as almas das pessoas justas, onde se realizam todos os desejos, que junto com expectativas e sonhos, são características naturais da existência humana. Para muitos povos antigos, o Paraíso ou o Jardim do Éden significava o lugar onde as pessoas de virtude repousavam após a morte.

---

<sup>55</sup> Gênesis 2,8-10.

<sup>56</sup> HEINBERG, R. *Memórias e visões do paraíso: explorando o mito universal de uma idade de ouro perdida*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991, p. 171.

Entretanto, o mito do Paraíso não está ligado somente à esperança de um prêmio póstumo. Ele cumpre uma função social, permitindo às pessoas encontrar um ponto de apoio no mundo mutável e incerto e sair, inclusive de modo ideal, para além dos limites do caos, do medo e da preocupação.

A história do Paraíso bíblico consiste em quatro etapas principais: Criação do Paraíso, Vida no Paraíso, Expulsão do Paraíso do primeiro casal humano e Busca do Paraíso Perdido. A última etapa é uma das mais importantes, pois a procura pelo Paraíso perdido simboliza a constante busca das pessoas pela felicidade em todos os lugares e tempos.

Locais comumente vistos como analogias do Paraíso, Jardim do Éden, Jardim das Delícias ou Paraíso Terrestre incluem algumas características principais:

- É cercado
- Tem muitas plantas e água
- O clima é ameno
- Há abundância de alimentos
- Não há guerras, doenças ou morte.

A busca pelo Paraíso Terreno, na tentativa de reencontrar a felicidade perdida, é um dos temas centrais de inúmeras lendas, mitos e religiões. Sua visão magnífica acende a imaginação humana como poucas outras idéias, imagens ou sonhos já fizeram.

*Os grandes empreendimentos da história, como as Cruzadas, a demanda do Graal, o descobrimento e a colonização do Novo Mundo, os movimentos utópicos na literatura e na política, o marxismo e o culto do*

*progresso – todos, de certo modo, estão enraizados no solo do Jardim mítico original [...] <sup>57</sup>*

Para os teólogos da Idade Média, o Paraíso Terreno não era apenas um lugar “intangível, incorpóreo, perdido no começo dos tempos” <sup>58</sup>, nem simplesmente alguma fantasia, e sim uma realidade ainda presente e porventura acessível. Pessoas de diferentes países e culturas acreditavam que, em alguma região distante e de difícil acesso, continuaria a existir realmente esse “sítio de beleza, paz e abundância, essa Terra-sem-Mal à espera de ser descoberta e explorada”. <sup>59</sup>

Inicialmente, no imaginário europeu era a Ásia que abrigava o Paraíso Terrestre. Mas com as descobertas geográficas, o Paraíso “foi-se deslocando ora para o norte, ora para o oeste”, acompanhando o progresso dos conhecimentos geográficos, “até desaparecer já em fins do século XVI, embora não se dissipasse da imaginação popular antes do século XVIII”. <sup>60</sup>

Traçado por numerosos cartógrafos, procurado com muita persistência pelos viajantes, pareceu ter sido encontrado, enfim, nas Américas.

Como se sabe, Cristóvão Colombo acreditava que as ilhas que descobrira estavam muito próximas das portas do Éden.

*[...] e foi deslumbrante ver o arvoredos, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves e a amenidade do clima. Vontade tenho de não mais sair daqui. E, para descrever aos Reis as coisas que vi, não bastariam mil línguas ou mil mãos para escrever [...] <sup>61</sup>*

---

<sup>57</sup> Ibid, p. 5.

<sup>58</sup> HOLANDA, S. B. *Visão do Paraíso*. São Paulo, Edusp, 1969, p. 6-7.

<sup>59</sup> HEINBERG. Op. cit., p. 170.

<sup>60</sup> HOLANDA, S.B. Op. cit, p.14.

<sup>61</sup> COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1998, p.53.

Entre 1645 e 1650, o licenciado português Antônio León Pinelo escreveu um tratado em que definiu a localização “exata” do Paraíso Terreno, bem no centro da América do Sul (que tem formato de coração), dentro de um círculo de 9 graus de diâmetro, que compreende 160 léguas, e 460 de circunferência.

*Enquanto no Velho Mundo a natureza avaramente regateava suas dádivas, repartindo-as por estações e só beneficiando os previdentes, os diligentes, os pacientes, no paraíso americano ela se entregava de imediato em sua plenitude, sem a dura necessidade – sinal de imperfeição – de ter de apelar para o trabalho dos homens. Como nos primeiros dias da Criação, tudo aqui era dom de Deus, não era obra do arador, do ceifador ou do moleiro.<sup>62</sup>*

Os descobrimentos do outro lado do Atlântico alimentaram a esperança de que um renascimento espiritual, longamente ambicionado, talvez fosse produzido pela migração a esse lugar paradisíaco. Mas a partir do “descobrimento” do Brasil, sua imagem começou a se alterar. O conhecimento trouxe o descontentamento. E a admiração exagerada dos primeiros anos de colonização deu lugar à realidade, que logo adquiriu traços exageradamente negativos.

*[...] no século XVI, quando visões paradisíacas e infernais se alternavam no imaginário do europeu colonizador – a primeira, referida basicamente à natureza e ao universo econômico; a segunda, sempre relativa aos homens índios, negros e logo depois colonos. Entre uma e outra, imiscuí-a ainda uma terceira possibilidade: o purgatório. Desvios cometidos na Metrópole eram purgados na colônia através do degredo; colonos desviantes, hereges e feiticeiros eram, por sua vez, duplamente*

*estigmatizados por viverem em terra particularmente propícia à propagação do Mal.* <sup>63</sup>

Frei Vicente do Salvador, o primeiro historiador do Brasil, dizia que “o demônio perdera o controle sobre a Europa – cristianizada durante toda a Alta Idade Média – e se instalara, vitorioso, na outra banda da terra – a América, especificamente o Brasil. A infernalidade do demo chegaria até a colorir o nome da colônia: Brasil, para nosso religioso, lembra as chamas infernais, vermelhas”. <sup>64</sup>

*Paraíso terrestre pela natureza, inferno pela humanidade peculiar que abrigava, o Brasil era purgatório pela sua relação com a metrópole. Homens danados podiam alcançar os céus através do esforço honesto, do trabalho diário, da sujeição à vontade metropolitana. O sistema colonial perpetuava a purgação: lançava sobre a colônia os elementos indesejáveis, prometendo-lhes o Éden [...] e iniciando sua purificação através do exílio ritual representado pela travessia atlântica. Uma vez em terras brasileiras, o colono sonhava com a metrópole distante e enxergava como passageira sua permanência no Novo Mundo: o paraíso prometido se transformava em purgatório.* <sup>65</sup>

### ***Primeiros contatos entre Brasil e Rússia. Relações diplomáticas***

As Relações diplomáticas russo-brasileiras podem ser entendidas como extensão das antigas e boas relações estabelecidas entre Rússia e Portugal ainda em 1769. Os dois países

---

<sup>62</sup> HOLANDA. Op. cit, p.7

<sup>63</sup> SOUZA, L. M. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia da Letras, 1986, p. 17.

<sup>64</sup> Ibid, p. 67.

tinham importantes acordos marítimos e comércio mais intenso do que o da Rússia com a Espanha. Portugal vendia vinho, óleo e produtos coloniais, como madeira, açúcar e café, e recebia da Rússia grãos, ferro, lona, entre outros.

Em busca de novos mercados e de acesso direto aos produtos coloniais, a Rússia, durante longas décadas, aspirava fixar relações diplomáticas com países do Novo Mundo. A mudança do imperador Dom João, em 1808, para o Brasil teve uma importância crucial no desenvolvimento dos contatos com o Brasil, antes completamente fechado para comércio. Apesar de inúmeros problemas e resistência da parte da Inglaterra, que exercia uma enorme influência sobre Portugal, em maio de 1810, foi publicado o primeiro acordo de abertura do comércio russo-brasileiro.

O primeiro cônsul russo na corte portuguesa no Brasil foi o barão Langsdorff<sup>66</sup>, que chegou ao Rio de Janeiro em abril de 1813, encarregado não apenas de ajudar no desenvolvimento do comércio direto entre Rússia e Brasil, mas, muito mais do que isso, em aproximar os dois países. Oficialmente o estabelecimento de relações diplomáticas entre Rússia e Brasil se deu no dia 3 de outubro de 1828, após a proclamação da independência em relação a Portugal.

### ***Imagem do Brasil na Rússia***

O conhecimento sobre a América começou a se formar depois da viagem de Colombo, cuja notícia chegou à Rússia com trinta anos de atraso.

A palavra América é mencionada na Rússia pela primeira vez no século XVI, na tradução das epístolas de Maximilian Transilvana<sup>67</sup> (1523), que descrevia “terras vastas e sem fim” e suas riquezas incontáveis. Décadas mais tarde, Maximo Grego, iluminista russo,

---

<sup>65</sup> Ibid, p. 84.

<sup>66</sup> Barão Heinrich Freiherr von Langsdorff (1774 - 1852) – médico, naturalista, diplomata. Foi o primeiro cônsul da Rússia na corte portuguesa no Brasil.

<sup>67</sup> Maximilian Transilvana foi secretário de Carlos V (1500-1558), rei da Espanha.



escreveu sobre a conversão ao cristianismo de povos do Novo Mundo, promovida por espanhóis e portugueses.

Nas crônicas russas a quantidade de informações originárias de diferentes fontes européias aumentava gradativamente. Na tradução seletiva para o russo das “Crônicas do mundo todo”, publicada em Cracóvia, em 1551, pelo historiador polonês Martin Belsky (1495-1575), o relato dos fatos reais mescla-se com fantasia, criando uma imagem dupla de terras distantes, onde a realidade convive com utopia e ficção.

No século XVIII, devido ao crescente interesse, um grande número de obras geográficas, algumas sobre o Brasil, foram traduzidas para a língua russa. Ao mesmo tempo, houve algumas menções em periódicos. Em 1729, no *Primitichânia k San Peterburgskim Vedomostiam* (Notas ao Jornal de São Petersburgo), foi publicada uma das primeiras notícias sobre o Brasil, com a descrição da cidade de Salvador.<sup>68</sup>

Segundo Leonid Shur, o intercâmbio cultural entre Rússia e Brasil teve início através da literatura de viagem, dos romances de aventura, memórias e relatos orais.

O primeiro romance traduzido, que, de certa forma, permitiu aos leitores russos familiarizarem-se com o Brasil, foi o célebre livro de Daniel Defoe, *Vida e Aventura de Robinson Crusóé*.<sup>69</sup>

Com a publicação em 1762 do livro de Defoe tanto quanto de outras obras parecidas, popularizou-se na Europa e também na Rússia a imagem romântica do distante Brasil, país exótico, com natureza tropical, habitado por valentes índios e escravos negros dominados pelos cruéis portugueses.<sup>70</sup>

Um outro gênero bastante comum na descrição do Novo Mundo foi a literatura de testemunho. Nele, de uma maneira peculiar, uniam-se princípios documentais e artísticos; experiências e observações reais mesclavam-se a fantasias.

---

<sup>68</sup> SHUR, L. A. *Relações Literárias e Culturais entre Rússia e Brasil nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.10.

<sup>69</sup> Ibid, p.16.

<sup>70</sup> Ibid, p. 17.

Desse modo, no século XVIII, a imagem do Brasil como um país exótico dotado de qualidades maravilhosas se estabeleceu na imaginação do público russo, preparando-o para o encontro real.

A primeira visita de navios russos ao Brasil ocorreu em 21 de dezembro de 1803, na ocasião da primeira viagem russa de circunavegação, quando as embarcações "Nadejda" e "Neva", da primeira expedição de circunavegação comandada por Krusenshtern<sup>71</sup>, atracaram no porto de Desterra (atual Florianópolis).

Até a primeira metade do século XIX, foram realizadas cerca de quarenta expedições marítimas russas com passagens pelos portos de Desterra e do Rio de Janeiro. Muitos integrantes dessas viagens, algumas de circunavegação, tiveram a oportunidade de conhecer esse distante país. Alguns deles deixaram diários e anotações com descrições de suas passagens pelo Brasil e, embora se referissem somente a breves episódios das viagens, talvez essas descrições tenham sido as mais vivas e emocionadas.

“Em nenhum outro lugar eu vi uma natureza mais majestosa do que no Brasil”, escreveu N. P. Riézanov<sup>72</sup>, embaixador russo no Japão, durante sua viagem àquele país. “O Brasil é o verdadeiro Paraíso terrestre”, foram palavras de M. I. Rátmanov<sup>73</sup>, ajudante de I. F. Krusenshtern. “O Brasil é um jardim”, diz V. M. Golovnin<sup>74</sup>, que também participou da viagem de circunavegação. “Muitos descrevem a natureza magnífica do Brasil, mas ninguém ainda conseguiu achar palavras capazes de transmitir todo fascínio de sua beleza divina”, assinalava O. E. Kotsébu<sup>75</sup>. Outro marinheiro viajante russo, Fiódor Matushkin<sup>76</sup>, escreveu: “Uma imagem maravilhosa e singular, que só é possível sentir, e nenhum lápis é capaz de

---

<sup>71</sup> Ivan Fiodorovitch. Krusenshtern (1770-1864) – almirante e famoso navegador russo.

<sup>72</sup> Nikolai Petrovitch. Riézanov (1764-1807) – diplomata, membro da Academia de Ciências de São Petersburgo.

<sup>73</sup> Makar Ivanovitch Rátmanov (1772-1833) – oficial da marinha. Participou da primeira viagem de circunavegação russa, sob comando de I. F. Krusenshtern, de 1803 a 1806.

<sup>74</sup> Vassili Mikhailotich Golovnin (1776-1831) – almirante e capitão do navio “Diana”, que ficou ancorado na ilha de Santa Catarina de 9 a 19 de janeiro de 1808.

<sup>75</sup> Otto Evstafievitch Kotsébu (1788-1846) – participou na viagem de Krusenshtern como voluntário no navio “Nadezda”. Visitou o Brasil três vezes. Em 1830, publicou o livro “A nova viagem ao redor do Mundo de 1823 a 1826”.

<sup>76</sup> Fiódor Fiódorovitch Matiuchkin (1799-1872) – visitou o Brasil em 1818. Posteriormente se tornou almirante da marinha russa.

descrever; a imaginação humana é fraca demais para poder expressar todas as belezas da natureza”<sup>77</sup>.

Krusenshtern, Riézanov, Rátmanov, Golovnin, Matiuchkin, Kotsébu, entre outros, pertenciam à elite militar russa da sua época, eram pessoas cultas e instruídas. Seus escritos constituem um interessantíssimo ramo do gênero documental romântico, que possui uma impressionante assonância com os primeiros textos portugueses (os quais eles, certamente, desconheciam) dedicados ao Brasil.

A fertilidade, a abundância, a diversidade e a harmonia aparecem como um *leitmotiv* das primeiras crônicas e testemunhos sobre o Brasil entre XVI e XVII e se repetem nos primeiros testemunhos dos viajantes russos.

Kotsébu, que participou em várias viagens de circunavegação, assinalava em 1823:

*Mudanças incríveis acontecem no estado de espírito de um europeu quando ele se depara com a natureza tropical, mesmo se não for pela primeira vez. Qualquer detalhe em que ele pare o olhar surpreende pela novidade. Aqui, árvores, flores, insetos e até ervas são completamente diferentes dos de seu país. Sua atenção é atraída por formas extraordinárias e cores originais. E principalmente o europeu fica admirado com a infinita abundância, típica desse país abençoado.*<sup>78</sup>

Impressionados com essa natureza generosa, rica, dotada de beleza e força primordial, os russos percebiam esse universo como a realização de um milagre.

---

<sup>77</sup> РОССИЯ И БРАЗИЛИЯ 200 лет знакомства. Свидетельства русских путешественников, ученых, дипломатов, артистов и литераторов. Москва, 2004, стр. 85. (ROSSIA E BRAZILIA 200 Let Znakomstva. Svidetelstva russkikh putechiestvennikov, utchionykh, diplomatov, artistov i literatorov. Moskva, 2004, str. 85).

<sup>78</sup> Ibid, p. 189.

*“Andando devagar pelo jardim, parávamos várias vezes e ficávamos em silêncio, para tomarmos consciência do mundo em que estávamos. Seria possível um mundo desses na face da Terra?”* – escreveu em suas memórias D.I. Zavalishin.

Suntuosas imagens da natureza brasileira são sucedidas por descrições da vida cotidiana, da geografia, história e economia do país, sendo dada maior ênfase ao problema da escravidão.

*Um contraste revoltante ao fascínio da maravilhosa natureza do Brasil nós pareceu a imagem de dois navios negreiros recém-chegados da África...*<sup>79</sup>

*Os negros são trazidos da África para o Rio de Janeiro, de onde os negociantes os levam para toda costa brasileira. Eles são vendidos de acordo com a idade, força e capacidade, por 70 a 200 pesos. À frente da casa de um negociante de escravos, vimos a rua cheia dessas vítimas da avareza. Um pedaço de pano azul [...] os protege do calor e de insetos. [...] As crianças são vendidas separadamente do pai e da mãe [...] O calor do clima local e a falta de ar provocada por grande número de pessoas afligem essas pobres criaturas em sua prisão de tal modo que eles esperam impacientemente o amanhecer e ficam felizes quando são vendidos, pois terão a liberdade de respirar ar puro.*<sup>80</sup>

Mas as primeiras descrições foram feitas pelos russos ainda no início do XIX, durante as expedições e viagens.

---

<sup>79</sup> Rátmanov In: РОССИЯ И БРАЗИЛИЯ 200 лет знакомства. Свидетельства русских путешественников, ученых, дипломатов, артистов и литераторов. Москва, 2004, стр.186. (Rússia e Brasil: 200 anos de Relações. Moscou, 2004, p.186).

<sup>80</sup> Kotsébu, In: РОССИЯ И БРАЗИЛИЯ 200 лет знакомства. Свидетельства русских путешественников, ученых, дипломатов, артистов и литераторов. Москва, 2004, стр. 23. (Rússia e Brasil: 200 anos de Relações. Moscou, 2004, p.23)

A primeira grande expedição científica pelo interior do Brasil ocorreu entre 1822 e 1829 e foi organizada pelo barão Langsdorff. Embora os seus objetivos estivessem nos campos da etnografia e da biologia, foram feitas notas de viagens, desenhos e pinturas, reportagens jornalísticas, ensaios literários, críticas e outros tipos de comentários sobre a política, a economia, a cultura e as tradições do país, muitos dos quais foram publicados na Rússia e em outros países. Em 1828, o próprio Langsdorff publicou um estudo sobre a geografia física do planalto brasileiro, o primeiro tratado desse tipo.

Essa imagem do Brasil, utópica, imprecisa e até abstrata, com traços folclóricos de “um país desconhecido e distante”, onde é possível a realização do mito do Paraíso Terreno, permaneceu de maneira natural e espontânea, provavelmente até meados do século XIX. Mas, devido à contradição entre a perfeição da natureza como criação divina e a perversão do mundo civilizado e a escravidão existentes no Brasil, essa imagem paradisíaca começou a se perder.

*...a perfeição da natureza está contraposta à perversão da civilização e à escravidão. Nessa etapa, o Brasil se transformará num testemunho da queda e perda do Paraíso.<sup>81</sup>*

Os mercados de escravos, a pobreza e as injustiças, com as quais os viajantes se depararam no Brasil, impressionaram seus autores não menos que as belezas. Por esse motivo, a maioria das memórias de viagens e jornais de navegação é uma mistura de belas imagens da natureza, passeios, encontros e curiosidades encontradas durante as viagens e de tristes e até chocantes descrições da maneira como os brancos tratavam os negros e os indígenas.

---

<sup>81</sup> *Tchelovek. Iazik. Iskústvo*. Materiali Mejdunarodno-prakticheskoi konferentsii MPGU. Moscou, Ed.MPGU, 2002, p.183

Apesar de tudo, a imagem do Brasil que se formou na Rússia, em geral, era idílica. O Brasil era visto como um lugar maravilhoso. Mas a partir de meados do século XIX, essa imagem começou a ser explorada com objetivo prático: atrair maior número de imigrantes.

### ***Brasil, o paraíso dos imigrantes.***

Como já havíamos observado acima, as opiniões dos viajantes eram bastante divergentes. E isso se aplica tanto às mais antigas descrições do Brasil quanto às mais recentes. Uma característica comum é que a maioria das impressões era exagerada e acoplava tanto imagens infernais quanto paradisíacas, provavelmente com uma prevalência das últimas.

Além disso, o único grupo de pessoas que descrevia o Brasil pertencia a classes mais elevadas, que desconheciam os problemas e dificuldades enfrentados por outro tipo de imigrantes – na sua grande maioria, pessoas muito simples e pouco instruídas.

Não existe um momento exato na história em que a imagem idílica do Brasil começa a se enturvar. O mais provável é que essa tendência tenha se fortalecido a partir do início do século XIX, com o crescimento econômico do país e o aumento do número de visitantes que tiveram a oportunidade de testemunhar *in loco* a vida no Brasil.

As impressões dos viajantes exerceram um papel importante na formação de uma imagem popular do Brasil, fator que posteriormente ajudou a criar o discurso utilizado na propaganda imigratória e a atrair um grande número de imigrantes.

A partir da segunda metade do século XIX, os primeiros colonos europeus e os milhares de imigrantes que lhes sucederam viajaram para o Novo Mundo na expectativa de recomeçar ali a vida. Ao contrário das impressões dos viajantes, na propaganda imigratória, a imagem do Brasil Paraíso nunca deixou de existir. Nela o clima, as riquezas da flora e da fauna e a simplicidade da vida dos pioneiros, freqüentemente, eram colocados em contraste com os vícios demoníacos do Velho Mundo.

Por exemplo, durante a “febre brasileira”, como foi chamado o período das maiores emigrações para o Brasil, no final do século XIX, chegou a correr na Polônia uma lenda, espalhada por agentes de recrutamento nas aldeias camponesas:

*[...] havia uma terra, encoberta por névoas, desconhecida de todos. Era uma terra onde corria leite e mel. A Virgem de Czestochowa – padroeira da Polônia – ouvindo, compadecida, os apelos que lhe dirigiam os sofridos camponeses, dispersou o nevoeiro e destinou aos emigrantes poloneses a nova terra. Esta terra prometida era o Paraná [...] a Virgem Maria, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. Tal decisão a Virgem Maria havia comunicado ao Papa, o qual, sensibilizado pelo destino da cristandade polonesa, convocara todos os reis e imperadores da terra para sortear a posse de tal território [...] Então, o Papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuísse essas terras aos poloneses.*<sup>82</sup>

Explorando eficientemente a psicologia do camponês, essa propaganda caía em exageros lamentáveis. A fertilidade do solo era apresentada como espantosa. Os frutos tropicais, como laranjas, abacaxis, bananas, etc., tidos então na Europa como acessíveis apenas aos ricos, eram apresentados como se tivessem tamanho fora do normal e fossem colhidos no Brasil em tal abundância, que era possível alimentar-se somente deles durante um ano inteiro. Para atrair os compradores de terra, os cartazes de propaganda não poupavam as eloquências. A tropicalidade do clima brasileiro era, por sua vez, apresentada como fator de economia. No contexto da propaganda imigratória, o Brasil possuía características não só de um lugar delicioso e aprazível, como um Paraíso Terreno, mas também de um lugar pródigo em riquezas, um Eldorado, símbolo de enriquecimento material.

Foi então essa mistura das imagens do Paraíso Terreno e do Eldorado “vendida” ao imigrante por meio da propaganda.

Quando, em meados da década de 1920, o problema da mão-de-obra já estava praticamente resolvido, a imigração deixou de ser um assunto privilegiado pelo governo brasileiro. A imagem do Paraíso Terreno continuou a ser explorada apenas em algumas ocasiões.

Observamos isso no caso da colonização da região de Londrina, fundada em 1929 por uma companhia imobiliária privada, de origem inglesa (Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP), durante a expansão da frente cafeeira. A fertilidade da terra, a rápida prosperidade, o acesso facilitado à propriedade agrária, a riqueza propiciada pela agricultura e a natureza maravilhosa eram os elementos que compunham as representações da cidade e da região.

*Quem chega a este planalto verde e defronta-se com uma cidade dentro da mata sente-se impulsionado a crer mais no futuro de Londrina que no seu próprio presente, já de si tão próspero [...] A divisão agrária (?) que nos caracteriza funda lares felizes por todos estes espigões e encostas, rodeando-os de uma abastança de Terra da Promissão!*<sup>83</sup>

Com a difusão da idéia da existência de uma Terra de Promissão numa determinada região, a empresa colonizadora atraía compradores de lotes e propagava a possibilidade de desenvolvimento moderno no meio do Paraíso primordial, realizado por novos “conquistadores”, depois de uma viagem rumo a esse lugar utópico e real ao mesmo tempo.

Para Thomas Mann<sup>84</sup>, o paraíso era a realização dos ideais contraditórios dos seres humanos, um lugar onde se encontram dois tipos de existência: a habitual e a maravilhosa. O mito do paraíso satisfaz a necessidade humana de ordem e milagre.

---

<sup>82</sup> A REPRESA E OS COLONOS. Cadernos o patrimônio. Serie Estudos 2. Curitiba, 1986, p.23.

<sup>83</sup> Jornal Paraná Norte. 03/01/1936, p.13



*Um paraíso incrustado na floresta virgem e misteriosa que aguarda ansiosamente os novos conquistadores, os novos homens, oriundos de todos os lugares, que embarcarão rumo ao desconhecido para mais uma vez tentar “fazer a América”, [...] num estranho continente de contorno incerto, num mapa de imaginação”.*<sup>85</sup>

O mito do paraíso é uma forma de poetização, que transforma o medo diante do incomum numa expectativa, superando assim a falta de milagres na vida real.

Ao chegar ao Brasil e encarar a realidade, os imigrantes descobriam que o país não era o Paraíso almejado. As riquezas não brotavam da terra da maneira imaginada. Para consegui-las, era preciso trabalhar duro e de maneira bastante diferente tanto daquela que eles conheciam na Rússia quanto da que imaginavam encontrar no Brasil. Para muitos imigrantes, até o início do século XX, as dificuldades dos primeiros anos no Brasil iam muito além do aprender outra língua e cultura – significava domar, desbravar, conquistar, evitando bichos e doenças desconhecidas. A verdade é que o esforço para alcançar o sucesso era tão grande quanto em qualquer outro lugar, mas muitos daqueles que tinham ouvido a propaganda imigratória simplesmente não estavam preparados para a realidade. Por isso as imagens exageradamente boas transformavam-se em excessivamente negativas. O clima ameno tornava-se um calor insuportável, a natureza abundante virava um inferno indomado e selvagem, as frutas tropicais pareciam estranhas e, às vezes, até desagradáveis ao paladar dos europeus.

E da mesma maneira como acontecera com os primeiros viajantes e colonizadores, o Paraíso Terreno se deslocava no imaginário dos imigrantes. Frequentemente, talvez pela falta de opções, o país de origem, de onde tinham sido obrigados a sair por causa de diversos problemas, assumia as qualidades ideais.

---

<sup>84</sup> MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000, p.45.

<sup>85</sup> ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930-1975*. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 32.

O Paraíso Terrestre parece sempre escapar como um sonho, deslocando-se para algum lugar onde não estamos. Mas a nostalgia do paraíso terreno continua a existir até os dias de hoje, impulsionando a imaginação humana e estimulando a sua busca.

### CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS IMAGENS EDÊNICAS E INFERNAS NOS LIVROS DE GUTMANN E RÉBRIN

#### *O Paraíso brasileiro de Janis Gutmann.*

Um exemplar do livro de Janis Gutmann *A Vida dos colonos no estado de São Paulo*, publicado em 1908, encontra-se guardado na Biblioteca Nacional de São Petersburgo, na Rússia.

De acordo com o pouco que foi possível descobrir a respeito desse autor, João ou Janis Gutmann foi um leito luterano. Gutmann “tinha uma função de agente de imigração junto à Secretaria de Agricultura, na Antuérpia (Países Baixos), mas, naquela ocasião, se encontrava na sucursal em Londres, a fim de providenciar a vinda de imigrantes letos para o estado de São Paulo, mais precisamente para as colônias Nova Odessa e Jorge Tibiriça, em Corumbataí, em 1906.”<sup>86</sup>

Analisando o livro de Gutmann como um todo, podemos presumir que seu autor teve uma boa formação, pois o texto foi redigido de maneira clara e objetiva, mas sem sofisticações estranhas aos leitores, os quais ele mesmo determina como agricultores interessados em emigrar para o Brasil.

Além de informações gerais sobre o Brasil, Gutmann traz ao seu público os decretos emitidos pelo Governo do Estado de São Paulo nos anos de 1905 e 1907, que ordenam a fundação e determinam as condições do funcionamento das colônias agrícolas Nova Odessa (criada especialmente para imigrantes russos), Jorge Tibiriça, Nova Europa, Nova Paulicéia e Conselheiro Gavião Peixoto, onde os imigrantes da Rússia também podiam se estabelecer, comprando lotes. Na tradução dessas atas, são verificados todos os detalhes de tamanho de lote, preços, condições de pagamento e os compromissos firmados entre os colonos e o Governo do Estado.

---

<sup>86</sup> SANTOS NETO, José Moraes dos. *Nova Odessa. 100 anos de terra fértil, os frutos do progresso*. Campinas: Ed. Komedi, 2006, pág. 18.

Logo na primeira leitura, o caráter propagandista da obra torna-se evidente. No livro, ilustrado com fotos e dividido em pequenas partes, concebido com o objetivo de descrever, da melhor maneira, o Estado de São Paulo do início do século XX, encontramos todos os elementos que compõem a imagem do paraíso.

O livro foi muito bem compilado e combinado com fotos tiradas no Brasil. Abrindo qualquer página, do lado esquerdo, pode-se ver uma das dezoito fotos tanto dos diferentes tipos de lavoura, das pessoas trabalhando e suas casas, quanto de cartões postais da cidade: parque, praça, universidade etc. As fotos da lavoura são compreensíveis e familiares para agricultores. E as outras, onde são vistas belezas parecidas com as de grandes cidades da Rússia, atraem porque simbolizam o progresso.

Levando em consideração que, em 1917, na Rússia, somente 25% dos homens adultos eram alfabetizados (entre as mulheres, esse índice era ainda mais baixo)<sup>87</sup>, torna-se evidente a importância das imagens no texto. Desse modo, quase metade do livro é composta de fotografias, e as restantes vinte e duas das quarenta páginas são ocupadas por descrições do Brasil.

Em 1908 criar uma imagem positiva do Brasil para atrair os imigrantes não era suficiente. Naquela época, na Rússia, já se sabia mais sobre o Brasil por causa da imigração em massa no final do século XIX. As notícias, tanto boas quanto ruins, chegavam à Rússia. A maior parte da má fama se formou devido à ganância dos agentes de imigração, para os quais um maior número de imigrantes significava maiores lucros; por isso eles não se furtavam a fazer qualquer tipo de promessa. As atividades das agências de imigração, que funcionavam em muitas cidades européias, inclusive na Rússia, chegaram a ser proibidas.

*As atividades extremamente inescrupulosas desses escritórios e dos seus agentes de emigração para o Brasil atraíram, a seu tempo, a atenção do governo russo. Foi ordenado ao escritório de Petersburgo o*

*encerramento das suas atividades, e a migração para o outro lado do oceano Atlântico aparentemente cessou. (Rébrin)*<sup>88</sup>

Desde o início do livro, o emprego de alguns métodos simples, mas eficazes, ajudam Gutmann. Mostrando-se competente e imparcial, ele consegue se aproximar dos leitores.

Ele se apresenta como um conterrâneo e ex-colono que, preocupado com o destino dos seus compatriotas, empreendeu a iniciativa de escrever um tipo de manual de instruções, especialmente para quem tem a intenção de imigrar.

*[...] eu próprio, que fui para esse país na qualidade de colono, morei lá por alguns anos e conheci em pormenores as condições da vida local, considero minha obrigação publicar esta breve, mas verídica, descrição da vida dos colonos no Estado de São Paulo, no Brasil, estando plenamente convencido de que o meu trabalho não só será útil para os meus conterrâneos, mas também fará desistir da viagem um ou outro caçador de felicidade (Gutmann)*

O principal objetivo de Gutmann era conseguir imigrantes agricultores da Rússia para a colônia Nova Odessa. Mas depois das primeiras experiências malsucedidas, quando no lugar de agricultores vieram artesãos, trabalhadores fabris e pessoas de outras profissões estritamente urbanas, que rapidamente abandonaram a colônia, o agente precisava tomar cuidado.

*A maioria dos imigrantes são artesãos e trabalhadores fabris. Eu peço encarecidamente a essas pessoas que não viajem para São Paulo, embora sejam trabalhadores esforçados e cheios de energia. É preciso que*

---

<sup>87</sup> VEKA, A. V. *História da Rússia*, p. 715.

<sup>88</sup> Outros trechos dos livros de Gutmann e Rébrin serão indicados também apenas pelo nome do autor.

*saibam: São Paulo é um Estado especificamente agrícola, e a lavoura é o único meio de viver e prosperar. Quem não estiver acostumado ao trabalho rural e à vida de camponês encontrará ali só sofrimento e decepção.*  
(Gutmann)

Gutmann tinha que fazer um malabarismo para, de um lado, desestimular trabalhadores urbanos e o tipo de imigrante “caçador de felicidade leviano, que [...] quer enriquecer sem esforço” e, de outro, deixar evidente aos agricultores que não havia lugar melhor para alcançar a prosperidade do que o Estado de São Paulo.

*[...] freqüentemente, as pessoas lêem algumas coisas sobre as inesgotáveis riquezas naturais desse país [Brasil], porém, elas têm uma idéia errada sobre a vida dos colonos no Estado de São Paulo, emigram para lá e se submetem a sofrimentos e decepções inúteis, unicamente porque elas mesmas não servem para esse país.* (Gutmann)

Nesse trecho encontramos um conjunto de mensagens importantes. A prova das “boas” intenções de Gutmann está não só na sua tentativa de dar um testemunho “verídico” sobre a vida dos colonos no Estado de São Paulo. Ele insiste que não quer enganar ninguém e por isso contém o interesse de alguns grupos de pessoas, prevenindo-as de um passo que poderia lhes custar muito caro, no caso, a emigração para o Brasil. Assim o autor se demonstra preocupado com o destino do leitor e ganha créditos de confiança. Ao mesmo tempo, consegue sutilmente alcançar um dos seus objetivos – impedir a vinda dos imigrantes de profissões indesejáveis.

Assim, nessa descrição, há momentos que despertam o interesse e a confiança dos leitores: em primeiro lugar a afirmação de que o Brasil tem *inesgotáveis riquezas naturais* e, em

segundo, a aparente imparcialidade do autor, que admite que nem todos podem obter sucesso no Brasil.

Após deixar claro que o Estado de São Paulo precisava de agricultores, Gutmann começa a descrever as condições de vida local, criando a imagem de um lugar onde, junto com coisas compreensíveis e normais, acontecem coisas fantásticas.

Em primeiro lugar, ao contrário do que pressupõe a localização nos trópicos, segundo Gutmann, o Estado possui “*um clima muito ameno, saudável e agradável*”. Ele acrescenta que “*semelhante clima é muito favorável à saúde*” e, para provar, apela aos dados estatísticos, que mostram índice alto de natalidade e baixo de mortalidade.

Os dados estatísticos e a localização geográfica do Brasil e do Estado de São Paulo são um tipo de informação que, dificilmente, poderia ser compreendida por todos os leitores desse livro. Mas no meio dessas passagens relativamente difíceis, encontram-se importantes frases-chave, que todos têm capacidade de entender: *terra muito fértil, a mais rica e a mais desenvolvida, crescimento extraordinário etc.*

O mesmo vale para descrições e regras de cultivo de algumas culturas tropicais. Embora os agricultores russos não tivessem idéia do que era cana-de-açúcar, mandioca, aipim, cacau ou maniçoba, frases específicas, como os *preços são muito altos e até incríveis, vender os seus produtos com muito lucro, grandes rendimentos, ganhos vantajosos etc.*, ajudavam a atenuar essa impressão e a despertar o interesse.

Apesar de a maior parte do livro estar dedicada à tradução dos decretos da fundação das colônias e à descrição do modo e das condições de trabalho, encontramos muitos indícios e elementos que compõem a imagem do Brasil Paraíso.

Como Adão e Eva no Éden, os imigrantes recém-chegados não precisam construir uma casa “*porque aqui o clima é sempre quente. Nos primeiros tempos, pode passar-se com a construção de algum coberto, só para se proteger da chuva e do sol*”. O espaço das colônias possui outras características edênicas: são territórios demarcados (cercados), muitas vezes no

meio da floresta. As condições climáticas agradáveis e a abundância de água e terra fértil são requisitos que garantem o crescimento rápido e fácil de qualquer planta, fruta ou qualquer outro bem da terra. Tudo isso, em conjunto, compõe a imagem edênica. Além disso, o clima agradável durante o ano todo traz inúmeras vantagens.

*...um país com eterno verão, onde o gado encontra alimento farto no campo durante o ano inteiro, onde as galinhas botam ovos o ano inteiro, onde a batata é plantada até duas vezes ao ano e a fertilidade do solo proporciona sempre colheitas ricas". (Gutmann)*

Outra qualidade edênica é a facilidade com que as coisas são obtidas. Segundo Gutmann nenhum tipo de trabalho exigiria dos colonos esforço em demasia.

*Dada a peculiaridade das culturas brasileiras, até crianças de dez anos podem, com grande êxito, participar na plantação e na colheita de cereais do lugar, porque tal trabalho não exige nenhum esforço físico, e as crianças executam-no brincando. (Gutmann)*

Gutmann chega a afirmar que, ao contrário de todos os outros lugares, no Brasil a derrubada de árvores é um trabalho muito fácil.

*Transformar floresta em campo não é uma tarefa tão difícil como na Rússia. Um trabalhador pode facilmente derrubar uma dessiatina de mata no Brasil em 10 a 12 dias... (Gutmann)*





Derrubada de uma Figueira Branca.

Na verdade, derrubar mais de um hectare de floresta em duas semanas é uma tarefa impossível. O testemunho de um machadeiro que trabalhou na região do Norte do Paraná, na década de 1930, contesta as palavras de Gutmann. Para derrubar a mata, eram necessários muitos homens fortes e bem preparados.

*A mata virgem não admitia os fracos. O trabalho requeria, além de habilidade e inteligência, conhecimento dos segredos da floresta. Manejar o machado, a cunha, a serra, eram tarefas que requeriam experiência, tenacidade, saúde e agilidade. Não raras vezes a árvore ao cair podia atingir os menos avisados. (Gutmann)*

Às vezes o próprio autor chega a contrariar suas declarações anteriores. Apesar de todas as facilidades, benefícios oferecidos pelo Governo do Estado e as condições naturais muito favoráveis, *o colono não deve ter medo de morrer de fome aqui nos primeiros tempos difíceis.*

Uma parte grande do livro está dedicada à descrição do progresso alcançado no Estado de São Paulo, um lugar onde há:

*...galerias de arte, hotéis baratos ou caros e, também, dados estatísticos sobre exportação e importação das mercadorias, enormes*

*circulações monetárias nos bancos locais, grandes lucros das estradas de ferro, inclusive jazidas de zinco e carvão em pedra e outras iguais coisas boas... (Gutmann)*

As imagens do progresso estão nas fotos e no corpo do texto. Nos pequenos capítulos do livro encontramos descrições de um lugar onde há completa igualdade de classes, liberdade de credo e de expressão e que já é bem desenvolvido, mas que presencia um “...crescimento extraordinário” econômico, educacional e cultural.

A essência do todo livro está nos adjetivos. Extraordinário, surpreendente, incrível são vocábulos que contêm a mensagem: pelas qualidades naturais o Brasil é a realização real do conto maravilhoso ou do Paraíso Terreno e pelas riquezas que oferece com pouco esforço é um Eldorado.

*Para as condições russas, isso parece inverossímil, mas é realmente assim, e não à toa o Brasil é chamado de país das maravilhas.  
(Gutmann)*

Junto com a imagem do Brasil *país das maravilhas* ou Paraíso, por causa das suas condições climáticas e riquezas naturais, há um outro Brasil, o Eldorado. De acordo com Gutmann, esse Eldorado dos agricultores encontra-se no Estado de São Paulo, devido às ótimas condições climáticas, terra fértil, variedade de opções de trabalho, bons pagamentos e inúmeras vantagens e facilidades oferecidas para imigrantes pelo Governo. Além disso, é um país rico, civilizado, que está no caminho do progresso. Um *país que, certamente, terá um grande futuro*, e em nenhum sentido perde para a Rússia.

O Brasil de Gutmann se revela um verdadeiro paraíso. No entanto, o elogio desbragado não é explícito e direto. As várias alusões a uma terra edênica revelam-se mescladas a preços dos

produtos agrícolas e Atas de Fundação das colônias. Temendo não despertar credibilidade, Gutmann, ao celebrar em demasia no texto as qualidades ideais do país, pondera e alerta para os obstáculos dessa plena adaptação. Em resumo, nem todos podem ser felizes no Estado de São Paulo. O Brasil de Gutmann é o Paraíso dos agricultores.

### **PALAVRAS QUE SUSTENTAM A NOÇÃO DE ELDORADO E PARAÍSO.**

**A IMAGEM DO BRASIL ELDORADO:** riquezas, rico, enormes circulações monetárias, grandes lucros, gratuito, altos preços, fartura, vantagem, grande futuro.

**A IMAGEM DO BRASIL PARAÍSO:** inesgotáveis riquezas naturais, clima agradável e saudável, com verão ininterrupto, terra fértil, abundância de florestas e água e outras palavras, tais como: abundância, estranho, fácil, fertilidade, incrível, liberdade, maravilhas.

**JANIS GUTMANN**

**VIDA DOS COLONOS NO ESTADO DE SÃO PAULO DO BRASIL.**

**VIDA DOS COLONOS NO ESTADO DE SÃO PAULO DO BRASIL.**

**Riga: Tipo -litografia L.Grentsal 1908.**

**Tipo -litografia L.Grentsal, antigo “Goutenberg”.**

**Riga, Bolchaia Sobornaia ylitsa, N6.**

INTRODUÇÃO

Já foram publicadas, nas mais diversas línguas, muitas descrições do Estado de São Paulo no Brasil, onde se encontram informações mais ou menos precisas sobre este país que, certamente, terá um grande futuro. Todos esses livros são trabalhos de cientistas, estatísticos, pesquisadores e viajantes. Porém existe um grande déficit de descrições compostas a partir do ponto de vista do colono – pequeno proprietário rural, o qual se interessa menos pela história e literatura deste país, galerias de arte, hotéis baratos ou caros e, também, dados estatísticos sobre exportação e importação das mercadorias, enormes circulações monetárias nos bancos locais, grandes lucros das estradas de ferro, inclusive as jazidas de zinco e carvão em pedra e outras iguais coisas boas, do que as condições de vida que um colono tem de levar em consideração.

A falta de descrições explica por que, tão freqüentemente, as pessoas que leram alguma coisa sobre as inesgotáveis riquezas naturais deste país [Brasil], possuem uma opinião errada sobre a vida dos colonos no Estado de São Paulo, emigram para lá e submetem se a sofrimentos e decepções inúteis, unicamente porque eles próprios não servem para este país. Por esse motivo e também porque eu próprio fui para esse país na qualidade de colono, morei

lá por alguns anos e conheci em pormenor as condições da vida local, considero minha obrigação publicar a presente, breve mas verídica, descrição da vida dos colonos no Estado de São Paulo, no Brasil, estando plenamente convencido não só de que o meu trabalho será útil para os meus conterrâneos, mas também de que fará desistir da viagem um ou outro buscador da felicidade.

A maioria dos imigrantes são artesãos e trabalhadores fabris. Eu peço encarecidamente a essas pessoas que não vão a São Paulo, embora sejam trabalhadores esforçados e cheios de energia. É preciso que saibam: São Paulo é um Estado especificamente agrícola e a lavoura é o único meio de viver e prosperar. Quem não estiver acostumado ao trabalho rural e à vida de camponês encontrará ali só sofrimento e decepção. Não basta ser dotado de forças para trabalho na lavoura. O principal é que as necessidades vitais e a maneira de encarar a vida de um trabalhador fabril assalariado são completamente diferentes das de um camponês independente. O operário fabril está acostumado a trabalhar mediante um pagamento determinado e distribuir os seus gastos até ao próximo salário, ao passo que o colono independente não recebe ordenado e é obrigado a calcular por meses e até anos inteiros. Se ele planta, por exemplo, uma árvore frutífera, vai colher frutos somente após alguns anos. Essa diferença entre as maneiras de viver é a principal causa, pela qual os trabalhadores assalariados da cidade, embora acostumados com o trabalho físico pesado, não alcançam tanto êxito como os colonos de São Paulo.

Além do mais, uma mulher habituada a morar na cidade, dificilmente será apta para viver em uma colônia. Para ela, será mais fácil comprar um copo de leite com dinheiro vivo do que perder tempo com um animal estúpido, ordenhando uma vaca.

O problema fica maior ainda quando um trabalhador da cidade chega à colônia, com a sua família e sem recursos suficientes para comprar, pelo menos, uma vaca. Nesse caso, ele deverá desistir do consumo de leite, que em São Paulo é caro em demasia: custa 400 réis ou 24 copeques uma simples garrafa. Para um camponês pecuarista este preço é muito lucrativo,

mas para um pobre morador da cidade este preço causa desespero. Além disso, nas colônias não há ruas asfaltadas nem iluminação noturna, comodidades às quais um morador da cidade está acostumado.

Outro tipo de imigrante é o caçador de felicidade, leviano, aquele que leu sobre as inesgotáveis riquezas naturais do Brasil e agora quer enriquecer sem esforço. Pessoas assim também não servem ao Brasil. É verdade que o seu solo é muito fértil e que há todas as condições para a prosperidade dos colonos: clima agradável e saudável, com verão ininterrupto, terra fértil, com abundância de florestas e água, altos preços para os produtos agrícolas. Contudo, sem trabalho árduo e persistente a terra aqui produz só espinhos.

Também não posso aconselhar a emigrar para São Paulo as pessoas completamente pobres, ainda que sejam bons trabalhadores e agricultores autênticos. Pois, para começar uma vida independente é preciso ter, pelo menos, 200-300 rublos. Sem esse referido capital mínimo, será muito difícil começar uma nova vida no Estado de São Paulo.

Ainda tenho de assinalar que somente famílias inteiras podem ser colonos. A experiência prova que homens solteiros nunca conseguem bons resultados como colonos independentes.

Finalmente, devo chamar a atenção dos imigrantes para outra circunstância. Aquelas pessoas que sofrem de alguma doença contagiosa, principalmente a Tracoma, não estão autorizadas a viajar para o Estado de São Paulo. Essa doença só pode ser diagnosticada por um médico formado, por isso, antes de começar a pensar em emigrar, convém mostrar os olhos de todos os membros da família a um médico, para se certificar. Aqueles, cujos olhos estão doentes, devem primeiramente curá-los, e só depois viajar.

Aqui estão as observações que eu achei necessário fazer, especialmente na introdução do meu livro e, de modo geral, peço a cada um, não pensar sobre nessa empresa de modo leviano e não deixar a sua pátria sem necessidade especial. Quem realmente precisa de emigrar e tem a intenção de viajar para o Brasil pode, com toda a confiança, pedir o meu

conselho e as devidas informações imediatas, pois eu tenho como objetivo oferecer esse serviço aos emigrantes gratuitamente, para poupá-los de possíveis erros e decepções.

Até ao fim de 1909, tenciono permanecer em Londres e o meu endereço é o seguinte:  
Mr. J.GUTMANN, 4, Newnham Street, Lems Street, London E., England.

Depois, no Brasil:

BRAZIL. Cidade SÃO PAULO, Jornal Germania, Sr. J.Gutmann.

Entretanto, ainda que após alguns anos, podem endereçar todas as cartas para mim exclusivamente em Londres, pois elas serão sempre enviadas para mim esteja eu onde estiver.

LONDRES, maio de 1908.

Autor.

## **Vida dos colonos**

**no**

## **Estado de São Paulo do Brasil**

**Autor: Ivan Gutmann**

### **a) Clima e localização geográfica.**

São Paulo é um das vinte unidades federais dos Estados Unidos do Brasil e encontra-se entre 20-25° de latitude sul. Deste modo, ele está situado metade na zona temperada, metade na zona tropical do globo terrestre. Em consequência dessa posição tão próxima à linha de Equador, muitos acham que o clima no Estado é extremamente quente. Entretanto, esse é um grande erro, pois é preciso saber que o clima de um país depende não só da sua posição geográfica no globo terrestre, mas, principalmente, da posição mais ou menos elevada da superfície da terra sobre o nível do mar.



Todo o Estado de São Paulo, com exceção de uma faixa litorânea muito estreita que, aqui, não está sendo levada em conta de modo nenhum, é formado exclusivamente por uma elevada planície com colinas, a uma altura de um a três quartos de *versta*<sup>89</sup> da superfície do mar, e essa planície é refrescada pelos ventos marítimos dominantes.

Assim se explica o fato de que o Estado de São Paulo, apesar da sua proximidade ao equador, não possui em absoluto o clima tropical, mas pelo contrário um clima muito ameno, saudável e agradável.

A temperatura média no Estado, de acordo com observações meteorológicas realizadas nos últimos 15 anos, é de 17° no verão e, no inverno, de 12° acima de zero de Réaumur<sup>90</sup>, sendo que a temperatura raramente excede os 22°, e o maior calor, que eu uma vez tive de experimentar em São Paulo, foi de 27 1/2° de Reomure na sombra.

O maior frio acontece, às vezes, nas noites de inverno e chega a 2° abaixo de zero de Reomure. Fica claro que semelhante clima é muito bom para a saúde, e isso se confirma na realidade. De acordo com dados estatísticos, no Estado de São Paulo, o número de nascidos quase sempre fica metade maior do que o de falecidos, o que, muito raramente, pode repetir-se em outro lugar. Assim, no passado ano 1907, por exemplo, no Estado de São Paulo, o número de nascidos foi de 97.229 contra 58.821 de falecidos. Os números falam por si próprios.

No que diz respeito a chuvas, de acordo com observações realizadas, acontecem por ano na quantidade de 1300 milímetros, dos quais dois terços caem nos meses de primavera e de verão, e produzem influência positiva sobre as plantações, já que juntos colaboram o calor e a terra muito fértil, os principais fatores para o desenvolvimento das plantas.

---

<sup>89</sup> Antiga medida de distância russa. Uma *versta* é igual a 1,0668 km. (N. da T.)

<sup>90</sup> RÉAUMUR, R.A. (1683-1757). Naturalista francês, membro de Academia de Ciência de Paris. A medição de temperatura proposta por ele parte do princípio de que, entre os pontos de congelamento e de fervura da água, há uma diferença de 80°. (N. da T.)

As estações do ano, no Brasil, não caem nos meses que as conhecemos na Rússia. A primavera acontece em Setembro, Outubro e Novembro, o verão, em Dezembro, Janeiro e Fevereiro, o outono, em Março, Abril e Maio, e o inverno, em Junho, Julho e Agosto.

#### **b) Área e população.**

O Estado de São Paulo ocupa uma área de 280 000 km<sup>2</sup> ou, de acordo com medidas russas, cerca de 250 000 *versta*<sup>2</sup> e tem aproximadamente 2 ½ milhões de habitantes. Comparando o Estado de São Paulo, por exemplo, com *Kievskaja gubernia*, ele é aproximadamente seis vezes mais vasto do que ela. Entretanto, de população, a *Kievskaja gubernia* é povoada nove vezes mais densamente do que o Estado de São Paulo. Na *Kievskaja gubernia*, em cada *versta* quadrada vivem 80 pessoas, já no Estado de São Paulo, somente nove. Deste modo, para que a população de São Paulo alcance a densidade da *Kievskaja gubernia*, lá há lugar para mais de 17 milhões de moradores.

#### **c) Situação Econômica.**

**São Paulo** é considerado, com todo o direito, a mais rica e a mais desenvolvida unidade federativa de todas as vinte dos Estados Unidos do Brasil. A terra é extremamente fértil, e a parte povoada do Estado já está coberta por uma densa rede de estradas de ferro. A extensão de todas as estradas de ferro agora, é de mais de 4.000 quilômetros. Nenhum outro Estado do Brasil possui uma rede ferroviária e rodoviária tão densa.

O governo funda colônias agrícolas, de preferência, perto das estradas de ferro. Isso é muito importante para o desenvolvimento das colônias, pois facilita muito para os colonos o envio da sua produção para a venda nas cidades e outros povoados. Entre as fundadas nos últimos tempos, estão as colônias russas, Nova Odessa, que se encontra perto da estação da estrada de ferro com o mesmo nome, Jorge Tibiriçá, que está localizada perto de duas

estações chamadas Corumbataí e Ferraz, e as mais novas colônias: Nova Europa, Nova Paulicéia e Conselheiro Gavião Peixoto, que também ficam perto das estações de trem com os mesmos nomes.

A capital do Estado é a cidade de São Paulo, que possui atualmente 300.000 habitantes. Há vinte e cinco anos atrás, essa cidade tinha somente 40.000 moradores. A causa desse crescimento extraordinário é justamente o caminho do progresso econômico, no qual o Estado de São Paulo ingressou há algumas décadas atrás. Além disso, dentro do Estado, perto de todas as colônias, existem cidades com algumas dezenas de milhares de habitantes, onde os colonos podem, sempre com muito lucro, vender os seus produtos. Depois, no centro de cada colônia, está reservado lugar para a fundação de uma nova cidade. As atuais colônias estão afastadas da capital São Paulo: Nova Odessa a 136 quilômetros, Jorge Tibiriçá a 222 quilômetros e as novas colônias com a distância de aproximadamente 350 quilômetros. O quilômetro, segundo as medidas russas, é um pouco menor de que uma *versta*.

Os preços dos produtos agrícolas nas cidades são sempre muito altos e, de acordo com informação recebida na cidade de São Paulo, atualmente predominam os seguintes preços:

Caneca de leite (2 garrafas) – 48 copeques (800 réis);

Um quilo de manteiga fresca (2 ½ funt<sup>91</sup>) – 2 rublos e 40 copeques (4 mil réis);

Uma dúzia de ovos – 72 copeques (1 mil e 200 réis);

Um saco de batatas (3 pud<sup>92</sup>) – 6 rublos (10 mil réis);

Um saco de milho (3 pud) – 5 rublos e 40 copeques (9 mil réis) etc.

É evidente que os preços são muito altos e até incríveis para um país com eterno verão, onde o gado encontra alimento farto no campo durante o ano inteiro, onde as galinhas

---

<sup>91</sup> Antiga medida russa de peso, equivalente a 409,5 gramas. (N. da T.)

<sup>92</sup> Antiga medida russa de peso, equivalente a 16,3 kg. (N. da T.)

botam ovos o ano inteiro, onde a batata é plantada até duas vezes ao ano e a fertilidade do solo proporciona sempre colheitas ricas.

Mas isso tem a sua explicação, no fato de que todo o país até agora se ocupou quase somente com a cultura do café, e de que todos os outros produtos, até a cebola e a batata, eram trazidos do exterior. Por mais estranho que pareça, é realmente assim. Podemos supor que os grandes latifundiários do Estado de São Paulo ficarão principalmente com a cultura do café, porque, para eles, seria prejudicial demais eliminar suas plantações de café, erguidas com o trabalho de longos anos e com dispêndio de grandes capitais, para passar a outras culturas.

Já os pequenos proprietários rurais produzirão os outros produtos que, então, não será preciso importar. O dinheiro ficaria no país e seria utilizado para futuros trabalhos culturais e de extração. Desse modo, ambas as partes ficariam bem e isso contribuiria, principalmente, para beneficiar o desenvolvimento econômico do país.

#### **d) Culturas locais e pecuária.**

No Estado de São Paulo, é possível se ocupar de muitas culturas e produções, mas, de acordo com a situação local, o mais vantajoso ramo de economia para o colono – pequeno proprietário rural – é a pecuária. O gado não é de baixa qualidade mas, até então, só foi mantido para corte. As vacas são raramente ordenhadas, sendo que os bezerros eram permitidos (a se aproximar) do outro lado, ao contrário as vacas não davam leite. Mas os colonos letonianos e estonianos, extirparam nas suas propriedades, esse mau hábito e obtêm das suas vacas não menos leite do que na Rússia.

Não há necessidade de preparar feno para o inverno, porque o gado acha o alimento no campo durante o ano inteiro. Ainda assim, quem quer trabalhar com a produção de leite e ter êxito, deve plantar ervas forrageiras, ao que é possível segar 5 a 6 vezes ao ano.

Uma boa vaca custa aqui de 100 a 150 mil réis (de 60 a 90 rublos), enquanto que o bom gado de corte pode comprar-se pela metade desse preço.

O mesmo valor da vaca leiteira vale aqui também um animal de trabalho, mula ou cavalo.

Ao lado da pecuária, a avicultura é muito lucrativa. Uma galinha ou pata é possível comprar por 1 500 réis (90 copeques). Os gansos custam duas vezes mais e os perus são quatro vezes mais caros. A suinocultura também é muito importante, porque, para alimento dos porcos, crescem em abundância variadas raízes comestíveis, por exemplo, batata, batata-doce, mandioca, aipim, taiá, cará, inhame e outros, que também representam um alimento muito nutritivo também para as pessoas.

Entre os cereais, o mais importante é o milho. Com milho e mandioca podem criar-se porcos muito rápido.

Além disso, a cultura de cana-de-açúcar oferece grandes rendimentos.

De acordo com os dados estatísticos, são trazidas de outros lugares para o Estado de São Paulo mais de 800.000 sacos de açúcar, já que a cultura da cana-de-açúcar no local será muito lucrativa.

O arroz, o algodão e a aramina<sup>93</sup> também nascem perfeitamente bem. A aramina é uma planta especial de fibra, parece-se com o cânhamo<sup>94</sup>, mas com uma fibra mais macia e sedosa. A cultura de aramina promete grande futuro em São Paulo, porque representa um material muito valioso para a produção de sacos para café, vários milhões de unidades dos quais são consumidos no Estado por ano.

Resultados inesperadamente favoráveis foram alcançados em São Paulo nas tentativas com cultura de linho de Pscov<sup>95</sup>, que aqui chegava a 41/2 *fut*<sup>96</sup>, cuja altura até então não foi

---

<sup>93</sup> Fibra têxtil do carrapicho. (N. da T).

<sup>94</sup> Amplamente cultivado na Rússia para produção de fibra têxtil. (N. da T).

<sup>95</sup> Cidade no norte da Rússia. (N. da T).

<sup>96</sup> Antiga medida russa, equivalente a 30,48 cm. (N. da T).

atingida nem na Europa, nem na Argentina. Também a qualidade de desse linho é melhor do que a do russo ou argentino.

Todas as plantas de horta da Rússia, repolho, rábano, cenoura, pepino, tomate, melancia, melão, abóbora e outros nascem muito bem aqui.

Com muito êxito pode cultivar-se a uva.

Bons rendimentos pode oferecer a sericicultura<sup>97</sup>.

Muitos dos colonos estabelecidos começaram a dedicar-se à apicultura<sup>98</sup> e obtêm ótimos resultados.

Depois, para o colono, grande importância têm as árvores frutíferas, de que há centenas de espécies. Entre as, as mais importantes são: laranjeira, limoeiro, bananeira, mamoeiro, pessegueiro, ameixeira etc.

Precisamos de mencionar, entre as plantas, o rícino,, que fornece o grão para a fabricação do famoso óleo de rícino.

Também o tabaco cresce muito bem.

Entre as árvores, podemos citar a maniçoba, de cujo suco se extrai o látex ou borracha.

A seguir, o cacauero que dá o cacau, famoso no comércio para preparo de chocolate.

Mas a mais notável das árvores é o cafeeiro, porque 4/5 de todo o café do mundo é produzido no Brasil. Só no Estado de São Paulo, são produzidos por ano, mais de 8 milhões de sacos de café. No ano passado, com uma safra muito grande, este produto chegou até mais de 15 milhões de sacos só no Estado de São Paulo. A quantidade de pés de café, plantados no Estado de São Paulo, é avaliada em mais de 700 milhões de unidades. Entretanto, nos últimos tempos, os preços do café caíram muito, em consequência da superprodução, por isso não podemos aconselhar os colonos a trabalhar com a cultura de café.

Do mesmo modo, cereais europeus, como o centeio, o trigo, a aveia e a cevada podem semear-se no Brasil, no inverno, sob certas condições, mas isso não compensa. Por isso, os

---

<sup>97</sup> Sericicultura é criação do bicho-da-seda. (N. da T.)

<sup>98</sup> Apicultura é criação de abelhas. (N. da T.)

colonos agem sensatamente, semeando, especialmente no começo, só os cereais que dão realmente boas colheitas. Eis as principais culturas, a que o colono pode dedicar-se.

#### **e) Modo de produção.**

A lei básica de produção para o colono é trabalhar com a própria força, porque contratar os trabalhadores nem sempre é possível. Por isso, os melhores resultados são obtidos pelo colono que leva consigo uma família grande. Dada a peculiaridade das culturas brasileiras, até crianças de dez anos podem, com grande êxito, participar na plantação e na colheita de cereais do lugar, porque tal trabalho não exige nenhum esforço físico e as crianças executam-nos, brincando. Quanto maior a família do colono, também mais brevemente ele alcança a abastança em São Paulo.

#### **f) Educação**

E também em educação o Estado de São Paulo está à frente de todos os outros do Brasil. Em cada colônia, o Governo cria e mantém uma escola pública, onde se ensinam as crianças inteiramente de graça. Todas as crianças devem freqüentar a escola pelo menos durante quatro anos. Também em todas as escolas superiores governamentais, inclusive universidades e escolas politécnicas, o ensino é inteiramente gratuito. Nos últimos tempos, o governo começou a prestar atenção especial na fundação de escolas agrárias, para elevar a educação agrícola no Estado.

#### **g) Liberdade de credo**

Aqui existe absoluta liberdade de credo. Nenhuma crença é considerada dominante e todas as convicções são igualmente respeitadas e permitidas. A mais difundida no país é a religião católica, mas as outras religiões também são amplamente difundidas. Até a religião ortodoxa tem em São Paulo o seu clero bem organizado. Além disso, existem lá muitas

paróquias luteranas e a seita batista é amplamente difundida. Mas, com o já foi dito, as pessoas de todas as crenças convivem entre si em plena paz e concórdia.

#### **h) Liberdade de imprensa.**

Editar e publicar jornais é permitido a todos, sem nenhuma formalidade, porque lá não existe censura. Atualmente, no Estado de São Paulo, são publicados mais de 180 diferentes jornais e revistas; ora em português, ora em francês, espanhol, italiano, alemão, polonês ou em língua leta. Em língua russa ainda não há nenhum órgão, porque os russos há pouco tempo começaram a imigrar para São Paulo.

#### **i) Igualdade de classes**

Aqui não há nenhuma classe nobre, nem outra classe de pessoas privilegiadas, e, perante a lei, todos são iguais. Cada um é valorizado somente pelas suas qualidades pessoais.

#### **j) Sistema de governo**

O Estado de São Paulo, como já foi dito no começo, pertence à república do Brasil, formada por 20 estados unidos e independentes, mas cada um desses estados possui o seu próprio sistema de governo.

O poder legislativo no Estado pertence ao congresso, formado pela câmara de deputados e pelo senado, cujos membros são eleitos por voto coletivo direto.

O poder executivo pertence ao presidente, eleito para esse cargo por quatro anos e, após este período, não tem direito à reeleição. O presidente nomeia como assistentes quatro ministros, que aqui são chamados de secretários, por cujas ações o presidente é responsável. Os ministros são de: agricultura, relações interiores, justiça e fazenda.

Na ausência do presidente, as suas obrigações são cumpridas pelo vice-presidente, eleito para este cargo pelo povo.



O poder judiciário é da competência dos juizes de paz, do juiz de distrito, do congresso de júris e do tribunal superior.

O estado é dividido em alguns municípios ou distritos que resolvem os seus problemas internos independentemente. Os municípios são administrados por um superintendente e pela câmara municipal. Tanto o superintendente, quanto os membros da câmara municipal, são eleitos para tais cargos pelo povo.

À frente de todos os 20 Estados Unidos do Brasil, está o presidente geral do Brasil eleito, que junto com o Congresso Geral da República, administra todos os assuntos do Brasil.

### **l) Língua dominante**

No Brasil, a língua falada é português. Essa língua é um ramo da antiga língua romana ou latina e é considerada uma das mais melodiosas línguas do mundo. Cada colono aprende essa língua em tempo muito breve. Além disso, em todas as colônias do Estado, atualmente, já se encontram velhos colonos russos, desse modo, no início, para o novo colono, a comunicação nas redondezas não representa dificuldade especial.

### **m) Dinheiro**

A moeda brasileira é o mil-réis. Um conto, ou seja, 1000 mil-réis, equivale, aproximadamente, a 106 ½ copeques. Mas, em vez de ouro, em circulação, encontra-se papel-moeda, o preço do mil-réis muda de acordo com o câmbio diário, como era antes na Rússia. De acordo com o câmbio atual, o custo de um mil-réis é cerca de 60 copeques.

Todavia, é de esperar-se que em futuro próximo, para o dinheiro brasileiro também será estabelecido um valor permanente e invariável. Com esse objetivo, o governo do Brasil emite bilhetes (notas) especiais de Caixa de Conversão, cuja emissão é garantida pelos devidos depósitos em ouro. O preço estabelecido para esses bilhetes é de 15 pennies de dinheiro inglês (cerca de 60 copeques), e eles, a qualquer hora, poderão ser trocados por

moedas de ouro. Quanto mais rápido no lugar do atual dinheiro de papel forem emitidos os bilhetes da Caixa de Conversão, o preço de mil-réis permanecerá de 60 copeques.

É bastante interessante comparar o valor médio de mil-réis nos últimos anos, que foi assim: em 1900, 37 copeques; em 1901, 44 copeques; em 1902, 46  $\frac{1}{2}$  copeques; em 1903, 46  $\frac{2}{3}$  copeques; em 1905, 61  $\frac{4}{5}$  copeques. No começo de 1906, esse preço aumentou para 70 copeques, mas ficou assim não por muito tempo, e atualmente por mais de dois anos preço está sempre na altura de 60 copéec. Esse fortalecimento da taxa de câmbio prova que o Brasil a cada ano mais conquista a confiança na opinião dos estrangeiros. Aqui eu tenho de mencionar que o valor de mil-réis tem importância só no exterior, mas no Brasil, o mil-réis é sempre considerado mil-réis, qualquer que seja o seu valor no exterior.

#### **n) Aquisição de terra.**

A compra de terra em propriedade particular nas colônias governamentais do Estado de São Paulo, executa-se com base na lei nº 751 de 15 de março de 1900, com observação das seguintes condições:

a) Os lotes serão divididos em, aproximadamente, 25 hectares cada (pelas medidas russas, 25 *dessiatina*).

b) O preço da terra e as condições de pagamento são estabelecidos novamente, no momento da fundação da colônia e com lei especial. Assim, na fundação da colônia de Nova Odessa, por exemplo, foi emitida uma lei especial, nº 1286 de 24 de maio de 1905, cuja tradução para o russo segue abaixo:

#### **Decreto Nº 1286 de 24 de maio de 1905**

Sobre a fundação da colônia agrícola Nova Odessa, para localização de imigrantes russos.

O presidente do Estado de São Paulo, baseando-se na Lei nº 751 artigo 2º de 15 de março de 1900,

Decreta:

Artigo 1. Na propriedade “Pombal”, pertencente ao Estado, funda-se a colônia “Nova Odessa”, para a instalação de somente famílias de agricultores russos.

Art. 2. Das terras da referida fazenda, apartam-se, antes de mais nada:

- a) Um terreno de aproximadamente 50 hectares, destinado à organização de campos experimentais;
- b) Outro terreno do mesmo tamanho, para a fundação de uma nova cidade, cujo território será dividido em lotes de 2500m<sup>2</sup> cada, separando antecipadamente o lote necessário para a construção de uma escola pública pelo governo.

Observação: o restante da terra da mencionada fazenda será dividida em lotes separados, destacando dele antes de mais nada o terreno necessário para um cemitério comum num lugar estabelecido, em comum com o órgão municipal correspondente.

Art. 3. O preço de custo dos lotes é fixado entre 40 a 60 mil reis<sup>99</sup> por hectare<sup>100</sup>, de acordo com a qualidade e a localização do lote. (Um mil-réis, de acordo com o câmbio atual, é, aproximadamente, igual a 60 copeques).

Observação 1. O pagamento por lote é efetuado desta maneira:

- a) a primeira prestação no valor de um quinto do valor total, no momento do recebimento de permissão para a instalação, sem a qual o colono não tem direito de passar a usar o lote;
- b) a segunda prestação, também no valor de quinta parte do valor total, no final do segundo ano econômico;
- c) a terceira prestação, no final do terceiro ano econômico, e assim por diante, até ao pagamento da quinta prestação.

---

<sup>99</sup> De 24 a 36 rublos. (Nota do Autor).

<sup>100</sup> Um hectare é um pouco menor de um *dessiatina* (Nota do Autor).

Observação 2: o ano econômico é contado de primeiro de setembro a 31 de agosto do ano seguinte.

Art. 4. No momento do pagamento da última prestação, o colono recebe o certificado definitivo de direito de propriedade.

Art. 5. Em caso da morte do chefe da família, após ter pagado as três primeiras prestações, à viúva por ele deixada, serão perdoadas as duas últimas parcelas, caso o seu prazo ainda não tenha esgotado, entrega-se a ela, imediatamente, o certificado definitivo do direito de propriedade.

Art. 6. Em todos os casos, quando o colono elevou o valor do seu lote não só com construções e estabelecimentos, ou com plantas longevas, como árvores frutíferas, entre outras árvores e plantas úteis, mas, também, com organização de sebes e semelhantes, o custo das melhorias será igual às duas últimas prestações e o seu pagamento poderá ser adiado para mais um ano econômico.

Art. 7. Após ter efetuado o pagamento das três primeiras parcelas, o colono pode vender o seu lote para outra pessoa ou hipotecá-lo, mas, para isso, ele tem de pedir permissão prévia ao governo, que vai estabelecer regras para a sua garantia.

Observação: em casos semelhantes, a prorrogação do prazo de pagamento não é permitida.

Art. 8. Ao mesmo tempo, com o recebimento do certificado definitivo de direito à propriedade do lote, o colono ainda recebe gratuitamente o direito de posse (escritura) de um determinado lote urbano (na cidade), tendo direito de usar esse lote e nele construir com os seus próprios recursos.

Art. 9. Antes da construção d sua moradia, mas não mais do que por um ano, o colono recebe do Governo acomodação gratuita nos alojamentos especialmente construídos.

Observação: perderão esse direito as famílias cujo comportamento indecente perturbarem a ordem e a moral na colônia.

Art. 10. Para cada colono que houver feito o pedido antes de começar a usar o lote, o Governo não só construirá uma casa para ele morar, mas fornecerá, ainda, o animais de carga e os equipamentos e máquinas necessárias.

Art. 11. O colono pode escolher a aparência e o preço da construção, que será erguida pelo governo, por conta do colono, se a planta da casa estiver de acordo com a necessidade do camponês.

Observação: o custo da construção, assim como tudo o que foi recebido pelo colono do Governo, à base do artigo anterior, será acrescentado ao preço do lote, o pagamento será realizado de acordo com os mesmos prazos e da mesma maneira (ordem), que o pagamento do lote.

Art.12. Às famílias compostas por mais de cinco membros poderá ser permitida a compra em de mais um lote perto do primeiro, e este lote permanecerá sem ser vendido por três anos. Durante esse período, tais famílias terão privilégio na compra do lote, pelo mesmo preço e nas mesmas condições que o primeiro.

Art. 13. Antes de completar o pagamento do lote, o colono não tem o direito de vender lenha da sua propriedade nem a madeira usada na construção. Caso contrário, ele perderá os seus direitos sobre o terreno e todas as prestações pagas até então.

Art. 14. Na colônia, serão organizados e mantidos pelo Governo campos experimentais, nos quais sempre estarão expostas as culturas cultivadas no Estado, e também serão testadas culturas que poderiam ser introduzidas e cultivadas de maneira racional.

Art. 15. Na colônia, por conta do Governo, será mantido para procriação o gado da raça mais adequada à região, para facilitar a melhoria e a manutenção do gado pelos colonos, da melhor maneira possível.

Art. 16. O Governo manterá, no centro da colônia, uma pequena fábrica, para processamento dos produtos agrícolas do local, por um pequeno valor, de acordo com uma tabela especial, somente para cobrir os gastos para a manutenção da fábrica.

Art. 17. Também será mantido um armazém para as máquinas e equipamentos agrícolas mais utilizados, e também uma quantidade suficiente de carroças e animais de carga para aluguel aos colonos.

Art. 18. No primeiro ano da sua instalação, os colonos, na qualidade de auxílio para a sua manutenção (se precisarem), receberão trabalho diário (diarista) nas empresas mantidas na colônia pelo Governo.

Observação. O diretor da colônia durante primeiro ano, também procurará trabalho para eles, se desejarem, nas fazendas de café próximas, durante a colheita dos grãos do café, para o que eles ganhassem passagens de trem gratuitas de ida e volta.

Art. 19. Assim que todos os colonos receberem escritura definitiva do direito de propriedade, a colônia será reconhecida como independente. Nessa base, o Governo tirará o Diretor da colônia, deixando nela somente campos experimentais, se isso se revelar adequado. O gado de raça, a fábrica central, as ferramentas agrícolas (equipamentos) e máquinas, como os animais de carga, serão doados a uma cooperativa agrícola, formada pelos colonos e administrada por eles em caráter voluntário.

Art. 20. Até a colônia tornar-se independente, o Governo manterá nela, além dos funcionários de nível inferior e operários:

- a) um diretor, cujas obrigações serão cuidar da ordem da execução das resoluções legais na colônia;
- b) um médico, que visitará a colônia periodicamente, para atendimento dos doentes e;
- c) um tradutor e escriturário para facilitar a comunicação entre os colonos e as pessoas, que terão necessidade de falar com eles. Ele estará encarregado da escrituração dos negócios da colônia.

Art. 21. Dentre os agricultores do Estado, habitantes do lugar ou estrangeiros, que possui as qualidades necessárias, o governo nomeará um delegado especial, chamado “Diretor da colônia russa”, que será um intermediário gratuito entre a administração da colônia e Governo, de um lado, e os colonos, do outro lado, para as diferentes queixas, que eles queiram fazer, e também um tutor e conselheiro, para facilitar na medida do possível, nos primeiros tempos, a sua adaptação ao nosso meio.

Art. 22. A prorrogação do prazo do pagamento, nos casos especificados nesse decreto, será permitido somente quando o próprio colono for trabalhar e morar no seu lote.

Art. 23. Todas as disposições em contrário ficam revogadas.

Concedida no palácio do Governo do estado de São Paulo 24 de maio de 1905.

**Jorge Tibiriçá**, Presidente.

**Carlos J. Botelho**, Ministro de Agricultura.

Publicado, dia 26 de maio de 1905

Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

**Eugênio Lefèvre**, diretor geral.

Como se vê, o preço do lote de 25 hectares nessa colônia é de 600 a 900 rublos, dos quais a quinta parte precisa de ser paga como entrada. A próxima parcela é paga depois de dois anos, quer dizer, no final do segundo ano agrícola, e as parcelas restantes anualmente até à quitação da dívida.

Cinco anos para completar o pagamento da terra, nas condições russas, parece pouco, entretanto, de no Brasil, é completamente possível. Além do mais, se por alguma razão válida, o colono não poder pagar as suas prestações em dia, o Governo, cujo objetivo é povoar o país, não o arruinará, mas adiará, nesse caso, os pagamentos para o ano seguinte. Entretanto, cada colono precisa de esforçar-se para cumprir as suas obrigações nos prazos estabelecidos.

Caso o colono, ao pagar a sua primeira prestação pela terra, não tiver meios suficientes para viver até à próxima safra, o Governo oferecerá trabalho, se ele desejar, na mesma colônia por um pagamento diário, cerca de três dias por semana, em que ele ganhará o suficiente para sustentar-se até à safra. A jorna é de 2 ou 2 ½ mil-réis por dia ou mais, conforme os preços praticados na região.

Além disso, no inverno, quando no lote do colono quase não há nenhum trabalho, de maio até setembro, o colono e a sua família encontra um vantajoso trabalho de colheita de grãos de café nas plantações próximas. Esse trabalho é tão fácil que até as crianças podem participar nele. Pagam de acordo com a quantidade de cestas colhidas, cerca de um mil-réis por cada cem litros. O Governo arca com os gastos de transporte de ida e volta até à plantação. Nela, o colono as vezes muito facilmente pode ganhar não só para manter-se, mas também para comprar os seus instrumentos de trabalho. Desse modo, as plantações de café, desempenham importante papel na vida de um colono pobre, oferecendo-lhe ganhos vantajosos exatamente no período de inverno, quando nos outros países os colonos podem esperar trabalhos suplementares apenas na época em que eles próprios estão sobrecarregados de trabalho, no inverno, nos outros países, os colonos buscarão trabalho inutilmente.



Como podemos ver, o colono não deve ter medo de morrer de fome aqui nos primeiros tempos difíceis. Depois ele por si só compreenderá como organizar a sua vida no Brasil, da melhor maneira possível.

Na pergunta sobre quanto dinheiro é preciso ter para poder começar a vida de colono independente em São Paulo, posso responder, que convém possuir pelo menos 200-300 rublos. Obviamente, quanto mais a pessoa tiver, tanto mais fácil para ela. No entanto, não pode deixar em casa a vontade de trabalhar, senão o dinheiro russo não agüentará clima brasileiro.

A construção de casa não é tão importante, porque aqui o tempo é sempre quente. Nos primeiros tempos, pode passar-se com a construção de algum coberto, só para se proteger da chuva e do sol. Esse recinto temporário dá para construir em dois dias e, posteriormente, erguer uma casa permanente a seu próprio critério. Aos colonos que desejarem, o Governo logo no começo construirá uma casa de acordo com instruções do colono por 200-2000 mil reis. Somente uma quinta parte do custo tem de pagar na hora; o valor restante em cinco anos. Porém para colono seria mais sensato não sobrecarregar-se com dívidas logo no começo. Além disso, se o colono construir por sua própria conta, será mais barato para ele, do que para o Governo, porque este confiará o trabalho a empreiteiros, que quererão também ter lucro.

O que diz respeito ao pagamento imediato da primeira parcela pela terra, essa condição não pode ser alterada, não porque o Governo brasileiro precisa tanto de dinheiro ou porque quer receber grandes lucros desse negócio, mas unicamente porque isso é necessário e de interesse dos próprios colonos. Chegando ao país estranho e sem conhecer a situação local no começo, o colono terá dúvidas se será possível de morar aqui ou não, e acredita facilmente nos rumores, sobre lá em outro lugar ser a terra melhor e as condições de pagamento mais vantajosas. No caso em que o colono não pagou ainda pela terra, ele acha que não perderá nada, se com o passar de um ano mudar para outra colônia. Na outra colônia ele encontra outros defeitos e, desse modo, antes, muitos mudaram o seu local de instalação várias vezes e,

após alguns anos continuaram na mesma condição precária, na qual chegaram ao Brasil, enquanto os seus vizinhos, que, permaneceram na mesma colônia, já se tornaram proprietários abastados.

Servirá aqui muito bem um conselho que o judeu deu ao seu filho: “*Se você, Janquel, se aproximar a uma vala e tiver medo de pular para atravessá-la, jogue então a sua carteira com dinheiro para outro lado e aí pulará com certeza*”. Assim, no presente caso, enquanto o colono *ainda não jogou a sua carteira com dinheiro para outro lado da vala*, isto é, não pagou nada pela terra, ele continuará duvidando e não começará a trabalhar com todo o afinco, como no caso em que o seu dinheiro já estiver *do outro lado*.

O colono não precisa de ter medo, porque o Governo está do lado dele e oferecerá ajuda, se ele não estiver em condições de *sair da vala*, pois, como já disse, o objetivo do Governo não é ganhar dinheiro com a venda de terra, mas o povoamento do país por bons agricultores. É preciso apenas ter confiança nos objetivos do Governo e tudo ficará bem.

A prova de que a confiança dos colonos no Governo não foi de balde está nas cartas dos nossos colonos, que eles enviam aos seus familiares e amigos da pátria, que estão publicados nos diferentes jornais. O governo permitiu a viagem gratuita para todos de Riga ou Liubáva e lhes devolveu o dinheiro pago pelos bilhetes de navio. O Governo forneceu à sua própria conta todos os materiais de construção e, a quem terminava de erguer a casa em seis meses, presenteou toda a telha. Além disso, para os colonos esforçados, envia, à sua conta, trabalhadores para a derrubada de mata e àqueles, cujo campo está limpo, arar duas *dessiatína* de terra e prepará-lo para a sementeação. Para quem não tem água corrente no seu lote, o Governo se encarregou de escavar um poço. Os colonos recebem ainda todas as sementes e mudas de diferentes árvores frutíferas, completamente de graça. O trabalho foi oferecido para todos os colonos três vezes por semana, se desejarem. O medico e remédios, no primeiro ano, foram completamente gratuitos, e se veio a adoecer o chefe de família, nesse caso, o Governo

mandava a pagar a ele, por todo tempo de doença, um salário completo, quanto ele receberia se trabalhasse para o Governo.

Esses são quase todos os auxílios a que os colonos não teriam direito pelo contrato, mas os quais o Governo lhes concedeu, para aliviar o mais possível a sua instalação no novo lugar.

Na colônia Jorge Tibiriçá, as condições são quase mesmas que na colônia Nova Odessa e aqui segue a lei sobre o estabelecimento dos colonos nessa colônia:

### **Decreto Nº 1320 de 30 de setembro de 1905.**

Dispões sobre a concessão de lotes e sobre instalação dos colonos no Núcleo “Jorge Tibiriçá”.

Secretário do Estado de São Paulo [em resposta] para proposta de Senhor Ministro de Agricultura

Decreta:

Art. 1. Na colônia Jorge Tibiriçá composta constituído pela fazenda São José do Corumbatahy, dividida em lotes alternados, que de acordo com contrato de 25 de março de 1905, são divididos entre o Governo e a Companhia Pequena Propriedade, na instalação dos colonos nos lotes que pertencem ao Governo convém (se deve) manter (obedecer) as mesmas condições, que existem na lei de 24 de maio deste ano a respeito de fundação da colônia Nova Odessa, precisamente nos artigos 3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21 e 22 da mencionada lei.

Observação. Os colonos, que irão se instalar nos lotes que pertencem à referida Companhia não usufruirão das vantagens mencionadas e para eles referem-se só as vantagens relatadas nos artigos 14,15,16,17 e 19 da lei mencionada.

Art. 2. Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 30 de setembro de 1905.

**Jorge Tibiriçá**, Presidente.

**Carlos J. Botelho**, Ministro de Agricultura.

Publicada em 3 de outubro de 1905 na Secretária de Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

**Eugênio Lefèvre**, diretor geral.

Como dá para ver, o preço da terra nessa colônia são os mesmos, que em Nova Odessa, e esse preço, no tempo atual, considera-se normal, na fundação de novas colônias no estado de São Paulo. Entretanto, atualmente, por circunstâncias excepcionais foram criadas três novas colônias chamadas: Nova Europa, Nova Paulicéia e Conselheiro Gavião Peixoto, onde os preços da terra são muito mais altos, precisamente 100-200 mil reis por hectare. Mas isso porque as citadas colônias são compostas exclusivamente por preciosa mata virgem, dos dois lados da construída nova estrada de ferro, e a terra nelas são da melhor qualidade. As condições de pagamento são mais facilitadas do que nas outras colônias; ele é efetuado, não em cinco, mas doze anos, como está escrito embaixo.

Além disso, para o colono é sempre mais vantajoso comprar um lote de mata, onde cereais durante décadas seguidas nascem sem qualquer tipo de adubo, incomparavelmente melhor do que na terra boa por natureza, mas velha e esgotada, onde, em outros lugares sem adubação foram colhidas boas safras, durante mais de cinquenta anos. A terra no Brasil, até o presente, quase nunca foi fertilizada.

Transformar floresta em campo não é uma tarefa tão difícil, como na Rússia. Um trabalhador pode facilmente derrubar uma *dessiatina* de mata no Brasil em 10-12 dias, por

que as espécies de árvore são geralmente mais macia do que na Rússia, embora as vezes se encontrem árvores mais duras do que o carvalho russo. Mas essas espécies são muito poucas.

Depois, deixam a madeira derrubada secar durante 4-6 semanas, de acordo com o tempo e, depois, põem fogo. Em duas horas, tudo está queimado e terra está completamente pronta para o plantio de cereais. Não é preciso arar essa terra durante alguns anos, porque ela, por natureza, é bem fofa. Também não é preciso de arrancar os troncos, porque os cereais brasileiros são plantados numa distancia ampla e, portanto, sem prejuízo dá para plantar entre os troncos. Depois de 4-5 anos, todos os troncos apodrecem e só então deve-se arar a terra para plantio. Por isso, o colono que se instalou na floresta limpa, nos primeiros 4-5 anos, não precisará de arado, nem animais de carga, e as colheitas serão abundantes. Para as condições russas, isso parece inverossímil, mas é realmente assim, e não à toa o Brasil é chamado de país das maravilhas.

Quem, ainda assim, prefere terra limpa a floresta, pode, nas colônias Nova Odessa e Jorge Tibiriçá, escolher um terreno adequado.

Segue aqui a lei de fundação das supramencionadas novas colônias.

### **Decreto Nº 1432 de 12 de janeiro de 1907.**

O Presidente do estado de São Paulo, baseando-se no Decreto Nº 751 de 15 de março de 1900 decreta:

Art.1 Em sesmaria Cambuí no município de Araraquara, Mattongue<sup>101</sup> e Ibitinga nas terras pertencentes a estado, são fundadas colônias: Nova Europa, Nova Paulicéia e Conselheiro Gavião Peixoto para instalação nelas famílias de agricultores.

Art. 2. Cada uma dessas colônias deve ocupar o espaço de aproximadamente 2000 alqueires (5000 hectares) através dos quais passará a estrada de ferro à Dourado. Em cada colônia abrirá uma estação de trem com mesmo nome que é da colônia.

Art. 3. Das terras de cada colônia apartam-se, antes de mais nada:

- c) terreno de 20 hectares para organização nele de campos experimentais mantidos por conta do Governo;
- d) outro terreno de 10 alqueires para fundação nele de uma nova cidade. Esse território será dividido em lotes urbanos de 20 X 40 metros cada.

Art.4. O restante da terra das respectivas colônias (mencionadas) será dividida em lotes agrícolas não maiores de 25 hectares cada, sendo que (alem do mais) dele será destacado o terreno necessário para cemitério da colônia, de acordo com ordem de Administração Municipal.

Art. 5. Com exceção dos lotes destinados para instalação dos colonos recém chegados, todos os outros lotes podem ser vendidos para colonos de qualquer nacionalidade que já moram no estado, se eles pedirem.

Art. 6. (complemento de 1908) O preço da terra é de 100 a 120 mil reis por hectare, ou de 2500 a 3000 mil reis por lote inteiro, de acordo com qualidade de terra e de quantidade de madeira que encontra-se nele e da distancia mais ou menos próxima à estrada de ferro. O pagamento por lote é efetuado dessa maneira:

- a) **Só para colonos recém chegados:** a primeira prestação em quantia de um décimo de valor total, no momento de recebimento de permissão para instalação; a segunda prestação igual depois de terceira safra ou no quarto ano; a terceira prestação, no quinto ano econômico e assim por diante anualmente até a décima prestação, que deve ser pago no décimo segundo ano, contando do ano de recebimento de permissão para instalação.
- b) **Para colonos de qualquer nacionalidade, que já moram no estado:** a primeira prestação em quantia de um quinto de valor do lote no momento de recebimento de permissão para instalação, a segunda prestação depois de

---

<sup>101</sup> Evidente equívoco do autor. Trata-se da estação Matão no Estado de São Paulo. (N.da T.)

dois anos, a terceira prestação depois de três anos e assim até o final do quinto ano contando do ano de recebimento de permissão para instalação.

Art. 7. Até a colônia não estiver considerada independente, ninguém terá direito de comprar mais de um lote.

Art. 8. Todas as leis que contradizem a este são anuladas (revogadas, abolidas).

Concedida no palácio do Governo do Estado de São Paulo 12 de janeiro de 1907.

**Jorge Tibiriçá.**

**Dr. Carlos J. Botelho.**

Essas são as condições de vida dos colonos no estado de São Paulo, no Brasil, que eu descrevi de modo veraz. Sobre as demais condições dessa vida, pretendo publicar alguns adendos a este livro. Neles, esforçar-me-ei por responder a todas as perguntas que me oferecerão.

### ***O Brasil infernal de Ivan Rébrin.***

O livro de Ivan Rébrin “O peresselenii v Brasiliu” (RÉBRIN, J. *Sobre a imigração para o Brasil*, Kharkov, 1909), também está na Biblioteca Nacional de São Petersburgo e também foi concebido e realizado como um produto de propaganda.

Nas catorze páginas desse pequeno livro, publicado um ano depois do livro de Gutmann, Rébrin também descreve o Brasil. Mas se o Brasil de Gutmann é um lugar perfeito, o de Rébrin está longe desse ideal. Isso acontece porque o objetivo de Rébrin é oposto: ele procura impedir o processo de fuga de mão-de-obra necessária à Rússia, procura fazer com que os camponeses que

pretendiam emigrar para o Brasil desistam dessa idéia e tomem o rumo da Sibéria, já que naquela época essa gigantesca região estava sendo colonizada por decisão do Governo.

Para atingir esse objetivo era necessário, antes de tudo, criar uma imagem negativa do Brasil. Para isso, Rébrin utiliza algumas técnicas de geração de propaganda empregadas até hoje: refutação daquilo que já foi escrito antes sobre o Brasil, apelo ao medo do estranho e apelo às autoridades, quando cita uma figura proeminente para apoiar um posicionamento, idéia ou argumento.

Rébrin começa seu livro com descrições que reforçam as diferenças entre o Brasil e a Rússia, aprofundando-as ao máximo. Segundo ele, o Brasil é um país distante, localizado do outro lado do oceano, desconhecido a tal ponto que “*o cônsul brasileiro não pode dar informações sobre o Brasil*”. Apesar de possuir as mais variadas riquezas naturais, teria clima, flora, fauna, comida, etc., muito diferentes dos da Rússia. Teria poucas estradas de ferro e outras vias de transporte. Por essas e outras razões, seria um país atrasado no sentido econômico e cultural.

Uma das características típicas do Brasil, o clima agradável, a base da imagem paradisíaca, foi alvo do primeiro golpe de Rébrin.

*O clima do Brasil é completamente diferente do nosso. Antes de tudo, lá nunca tem inverno, no sentido que nós o entendemos. (Rébrin)*

O autor constrói a imagem do Brasil com base na contraposição entre o “nosso”, que é bom, e o “alheio”, considerado ruim. Destacando as diferenças e contrapondo “eles” a “nós”, o autor joga com o inconsciente coletivo dos seus leitores. Para eles, pessoas simples que moravam no interior da Rússia, tudo o que era diferente do mundo deles, das peculiaridades da sua região, possuía um significado pejorativo. Para despertar sua aversão, bastava mostrar que o Brasil era um país onde eles não encontrariam coisas conhecidas e comuns. Até mesmo as



árvores da Rússia, como *pinheiros, bétulas, abetos, carvalho, álamo tremedor*, não cresciam lá, porque o Brasil *é o reino das mais variadas palmeiras, lianas, loureiros e samambaias*.

As condições climáticas numa determinada região sempre implicam no surgimento de uma cultura e tradições próprias. Isso vale muito para países tradicionalmente agrícolas como a Rússia, onde as mudanças das estações do ano determinam o modo de viver. Na Rússia, o plantio de centeio, aveia e trigo foi a principal fonte de renda para gerações de camponeses. Essa era uma tradição profundamente enraizada desde épocas muito remotas. Na plantação, na colheita e no consumo dos produtos derivados dessas culturas fundamentou-se toda a tradição e a cultura russa.

*Embora no Brasil, como no nosso país, a agricultura também componha a principal fonte de renda da população, na sua base não está o cultivo de cereais, mas de café [...] Cultivam-se também cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Para consumo alimentar, cultivam-se mandioca, feijão e arroz. Das árvores silvestres, obtém-se o cacau. Abacaxi, laranja, banana, baunilha, uva, goiaba e figo amadurecem em todo o Brasil. (Rébrin)*

Essa frase parece favorável, pois o autor descreve uma grande variedade de culturas que podem ser mantidas no Brasil, mas na realidade a mensagem que ele quer passar é a seguinte: o Brasil se parece com a Rússia, sim. Lá também tem agricultura, mas o que plantam e comem são culturas das quais vocês, meus leitores, com certeza nunca ouviram falar.



Família de letos em Nova Odessa, reunida à mesa, com um cacho de bananas. 1920.

A experiência de imigrantes da Rússia com alimentos desconhecidos são exemplos muito eloqüentes dos diferentes tipos de percepção das mesmas coisas. Na entrevista com o imigrante Theodoro Starrodumoff, que veio do interior da Rússia, onde vivia da agricultura, ao Brasil, na década de 1930, encontramos o seguinte comentário:

*[...] no trem, deram frutas para a gente. Laranja, banana... Ninguém conhecia isso, pois na Rússia nunca tínhamos visto. Primeiro foi o espanto, a curiosidade. Depois não sabíamos como descascar as frutas. Assim que a gente tirou as cascas da banana, ficamos sem saber como comer aquela coisa mole. O primeiro que se arriscou a comer cuspiu tudo fora, estranhando o gosto. Nós nunca tínhamos comido banana e laranja.<sup>102</sup>*

Para a escritora e tradutora Tatiana Belinky, trazida para o Brasil na mesma época, aos dez anos de idade, e cuja experiência ela descreve no seu livro “Transplante de menina. Da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe”, a primeira impressão do Brasil foi marcada pelo choque ao ver um enorme cacho de bananas.

---

<sup>102</sup> DIEDA. Folha de Londrina, Caderno 2. Londrina, 02 de agosto de 1988, p. 17.

*Parecia coisa da própria “Schlaraffenland”, ou “Cocagne”, uma terra lendária dos meus livros, onde ninguém trabalhava, todos viviam refestelados e reclinados, na maior preguiça e doce far niente, e as iguarias, os assados, os bolos, as frutas mais saborosas, vinham voando sozinhas e se metiam de motu próprio na boca dos felizardos moradores daquela terra, que só tinham o trabalho de mastigar e engolir todas aquelas delícias.*<sup>103</sup>

Para Belinky, aquele cacho de bananas foi símbolo de *um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza*. Ela comenta também um fato curioso, o nome científico de banana é *Musa paradisíaca*, achei este nome muito justo e bem dado: *tratava-se de fato de um fruto do paraíso*.<sup>104</sup>

Essas duas citações tão diferentes mostram como uma experiência pode mudar o modo de ver as coisas. Para a pequena Tatiana, que já tinha experimentado a fruta na Rússia, oferecida pelo pai como uma delícia exótica e sofisticada, aquela era uma imagem edênica. Mas para Theodoro Starrodumoff, a experiência com frutas absolutamente desconhecidas foi estranha e desagradável.

A possibilidade de encontrar-se num lugar onde não havia culturas agrícolas familiares, comida habitual nem inverno (que na Rússia é visto como algo normal, parte da vida) só podia assustar os camponeses. Assim, a falta de conhecimento sobre o Brasil serviu tanto para, num determinado momento, criar uma imagem utópica, quanto para depois transformá-la em anti-utopia.

Quanto à situação econômica no Brasil, segundo Rébrin, era bastante ruim.

---

<sup>103</sup> BELINKI, Tatiana. *Transplante de menina. Da rua dos Navios à rua Jaguaribe*. Rio de Janeiro: Agir, 1989, p. 70.

<sup>104</sup> *Ibid*, p. 70-71.

*Nos vastos pastos do interior do país, dedicam-se à pecuária em larga escala, mas esse setor agrícola é conduzido sem êxito. Para as ovelhas, o clima do Brasil não é propício. (Rébrin)*

Além de apontar mais uma vez que o clima brasileiro é impróprio até para as ovelhas, o autor mostra um importante setor agrícola que, na realidade, estava em forte desenvolvimento, mas não segundo Rébrin.

*Nos rios e lagos desenvolve-se o transporte fluvial, mas ele é sustentado por subsídios do governo brasileiro. Os empresários particulares não se arriscam a assumir esse negócio por sua própria conta e risco. (Rébrin)*

As tentativas de desenvolvimento de um país onde não há boas vias para transporte de mercadorias e integração das regiões, obviamente, não obtêm muito êxito. Delas depende o sucesso de todas as atividades das pessoas que vivem no interior e trabalham com a agricultura e, sem estradas, não podem escoar a sua mercadoria para vender nos lugares onde ela é mais procurada.

*...não se pode deixar de notar que esse distante país de além-mar é extremamente diferente não só da Rússia, mas de toda a Europa, e apresenta, por si só, condições naturais e históricas tão desfavoráveis à organização e à condução da economia dos nossos camponeses, que, aos últimos que apareceram lá, nada restou a fazer senão praguejar e correr de volta para a Rússia. (Rébrin)*

Rébrin começa e termina sua brochura criticando fortemente todo o sistema imigratório brasileiro, principalmente o trabalho dos agentes de recrutamento de emigrantes, pondo neles todo o peso da responsabilidade da realização desonesta desse evento. Encarregados de fazer a propaganda do Brasil e de ajudar na instalação e acomodação dos colonos nos primeiros tempos, esses agentes faziam promessas falsas e, com negligência criminosa, levaram muitos imigrantes à ruína e, às vezes, até mesmo à morte.

*[...] recrutam todos os que desejam migrar, encarregam-se de transportá-los e acomodá-los, contudo, não cumprem as promessas, apenas sugam tudo dos migrantes – como as aranhas das moscas –, depois os abandonam à própria sorte e correm atrás de outras vítimas. (Rébrin)*

Rébrin revela que, após entrar em contato com autoridades, como o cônsul brasileiro, descobriu que “... o Governo do Brasil não toma parte na emigração e na acomodação dos imigrantes no seu país”. Inclusive o imperador Dom Pedro II aparece no texto no papel de um justiceiro indignado com a situação dos imigrantes e que “teve de admitir que os imigrantes e o governo foram enganados”.

Mais da metade do livro é dedicada à descrição do sofrimento dos imigrantes no Brasil. Essas descrições impressionam pela variedade das desgraças pelas quais passaram os imigrantes, quantidade de vítimas e proporções das injustiças sofridas por eles. Rébrin fala sobre centenas de mortos de fome e doentes acometidos de moléstias tropicais, má qualidade da terra comprada ou recebida do governo e impossibilidade de voltar para a Rússia. Por sua credulidade, os imigrantes pagavam “... com todos os seus bens, com a saúde e até com a vida”.

Os sofrimentos começavam ainda no navio.

*Os vapores transatlânticos vinham abarrotados de gente. A mortalidade infantil entre os imigrantes, via de regra, era significativa, porque quase sempre, nos vapores, eles se alimentavam muito mal, eram alojados em meio à sujeira, aperto e fedor. Nesses vapores, mal cabem mil pessoas, mas neles são embarcadas 1.300. Não há atendimento médico e as crianças mortas, por ordem do capitão, são jogadas ao mar, e aos protestos dos pais normalmente respondem: “são bocas a menos!” (Rébrin)*

O momento de viagem dos imigrantes pode ser comparado com a transferência de um mundo para outro. Naquela época, em que o emigrante raramente tinha possibilidade de voltar, a emigração era um tipo de morte simbólica, transplante de sua alma. Ele “morria” no lugar onde vivera toda a vida anterior, para as pessoas que deixara para sempre, e “nascia” no lugar novo. Um adulto “recém-nascido”, que pouco sabia do novo país, ficava mudo como um bebê, porque não falava a língua, e era quase tão indefeso como uma criança. A morte compreendida como início, pressupõe a passagem da alma para algum lugar no além, como o Paraíso, o Inferno ou o Purgatório. Se analisarmos a imigração do ponto de vista simbólico, como passagem de um mundo para outro, do mundo dos vivos (de onde o emigrante partiu e “deixou de existir”) para o “além” (o país de destino), a viagem no livro de Rébrin possui todos os elementos de passagem ao Inferno.

As descrições do Paraíso, que encontramos em várias culturas, fazem dele um lugar com duas principais características: o Paraíso é um jardim com eterno verão. Já o Inferno é um lugar quente, onde tudo queima nas chamas, onde reina dor e sofrimento das almas.

Aqui vale novamente lembrar o famoso mito grego sobre Hades. A passagem de mortos pelo rio Estige, no barco do severo Caronte, o esquecimento que traziam as águas do rio Lete, o pagamento com óbolo pela passagem, as feras que aguardavam no Hades e a impossibilidade de

voltar. É impossível deixar de perceber certos paralelos com o texto de Rébrin. A travessia, o barco com austero condutor e, enfim, a chegada com triste destino.

Na descrição de Rébrin, o Brasil foi transformado num tipo de inferno verde. Lugar inverso, onde não há ajuda para quem precisa e onde reinam doenças, sofrimento e morte.

*Dia após dia, os imigrantes começaram a sofrer necessidade aguda de tudo. Começaram os seus tormentos e sofrimentos. As lamentações e os clamores dos russos se espalharam pelo Brasil. (Rébrin)*

Em alguns trechos como esse, há locuções, frases e palavras ligadas ao folclore e ao conto maravilhoso russo, um gênero muito difundido e importante na cultura popular russa. Sem recorrer a essas imagens antigas, incrustadas no inconsciente de cada russo, Rébrin dificilmente obteria muito êxito na busca de seu objetivo. Seu texto é um produto de propaganda com elementos de literatura e conto popular, que tende a utilizar imagens familiares, comuns, muitas vezes retiradas do folclore.

Não sabemos se Rébrin algum dia leu o livro de Gutmann, mas podemos supor que a resposta é sim, pois encontramos no seu texto vários trechos onde ele polemiza com Gutmann. Mas o que mais surpreende no livro de Rébrin é que há nele lugar para duas imagens ao mesmo tempo, tanto do Inferno, quanto do Paraíso, porque o autor cria a sua imagem infernal do Brasil refutando as características que foram utilizadas por Gutmann para criar uma imagem edênica.

Um livro contradiz o outro. Enquanto Gutmann minimiza as diferenças entre Rússia e Brasil, tornando-as quase invisíveis, e procura igualdades em tudo, Rébrin destaca e aumenta as diferenças. Se para Gutmann “o Brasil é terra de café”, mas “todos os *produtos hortifrutículas da Rússia também crescem no país*”, para Rébrin o Brasil só é a terra de plantas tropicais, completamente estranhas para os russos.

No final do livro, semanticamente sempre mais completo, Rébrin sintetiza a principal idéia de toda a obra.

*É verdade que a nossa vasta Sibéria, aberta para a colonização, está sendo, por enquanto, para muitos camponeses russos, uma madrasta não muito afável, mas essa Sibéria, em compensação, é nossa, próxima, parte da nossa terra mãe; nela há massas de população russa, lá temos a nossa língua materna, uma natureza não estranha, nosso próprio mundo e, como se diz, na companhia de iguais, vencemos os infortúnios com mais facilidade. E, no nosso próprio país, é mais fácil encontrar ajuda do que num país estrangeiro e desconhecido. (Rébrin)*

Rébrin se refere à imagem do “nosso”, da mãe-terra, da pátria, do lar. A Sibéria é nossa, é nossa casa, ao contrário do Brasil.

### **PALAVRAS QUE SUSTENTAM A NOÇÃO DO BRASIL COMO INFERNO.**

País do além-mar, diferente, distante, menor, com calor, clima e natureza estranhos, alimentos diferentes que podem fazer mal, enchentes, injustiças, mentiras e maus tratos, fome, doenças terríveis e epidemias, morte, cobras venenosas e índios que atacam colonos.



**IVAN RÉBRIN**  
**SOBRE EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.**

**IVAN RÉBRIN**

**SOBRE EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.**

**Kharkov: Editora Khlivorob, 1909.**

Da editora “Khlivorób”<sup>105</sup>.

No № 12 de “Khlivorob”, em artigo de fundo, informamos o motivo pelo qual nos dedicamos à questão da emigração para o Brasil.

A promessa de informar sobre o Brasil, cumprimo-la mais rápido do que supúnhamos e oferecemos como suplemento o pequeno livro do nosso colaborador, muito interessado nas atividades de escritórios e agentes que convidam lavradores a emigrar para o Brasil. Todas as informações, aqui publicadas, foram reunidas por essa pessoa, que conhece de perto todas as questões relativas à emigração em geral.

Estamos muito contentes porque, graças às informações do nosso correspondente, viemos a saber da necessidade dos lavradores de saber sobre o Brasil e podemos ser-lhes úteis com este livro.

Pedimos aos nossos correspondentes e leitores informar-nos, com mais freqüência e sem demora, o que mais interessa à maioria dos lavradores e o que eles mais gostariam de ler na revista ou, ainda, se desejam receber livros como suplementos.

**A emigração para o Brasil.**

Nas grandes cidades centrais de muitos estados europeus, existem escritórios de comissão que possuem numerosos agentes em diferentes cidades. Esses escritórios assumem os encargos do transporte e instalação dos que desejam emigrar para o Brasil.

Tais escritórios que atraem emigrantes para o Brasil, por meio dos seus agentes, divulgam, entre o povo simples do campo, grande quantidade de livros com ilustrações e

descrições sedutores. Esses anúncios e livros trazem informações exageradas sobre o país, dotado de “rios de leite e mel”. Os escritórios recrutam todos os que desejam migrar, encarregam-se de transportá-los e acomodá-los, contudo, não cumprem as promessas, apenas sugam tudo dos migrantes – como as aranhas das moscas –, depois os abandonam à própria sorte e correm atrás de outras vítimas.

Há alguns anos atrás, foi aberto em São Petersburgo um escritório de comissão; já em Paris e Berlim, eles existem até o presente.

As atividades extremamente inescrupulosas desses escritórios e dos seus agentes de emigração para o Brasil atraíram, a seu tempo, a atenção do governo russo. Foi ordenado ao escritório de São Petersburgo o encerramento das suas atividades e a migração para o outro lado do oceano Atlântico aparentemente cessou. Mas, nos últimos tempos, os camponeses russos, em busca de terra, foram em quantidades extraordinárias para a região além dos montes Urais, para os lugares desabitados da Sibéria. Então, esses escritórios de intermediários para a emigração para o Brasil retomaram as suas atividades; e já que elas não são permitidas na Rússia, atuam às escondidas: enviam cartas, anúncios e livros e encontram pessoas que lhes ajudem.

Agora, a influência dos escritórios propagou-se na nossa *gubérnia*<sup>106</sup> de Khárkov. Sabemos que muitos lavradores trocam correspondências com os escritórios pelo correio e recebem deles diferentes esclarecimentos e informações, nas quais acreditam piamente, por ignorância. Nos jornais, há informação de que a população de alguns *uíézd*<sup>107</sup> começa a interessar-se muito pelo Brasil e colhe informações sobre o país.

Nós, em vista dessas notícias nos jornais e sabendo do intuito dos lavradores de Khárkov de emigrar com suas famílias para o Brasil, também tivemos vontade de conhecer mais sobre esse país de além-mar, para compreender o quanto ele é próprio para a instalação

---

<sup>105</sup> Khliborób significa lavrador. (N. da T.).

<sup>106</sup> Maior unidade administrativa da Rússia na época. Cada uma se dividia em *uíézd*. Tal nomenclatura perdurou de 1708 a 1917. (N. da T.)

<sup>107</sup> Subdivisão administrativa de *gubérnia*.

dos nossos lavradores. Por esse motivo, começamos a corresponder-nos com Petersburgo; verificou-se que o cônsul brasileiro não podia dar informações sobre o Brasil e a emigração para lá. Isso significa que não se pode, de maneira nenhuma, confiar no que informam os escritórios e os seus agentes, e que o Governo do Brasil não toma parte na emigração e na acomodação dos imigrantes no seu país.

Contudo, os nossos lavradores, sem a participação do cônsul brasileiro e com a ajuda de escritórios empresariais privados, tomam conhecimento não só da existência do Brasil, mas, ainda, sobre a possibilidade de para lá emigrar. Até prometem acomodação e trabalho! Como podem acreditar nesses pregões.

Pois para que arrancar-se do seu lugar habitual no país natal e deslocar-se com as suas famílias para um país distante, além do mar! É preciso ter informações exatas sobre para onde os agentes dos escritórios de comissão os atraem: que país é esse chamado Brasil e se realmente vale a pena mudar-se para lá?

A essas perguntas de fundamental importância, podemos responder assim:

O **Brasil** é uma república federativa da América do Sul: estende-se de 4-23° de latitude norte até 33-44° de latitude sul e de 24-50° até 72-55° de longitude oeste; ocupa uma área de aproximadamente 8 milhões de verstas quadradas (mais de 4 milhões de verstas quadrada menor do que a nossa Sibéria). Assim como a Sibéria, o Brasil tem montanhas e planícies irrigadas por grandes rios, só que não em toda a parte. O clima do Brasil é completamente diferente do nosso. Antes de tudo, lá nunca tem inverno, no sentido que nós o entendemos. Somente no interior do país, ao sul do rio Amazonas, a temperatura cai abaixo de 0° e chega a -3/-4° Célcius e ainda assim, somente à noite; durante o dia, nos meses mais frios, em nenhum dos estados do Brasil a temperatura fica menos do que 15° Célcius. A temperatura média anual é de 27°, 20°. Não há pinheiros, bétulas, abetos, carvalho, álamo tremedor. Aqui é o reino das mais variadas palmeiras, lianas, loureiros e samambaias. Embora

no Brasil, como no nosso país, a agricultura também compõe a principal fonte de renda da população, na sua base não está o cultivo de cereais, mas o de café, cuja exportação constitui 55% de toda a produção mundial. Cultivam-se, também cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Para consumo alimentar cultivam-se mandioca, feijão e arroz. Das árvores silvestres, obtém-se o cacau. Abacaxi, laranja, banana, baunilha, uva, goiaba e figo amadurecem em todo o Brasil; a maior parte das pêras e maçãs encontra-se nas montanhas. Já nos estados sulinos cultivam-se centeio, aveia, terço (hordéolo) e parcialmente o trigo; mas ele é importado, principalmente da América do Norte, em forma de farinha.

Nos vastos pastos do interior do país, dedicam-se à pecuária em larga escala, mas esse setor agrícola é conduzido sem êxito. Para as ovelhas, o clima do Brasil não é propício. A apicultura fica no Sul.

Entre os animais selvagens há aqui: jaguar (onça), puma, gato selvagem, lobo vermelho, cão selvagem, preguiça, tamanduá, macacos, tapir etc. Entre as aves: avestruz, íbis vermelho, papagaios de todos os tipos, tucano, colibri etc. Entre as cobras, jibóias, que os índios usam como alimento, e cascavéis.

As vastas e diversificadas florestas do Brasil fornecem um grande número de valiosos produtos; como o chá, chamado “erva-mate”, que é consumido principalmente pelos brasileiros; borracha; castanhas americanas e brasileiras; ipecuanha; guaraná, canela, bálsamo chinês, óleo de rícino; castanha de elefante, feijão tonca; árvores que fornecem substâncias corantes etc.

Entre as riquezas minerais, são extraídos: ouro, minério de ferro, platina, paládio (antigamente extraía-se a prata, mas agora já não a há mais), mercúrio, cobre, chumbo, bismuto, antimônio, arsênio, xisto betuminoso, grafite, salitre, enxofre e carvão de pedra. O sal de cozinha é preparado com uma parte de água marinha e outra parte de lavras de sal, mas em quantidades longe de suficientes para a satisfação da demanda da população local. Por isso, o sal é tão caro no Brasil. Existem fábricas e usinas para a industrialização de todos os

possíveis produtos minerais, animais e vegetais, mas não são suficientes para atender às necessidades da população. Quase todo o comércio está nas mãos de ingleses, norte-americanos, holandeses e alemães. Os objetos de exportação são: café, açúcar, algodão, tabaco, peles, diamantes, cacau, madeira etc.

As vias de comunicação encontram-se em situação precária. Existem poucas estradas de ferro, as rodovias só passam pelas cidades litorâneas, enquanto pelas outras estradas viaja-se de maneira anterior ao dilúvio, em carroças de duas rodas tiradas por bois ou mulas. Nos rios e lagos, *desenvolve-se o transporte* fluvial, mas ele é sustentado por subsídios do governo brasileiro. Os empresários particulares não se arriscam a assumir esse negócio por sua própria conta e risco.

As finanças (situação financeira do governo) do Brasil estão ruins e produzem constantes déficits.

Os estados mais povoados são: Distrito Federal, onde em cada *versta* quadrada cabem 350 habitantes, e Rio de Janeiro, com 13 habitantes por *versta* quadrada; seis, dos vinte e um estados, possuem menos de um habitante por *versta* quadrada, e os outros, de 1-9 habitantes por *versta* quadrada.

Em relação à cultura, o Brasil encontra-se num nível bastante baixo. A população nativa desse país é composta por índios, que moram em grupos, em todas as partes da república. Os brasileiros são mais de 8 milhões, e os estrangeiros 250 mil; entre os últimos, 122 mil são portugueses, 46 mil alemães, 49 mil, africanos e 6 mil, franceses. Os russos, italianos, espanhóis e ingleses estão em quantidade inexpressiva.

Como podemos ver, o povoamento do Brasil é precário e não supera a densidade de população (grau de povoamento) da nossa Sibéria. Migrantes dos países próximos não vêm, porque sabem bem que não se podem encontrar benefícios especiais no Brasil. Portanto, os brasileiros atraem os migrantes dos mais distantes países de além-mar – como nós – que

sabem muito menos sobre esse país e, por isso, podem com mais facilidade cair nas ciladas armadas por comissários astutos, escritórios e agentes.

A partir do relatado acima, das informações sobre a natureza do Brasil, o clima, os reinos animal e vegetal, não se pode deixar de notar que esse distante país de além-mar é extremamente diferente não só da Rússia, mas de toda a Europa, e apresenta, por si só, condições naturais e históricas tão desfavoráveis à organização e à condução da economia (fazenda, sítio) dos nossos camponeses, que, aos últimos que apareceram lá, nada restou a fazer senão praguejar e correr de volta para a Rússia.

Exatamente assim aconteceu de fato, como veremos adiante.

Os primeiros casos de emigração da Rússia para o Brasil ocorreram entre os anos de 1870-1880, quando os menonitas<sup>108</sup> do Volgae da *gubérnia* de Ekaterinoslávle<sup>109</sup> fugiram assustados por boatos de serviço militar obrigatório.

Ao vender as suas propriedades, apeiros e todos os seus pertences, os menonitas, com auxílio do governo brasileiro, compraram terras na província do Paraná e para lá emigraram em número de 600 almas<sup>110</sup>. Eles foram cruelmente enganados: a camada de terra era muito fina e sob ela havia quase só pedra. As plantações de cereais não vingavam. E então, para os migrantes, criou-se uma situação terrível. O Imperador brasileiro, Dom Pedro II, foi pessoalmente atender às reclamações dos menonitas e vistoriou a terra que receberam; em alguns lugares, enfiou a sua espada para medir a profundidade da terra e teve de admitir que os imigrantes e o governo foram enganados.

Dia após dia, os imigrantes começaram a sofrer necessidade aguda de tudo.

Começaram os seus tormentos e sofrimentos.

---

<sup>108</sup> Os Menonitas (ou Menonitas) são um ramo dos Anabatistas, Através da imigração, a Igreja Irmãos Menonitas expandiu-se para as Américas do Norte e do Sul. Essa igreja surgiu na Suíça, no século XVI. (N. da T.)

<sup>109</sup> *Gubérnia* de Ekaterinoslávle ou Ekaterinoslavskaia *gubérnia* é uma região no Sudoeste da Rússia, próxima ao rio Volga. (N. da T.)

<sup>110</sup> A palavra “alma” em russo também significa gente. Como na obra de Gogol “Almas mortas”. (N. da T.)

As lamentações e os clamores dos russos se espalharam pelo Brasil. Alguns fugiam da morte de fome para a Argentina, outros, os mais abastados, voltaram para a Rússia e até 2 mil migrantes foram para o Rio de Janeiro, capital do Brasil, onde literalmente sitiaram o nosso consulado russo, implorando, às lágrimas, que os recambiassem à terra mãe. Naquele tempo, os poucos que ficaram no Brasil, trabalharam fazendo carretos.

Em 1891, quando na Rússia era tempo de fome e cólera, e, evidentemente, graças aos novos chamados dos escritórios de migração, de novo começaram a chegar ao Brasil os imigrantes russos; sozinhos ou em pequenos grupos, famintos, extenuados, em trapos, pois as suas roupas entregavam em troca de pão e pernoite. Por vezes, se não tinham dinheiro para pagar a travessia pelo largo rio Uruguai, tinham de atravessar esse rio a nado.

Naquele tempo, o ex-encarregado de serviços no Brasil, P.M. Bogdánov, que investigou nos locais a situação dos imigrantes russos, conta muitas coisas tristes e instrutivas.

Ele realizou as suas observações e investigações, sobretudo, em três estados do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, localizados dentro da faixa intertropical<sup>111</sup>, onde havia mais vilas com descendentes russos. Levando em consideração a situação terrível em que se encontravam (dada as denúncias que chegavam até ao nosso Governo), Sr. Bogdánov foi encarregado, em casos excepcionais, de enviar os russos do Brasil até à pátria, por conta do erário.

A maneira de atrair imigrantes para o Brasil foi, na época, uma simples empreitada. O Governo do Brasil fechava acordos com diferentes pessoas, particulares ou associações, como empreiteiros de mercadoria humana. Esses fornecedores (agenciadores) de pessoas, com um pagamento estabelecido por *cabeça*, dentro de um determinado prazo, assumiam o compromisso de levar para esse país certa quantidade de colonos, não importando a etnia. Esse negócio dava aos intermediários, vendedores de pessoas, lucros enormes, e os emigrantes russos que caíam nas mãos desses predadores de toda a sorte pagavam pela sua credulidade com todos os seus bens, com a saúde e até com a vida. O Sr. Bogdánov comunica



que, entre outras coisas, “em junho de 1890, chegou ao Rio de Janeiro o vapor ‘Conde Bismark’, de Lloyd, norte da Alemanha, no qual, em Bremen, embarcaram 260 emigrantes russos.

No caminho, começou uma epidemia e no oceano foram jogadas mais de 50 crianças e algumas mulheres. Quando o vapor ancorou no porto, era impossível chegar a menos de 50 metros dele, tamanho era o fedor”.

Os emigrantes russos viajam para o Brasil por Hamburgo e Bremen; pelo fato de a maioria de eles representar por si, apesar de tudo, uma massa de ignorantes, sem nenhum conhecimento de geografia geral, os intermediários, esses aranhas, se aproveitam até ao fim dessa vantajosa ignorância dos emigrantes dos nossos povoados russos.

De qualquer lugar que saísse o emigrante da Rússia e fosse até Hamburgo ou de Bremen, recebia um itinerário, diferentes conselhos e indicações “úteis” e, obviamente, não de graça. Além disso, para os migrantes que viajavam com recursos financeiros suficientes, e, até então, pagavam bem para os intermediários de emigração, organiza-se uma viagem gratuita para o Rio de Janeiro; entretanto, isso é feito não sem segundas intenções: desde o momento do embarque dos emigrantes “livres de pagamento” nos vapores marítimos em Hamburgo e Bremen, os emigrantes são entregues às mãos de outra categoria de intermediários parasitas que durante o tempo da viagem, a pretexto de pagamento de mantimentos, abrigo e pernoite, sugam durante o caminho e nos locais do Brasil, o último dinheiro que lhes sobrava.

Os emigrantes encaminhados ao Brasil desembarcam na entrada da baía do Rio de Janeiro, na Ilha das Flores, e quando se juntam muitos deles, o excesso é levado para a cidade. Famílias inteiras são deixadas nas ruas de uma cidade absolutamente desconhecida, onde é difícil encontrar um homem que fale russo.

Em 1889, durante uma terrível epidemia de “febre amarela” no Rio de Janeiro, 600 italianos recém chegados foram alojados em barracões, onde “dezenas morriam todos os dias;

---

<sup>111</sup> Evidente equívoco do autor. Esses estados são subtropicais. (N. da T.)

além disso, os corpos durante muito tempo ficavam sem serem retirados”. Os imigrantes, ao depararem com tal situação na chegada ao Brasil, organizaram um motim e ameaçavam matar o seu cônsul italiano, caso ele não os enviasse imediatamente para a pátria.

Em 1891, bem no auge da “febre amarela”, numa das praças do Rio de Janeiro – diz o Sr. Bogdánov – a céu aberto, foi instalado um grande acampamento de imigrantes com as suas famílias, que foram hospedados em alojamentos cobertos só depois que a população local, as instituições sociais e os jornais levantaram a voz contra esse tratamento revoltante dado aos estrangeiros que chegavam à cidade. E precisamente na época em que no Rio de Janeiro grassava a terrível epidemia, com altos índices de mortalidade, exatamente nesse tempo terrível, os agentes dos escritórios queriam levar de vapor, da cidade de Porto Alegre para lá, 400 almas de migrantes russos. Por sorte o representante do nosso governo russo impediu a realização dessa decisão absurda e desumana.

Alguns imigrantes vindos da Europa não são trazidos para terem a sua própria propriedade, como prometem os agentes, mas simplesmente os levam para o Estado de São Paulo para trabalharem nas plantações de café, onde são abandonados e se encontram na condição de simples trabalhadores diaristas assalariados. A maioria deles é enviada para os três estados sulinos: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para o povoamento das plantações particulares e governamentais. Aqui, embora o imigrante ganhe o direito de tornar-se proprietário, a terra não é presenteada, uma vez que só é permitido que se instale na terra quando ele a compra. A terra torna se propriedade dele só no caso da compra do lote por prestações anuais e assim que for devolvido todo o empréstimo que lhe foi cedido para a sua instalação. Trate de cumprir tudo isso num país estrangeiro e desconhecido! Tente ganhar algum dinheiro assim! Isso nem sempre é possível fazer, porque, não raro, os migrantes não ganham o salário em dinheiro, mas em promissórias, que são avaliadas pelos comerciantes pela metade do preço, e a própria mercadoria é vendida pelo dobro do preço. Quando os

imigrantes tentavam reclamar contra essa praxe, eram colocados com os pés descalços sobre cacos de vidro e, com isso, obrigavam-nos a permanecer calados.

Embora o Governo brasileiro visse e soubesse dessas opressões e desmandos e, por meio do controle, se esforçasse por diminuir o mal, não obtinha êxito. Ainda assim, os escritórios e os intermediários, esses aranhas, continuavam com o seu trabalho, com mais energia, e a afluência dos colonos da Europa não reduzia. Eles se esforçavam porque a safra de café, pouco antes disso, fora especialmente abundante, mas, por falta de mão-de-obra, a metade fora perdida. E assim, graças às pregações persistentes, achavam novos crédulos, de modo que os comissários trouxeram para o Brasil, na época, cerca de 219 mil migrantes da Europa. Os vapores transatlânticos vinham abarrotados de gente. A mortalidade infantil entre os imigrantes, via de regra, era significativa, porque quase sempre, nos vapores, eles se alimentavam muito mal, eram alojados em meio à sujeira, aperto e fedor. Nesses vapores, mal cabem mil pessoas, mas neles são embarcadas 1.300. Não há atendimento médico e as crianças mortas, por ordem do capitão, são jogadas ao mar, e aos protestos dos pais normalmente respondem: “são bocas a menos!”...

No fim de dezembro de 1896, o vapor “Planeta” encalhou no raso rio Lagoadeci Potas<sup>112</sup>, onde se localiza a cidade de Porto Alegre. Transportava 1300 migrantes russos. O estoque de alimentos esgotou-se, teve início uma forte onda de mortalidade e os imigrantes revoltaram-se. Pois, em vez de trazer alimentos para os famintos, as autoridades brasileiras enviaram para o seu apaziguamento uma canhoneira (barco militar). Durante uma semana inteira, transportaram os imigrantes para a costa e “muitos” deles se dispersaram por diferentes lados, sem saber para onde iam, apenas para evitar a morte.

Nos barracões de Porto Alegre, organizados especialmente para os imigrantes, podiam ser instaladas não mais do que 2500 pessoas, mas, nos anos de maior afluência de colonos, neles foram alojadas até 5000 pessoas. Nos anos 1890-1891, os migrantes morriam devido ao excessivo amontoado de pessoas e, por conta da alimentação precária, morriam 25 pessoas

diariamente. Nesses mesmos barracões, em péssimas condições, os colonos vindos da Europa “ficavam deitados meses inteiros, antes de demarcarem terras para eles e entregarem-lhes seus lotes”. Já, ao receberem o seu lote, os migrantes não podem considerar-se felizes. Por alguns meses, ele é obrigado a abrigar-se com a família num barraco, rebocado de barro, com chão de terra ou numa cabana, enquanto não constrói a sua casa. As casas são construídas com madeira úmida na vertical que, ao secar, produz fendas enormes. Não fazem fornos e fazem o fogo diretamente no chão.

O campo para a sementeira é preparado nas montanhas, em pequenos terrenos; e esse trabalho é tão difícil que, freqüentemente, até um lavrador experiente se acha num beco sem saída. Têm-se de derrubar árvores enormes, serrá-las e pôr fogo, de modo que o fogo tome as raízes das lianas e das plantas daninhas, que formam uma rede impenetrável. Depois disso, a terra precisa descansar e arejar, caso contrário, as sementes não germinarão. Como ferramentas para a limpeza da terra servem apenas a pá e a enxada. Não se pode nem pensar em usar o arado e a charrua nas encostas íngremes das montanhas, cheias de tocos.

As estações do ano, nos lugares povoados, acontecem em meses completamente diferentes dos nossos e os colonos freqüentemente, sem saber a estação, jogam as sementes no período indevido e não recebem nem os rebentos, perdendo tudo: tempo, trabalho e as sementes gastas.

A comida do Brasil também é muito diferente. É difícil achar o pão assado de farinha de centeio ou de trigo, e os colonos alimentam-se com farinha de mandioca, cujo consumo, junto com a comida nova e diferente e, em geral, com uma alimentação ruim, muda a composição do sangue e provoca inchaço nas pernas, feridas e anemia. As mulheres estão mais sujeitas a esses sofrimentos. Nos tempos de enchentes inesperadas, quando, por alguns dias se interrompe toda e qualquer comunicação com outras partes do país e povoados inteiros são levados pela água, os habitantes se alimentam dos cimos de algumas palmeiras e pinhas de araucária. Tifo, febre, disenteria (diarréia com sangue) e especialmente a varíola levam

---

<sup>112</sup> Evidente equívoco do autor. Trata-se da Lagoa dos Patos. (N. da T.)

para a cova, dentre os colonos não acostumados ao país, muitas vítimas. Além do mais, as crianças sofrem, ainda, com o chamado “mal de terra”. Essa doença ocorre quando a criança deseja comer apenas alimento não orgânico e, se não forem tomadas as providências a tempo, o doente definha e morre. A doença é atribuída a um parasita que gruda nas paredes do intestino.

Mas isso também está longe de ser tudo o que os migrantes russos estão sujeitos a experimentar nas estranhas condições da natureza brasileira. No Brasil, existe mais um parasita microscópico maligno, que penetra fundo no corpo do homem, principalmente nos dedos dos pés, onde põe ovos. Em seguida, os dedos apodrecem. Há também a mosca do berne, que penetra dentro do corpo do homem e põe ovos; dos ovos, desenvolve-se uma larva de 1,5 polegada de comprimento e com largura de um dedo mínimo. A extração da larva do corpo causa ao enfermo, dores terríveis. Trabalhando na floresta, descalços, os moradores, não raro, pisam nas cobras venenosas e perdem a vida. Além disso, os colonos russos experimentam os ataques de índios ferozes.

Levados por essas condições até ao completo desespero, os imigrantes largam tudo, pegam as mulheres e os filhos que sobraram e partem sem rumo certo. Os imigrantes russos, de acordo com as palavras do encarregado do nosso governo, fogem para todos os lados. “Quando eu cheguei – fala o encarregado – a Porto Alegre, 678 pessoas que haviam deixado as colônias Alfredo Chavas estavam no abrigo; depois, esse número subiu para 900; conseqüentemente, houve aumento da sujeira, da mortalidade e das larvas nas bolachas<sup>113</sup>. Nem as exortações das autoridades espirituais, nem as forças militares, podiam obrigá-los a voltar para as colônias”. Diziam eles que não iriam para as colônias porque lá haviam enterrado quase todos os seus filhos, que eles não tinham nem as serras para fazer as tábuas para os caixões e nem as picaretas para cavar os túmulos. Eles querem preservar, pelo menos, os poucos que sobraram na família e preferem a morte à volta para a colônia. Logo, chegaram

---

<sup>113</sup> Torradas ou panquecas, preparadas de massa não fermentada. (N. do Autor)

para o mesmo abrigo em Porto Alegre, mais 1000 almas de migrantes, fugidos das várias colônias vizinhas.

O governo brasileiro não conseguia preparar a tempo uma quantidade suficiente de lotes para os imigrantes recém-chegados e, por isso, os últimos sempre tinham de esperar meses, ou anos inteiros, pela terra prometida. Sem saber o que fazer com os imigrantes acumulados, prometiam devolvê-los à pátria, mas, em vez disso, enviavam-nos ao Rio de Janeiro e de lá começavam de novo a instalá-los em diferentes Estados. Depois das insistentes exigências, foi prometida a 200 naturais da Rússia a volta para a pátria. No dia marcado para a partida, começaram a transportá-los em barcos até ao vapor, o qual eles reconheceram como sendo o vapor de cabotagem brasileiro (que viaja só entre as cidades do Brasil) e não um transatlântico, de modo que se recusaram a embarcar. Então, uma equipe preparada com antecedência forçou-os a subirem no vapor, até as mulheres e as crianças, e para que fizessem curativo nas feridas.

Os próprios brasileiros relatam que era possível ver, por várias vezes, como as famílias dos imigrantes, com mulheres e filhos, andavam sobre uma lama intransitável e, na mesma estrada, perdendo as forças, caíam e morriam...

Admira que, depois de tudo isso, os imigrantes russos que chegaram ao Brasil, estafados por infortúnios de toda a sorte e não agüentando mais a luta contra a natureza, acima de suas forças, arruinados, famintos e doentes, com lágrimas nos olhos implorem em desespero o seu envio à terra mãe?!

É verdade que a nossa vasta Sibéria, aberta para a colonização, está sendo, por enquanto, para muitos camponeses russos, uma madrasta não muito afável, mas essa Sibéria, em compensação, é nossa, próxima, parte da nossa terra mãe; nela há massas de população russa, lá temos a nossa língua materna, uma natureza não estranha, nosso próprio mundo e, como se diz, na companhia de iguais, vencemos os infortúnios com mais facilidade. E, no nosso próprio país, é mais fácil encontrar ajuda do que num país estrangeiro e desconhecido.

## CONCLUSÃO

A imagem do Brasil como Paraíso Terreno é muito antiga e pode ser encontrada em diversas descrições do país desde o início do século XVI. No entanto, na propaganda imigratória é que ela foi explorada com maior veemência. O livro de Gutmann, um entre inúmeros exemplos da avalanche de propaganda imigratória que invadiu a Europa e a Ásia desde o final do século XIX até o início do XX, consiste em um excelente objeto de estudo, pois contém as características básicas desse tipo de publicidade.

A intensa vontade de atrair o maior número possível de imigrantes ao Brasil, o que, da parte dos agentes de imigração, não passava do mero desejo de encher mais o próprio bolso, permitia a divulgação de informações exageradas e, algumas vezes, até falsas. Vender a imagem do Brasil como Paraíso Terreno tornou-se um bom negócio. Em descrições desse tipo, prevaleciam as mais rutilantes cores e os mais eloqüentes elogios e promessas. Portanto, nada mais natural do que o choque entre a realidade e a ficção propagandista, parcialmente responsável pelo surgimento da imagem do Brasil inferno, criada por Rébrin. A visão deste, porém, não foi a mais comum. Muito mais fácil é encontrar o paraíso tropical resplandecente, feliz, rico e fértil do que a imagem de uma terra estranha, sufocantemente quente, enredada por cipós, cheia de insetos e bichos peçonhentos, como descreveu Rébrin no livro que traduzimos.

Neste trabalho, buscamos contribuir para o estudo de assuntos ainda pouco explorados. Entre eles, a história e as causas da imigração da Rússia no início do século XX, muito menos estudadas aqui do que a chegada dos imigrantes ao Brasil. Com esse objetivo, foi elaborado o primeiro capítulo “História da imigração da Rússia anterior à revolução de 1917”.

Mais adiante, do amplo universo da imigração, recortamos as imagens do Brasil oferecidas aos possíveis imigrantes pela propaganda da época. Ficou claro que as imagens do paraíso e do inferno, apesar de antagônicas, entrelaçam-se na composição de um todo harmônico, resultante de interesses vários – o desejo do emigrante de realizar o sonho da terra prometida, a expectativa de enriquecimento dos agentes de imigração, a necessidade do governo brasileiro de ampliar a oferta de mão-de-obra no país, para citar apenas três.

No último capítulo, agora no sentido inverso, ou seja, da distinção de cada imagem e não mais da definição da relação e da complementaridade entre elas, foram revelados e analisados os elementos presentes nos livros de Janis Gutmann e Ivan Rébrin, cuja tradução foi realizada especialmente para a presente pesquisa. Inéditos no Brasil, esses dois textos contribuem para uma melhor compreensão do tema e poderá servir como fonte para futuros pesquisadores.

Em suma, podemos dizer que o sonho do Paraíso Terreno, que transitou durante longos séculos de um lugar para outro, continua distante e inalcançável, mas sempre vivo e muito desejado. Talvez hoje ele ainda perdure na mente dos muitos emigrantes russos que, com outros objetivos e perspectivas, têm optado por morar no Brasil.



## ARQUIVOS CONSULTADOS

- Biblioteca Nacional de São Petersburgo (Rússia)
- Biblioteca da Universidade Estadual de São Petersburgo. Departamentos de História Moderna e de História Contemporânea (Rússia)
- Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss
- Biblioteca Pública Municipal de Londrina
- Arquivo e Biblioteca da Universidade Estadual de Londrina
- Acervo Histórico-Cultural do Memorial do Imigrante de São Paulo
- Arquivo do Estado de SP
- Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (SP)
- Biblioteca Pública Municipal de Nova Odessa (SP)
- Centro de pesquisa da UNICAMP
- Biblioteca da FFLCH da USP

## BIBLIOGRAFIA

### I. FONTES

1. ГУТМАН, И. Жизнь колонистов в штате Сан Пауло в Бразилии. Рига: Типо-литография Л. Гренцталь, 1908.
2. РЕБРИН, И. О переселении в Бразилию. Харьков: Редакция Хлибороб, 1909.

### II. LIVROS

3. ALVARENGA CAMPOS, Paulo Fernando, FERREIRA, José Henrique (org.) NOVA ODESSA. São Paulo: Edição Escalibur, 1977.
4. A REPRESA E OS COLONOS. Cadernos do patrimônio. Série Estudos 2, Curitiba, 1986.
5. ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930 – 1975*. Londrina: Editora UEL, 1998.
6. ASARI, A.Y., TUMA, M.M. *Aspectos históricos, físicos, econômicos e institucionais do Município de Londrina*. Prefeitura do Município de Londrina. Londrina: Prefeitura Municipal, 1978.
7. BALHANA, A. P. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. Curitiba, J.Haupt, 1958.
8. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
9. BURKE, Piter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
10. CAMARGO, João Borba. *Geografia física, humana e econômica do Paraná*. 3ª ed. Maringá: Boaventura, 1999.

11. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil, um Refúgio nos Trópicos*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
12. COLOMBO, Cristóvão. *Diário da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
13. CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. *Migração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1958.
14. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
15. DIÉGUES, Júnior Manoel. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de pesquisas Educacionais, 1964.
16. DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
17. ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
18. FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios. História da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
19. GINSBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
20. \_\_\_\_\_. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
21. GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
22. GONZALES NETO, José Garcia. *Cambe*: Editora Ghignone, 1987.
23. HEINBERG, Richard. *Memórias e visões do paraíso: explorando o mito universal de uma idade de ouro perdida*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
24. PROST, Antonie e VINCENT, Gerard (org.). *História de uma vida privada. Da Primeira Guerra aos nossos dias*. Vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
25. HISTÓRIA DO PARANÁ. Vol. 3. Curitiba: Editora Paraná Cultural Ltda, 1969.

26. HOBBSAWM, Erick. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
27. \_\_\_\_\_. *A era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
28. \_\_\_\_\_. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
29. HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Edusp, 1969.
30. JOFFILY, J. *Londres – Londrina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
31. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
32. \_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
33. LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
34. MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973.
35. MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo. São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.
36. MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos*. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.
37. MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*. São Paulo: Editora Anambi Ltda, 1955.
38. MELMAN, Charles. *Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Com uma conversa com Calligaris*. São Paulo: Editora Escuta, 1992.
39. MOTA, Carlos, G. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
40. COSTA, Maria de Fátima (org.). *O Brasil de Hoje no espelho do Século XIX: Artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
41. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

42. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil. 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
43. PRADO JÚNIOR, Caio da Silva. *História econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
44. SAID, Edward, W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
45. SANTOS NETO, José Moraes dos. *Nova Odessa. 100 anos de terra fértil, os frutos do progresso*. Campinas: Ed.Komedi, 2006.
45. SCHNAIDERMAN, Boris. *Projeções: Rússia / Brasil / Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
46. SHUR, Leonid A. *Relações Literárias e Culturais entre Rússia e Brasil nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
47. SILVA. H.M. *Os imigrantes da Letônia no Oeste Paulista. Adaptação pioneira e construção de uma comunidade histórica e imaginária em terras brasileiras 1922-1940*. Maringá: EdUEM, 2002.
48. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.
49. TAVARES, Vânia Porto, outros. *Colonização dirigida no Brasil suas possibilidades na região Amazônica*. Rio de Janeiro, IPEN/INPES, 1972.
50. TUPES, Milia. *Contribuição ao estudo da colonização no estado de São Paulo. Ensaio sobre a colônia Varpa*. Coleção Museu Paulista. Serie de História. Vol. 8. Edição do Fundo de Pesquisa do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.
51. WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1940.
52. ZORTÉA, Alberto João. *Londrina através dos tempos e crônicas de vida*. São Paulo: Juriscredi, 1975.

### III. PERIÓDICOS

53. BORUSZENKO, Oksana. “A imigração ucraniana no Paraná”. In: *Colonização e migração. Anais do IV Simpósio nacional dos professores universitários de história*. XXXI Coleção de revista de História. São Paulo, 1969.
54. BRANCO, G., MIONI, F. *Documentário histórico: Jubileu de prata*. Londrina: Revista Realizações Brasileiras, 1959.
55. BRASILEIROS DE BOA CEPA, VINDOS DA UCRÂNIA. In: *Jornal Estado do Paraná*. Curitiba. 10.12.89.
56. CHIAROTTI CESÁRIO, Ana Cleide e outros. “Memória e patrimônio cultural em Londrina uma experiência de pesquisa e política cultural”. In: *Boletim 39 do Centro de Letras e Ciências Humanas. Revista da Área de Humanas*. Londrina: Editora UEL, jul/dez de 2000.
57. ESLAVOS: OS REFUGIADOS QUE ADOTARAM A PÁTRIA BRASIL. Nossas colônias. *Jornal Shimbun*. Londrina. 6.11.99.
58. FOLQUENING, Victor. “Prudentópolis é a Ucrânia através da religião”. In: *Gazeta do Povo*. Curitiba 10.11.97.
59. GALVÃO, Olímpio J. de Arroxeles. “Aspectos do desenvolvimento da região sul: do seu regime de apropriação da terra e da sua experiência contrastante com o resto do país”. In: *Cadernos de estudos Sociais*. Vol. 8, n.1, jan/jun. de1992, p.57.
60. GOMES, Osni. “Ucranianos difundem o nacionalismo pelo PAST”. In: *Estado do Paraná*
61. LARIONOFF, Eugenio. “Como uma broca de livros salvou Londrina”. In: *Boletim do Museu Histórico Carlos Weiss* 3 –1981, p.23.
62. LEONARDI, V. “O papel do imigrante na evolução do Brasil”. In: *História do século XX*. São Paulo, Abril Cultural, p. 373-376, 1996.

63. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1979.
64. MAGOCSI, Paul Robert. “Russians”. In: *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. Massachusetts and London: Consulting Editor The Belknap Press of Harvard University press Cambridge, 1981.
65. “O isolamento dos ‘russos brancos’”. In: *Gazeta do Povo*. Curitiba. 29.5.99.
66. SCHWARTZ, Widson. “Machadeiros contra gigantes da floresta”. *Jornal de Londrina*, p. 8A, 12.03.2001.
67. SCHWARTZ, Widson. *História é a paixão do agrônomo*. *Jornal de Londrina*, p. 8A, 26.3.2001.
68. VÁSSINA, E. N. *Rússia e Brasil: força de atração mútua*. Multi Brasil Rússia, São Paulo, v. 1, p. 11 – 14. 15 mar. 2004.
69. VÁSSINA, E.N. O Brasil de Festa. *Latinskaia América*, Moscou, v. 6, p. 75-84, 2001.
70. VÁSSINA, E.N. Um panorama cultural da Rússia. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, v. 3, p. 209-217, 1999.

#### IV. TRABALHOS ACADÊMICOS.

71. BASSINI, Marili. “Religião e identidade étnica: a primeira igreja Batista Leta de Nova Odessa (1906-1922 e 1980-2002)”. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 2003
72. BRITO, Maria Helena de Oliveira. “Entre o sonho e a realidade: o cotidiano de imigrantes alemães em Goiás (1924-1954)”. Dissertação de doutorado. Assis, UNESP, 1999.
73. FORTES, Alexandre. “Nós do Quarto Distrito... A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas”. Dissertação de doutorado. Campinas, Unicamp, 2001.
74. OBERDIEK, Herman Iark. “A imigração Judaico-Alemã no Norte do Paraná – O caso de Rolândia”. Dissertação de mestrado. Assis, UNESP, 1989.

75. PIVETA, Rosiler Fernandes. “Memória da imigração russa para o Norte do Paraná. 1924-1936”. Monografia. Londrina, UEL, 1992.
76. TUTIDA, Claudia. “Imigração russa no Norte do Paraná”. Monografia. Londrina; UEL, 1995.

## V. LIVROS E TRABALHOS ACADEMICOS EM LÍNGUA RUSSA.

77. ИСТОРИЯ РОССИИ. Минск, Харвест, Москва, АСТ, 2003.
78. КОМИССАРОВ, Б.Н. Григорий Иванович Лангсдорф, 1774—1852. Ленинград, Издательство Ленинградского университета, 1975.
79. \_\_\_\_\_. Русские источники по истории Бразилии первой трети XIX века. Ленинград, Издательство Ленинградского университета, 1977.
80. \_\_\_\_\_. Первая Русская Экспедиция в Бразилию. Ленинград, Издательство Ленинградского университета, 1977.
81. \_\_\_\_\_. Петербург — Рио-де-Жанейро, становление отношений 1808—1828. Л., 1987.
82. КОМИССАРОВ, Б.Н., БОЖКОВА, С.Г. Первый российский посланник в Бразилии Ф.Ф. Борель. Санкт-Петербург: Издательство Санкт-Петербургского университета, 2000.
83. МИРОНОВ, Б.Н. Социальная история России периода империи (XVIII – начало XX в.) Генезис личности, демократической семьи, гражданского общества и правового государства. Санкт-Петербург: Дмитрий Буланин, 2000.
84. РОССИЯ И БРАЗИЛИЯ 200 лет знакомства. Свидетельства русских путешественников, ученых, дипломатов, артистов и литераторов. Москва, 2004.
85. РОССИЯ, СССР – 150 лет отношений. Москва: Академия Наук СССР Институт Латинской Америки, 1980.



86. СТРЕЛКО, А.А. Украинская трудовая эмиграция в странах Латинской Америки. Конец XIX – начало XX. Автореферат канд. дисс. Киев, 1973.
87. УЛЕВИЧУС, П.В. Эмиграция трудящихся Литвы в Южную Америку, экономические условия их жизни, прогрессивная общественная и культурная деятельность. (1909-1940). Автореферат канд. дисс. Вильнюс, 1962.
88. ХРОНОЛОГИЯ РОССИЙСКОЙ ИСТОРИИ, Энциклопедический справочник. Москва: Международные отношения, 1994.

## **VI. PRODUÇÃO DA PESQUISADORA.**

### ***Publicação***

BYTSENKO, A.A. “Imigração da Rússia no Brasil e literatura censurada no século XX”. In: “Vestnik” Boletim da Universidade estadual de Cultura e Artes de São Petersburgo, 2006, N. 3, p.14,23.

### ***Apresentação em congressos.***

Apresentação do trabalho “Vida religiosa dos russos em São Paulo”, na conferência “Vida religiosa da Imigração Russa”, realizada na Universidade Estadual de Cultura e Artes de São Petersburgo, em 22.09.2004.

Apresentação do artigo “Imigração da Rússia para o Brasil e literatura censurada” no congresso “Emigração desconhecida: África e América Latina”, realizado na Universidade Estadual de Cultura e Artes de São Petersburgo, com apoio do Centro de Informação e Cultura “Emigração russa”, em 14.09.2004.





Artigo “Russo tem história no Três Bocas” no Jornal de Londrina. 5.07.2003.



Artigo “Russos se aclimataram no Três Bocas” no Jornal de Londrina 13.10.1995.



Artigo “Dieda” (Vovô) na Folha de Londrina 21.08.1988.



Artigo Eslavos: os refugiados que adotaram a pátria Brasil no Jornal Shimbun. Londrina. 6.11.99.



Artigo "25 anos sem "louco" Alexandre" em Jornal de Londrina. 20.01.2003.



Casa de Alexandre Razgulaeff em Londrina (atualmente não existe). Foto de jornal de londrina. 26.03.2001.



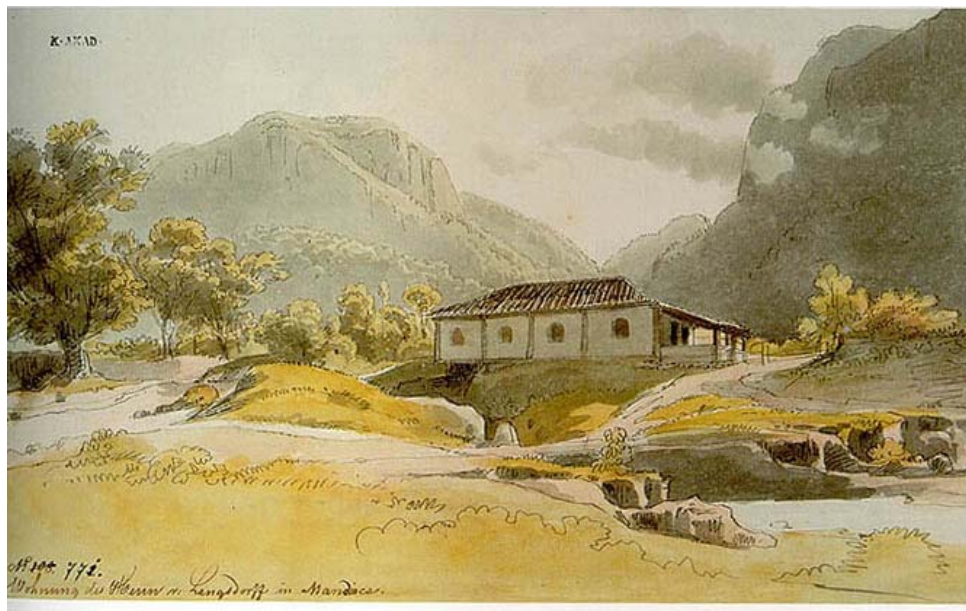
Alexandre Razgulaeff (no meio) com esposa e amigos. Acervo de Halia Ostrensky.



Barão Heinrich Freiherr von Langsdorff (1822 - 1829) – primeiro cónsul russo na corte Português no Brasil.



Mapa da expedição para interior do Brasil organizada por Langsdorff em 1821.



Fazenda “Mandioca”. Essa casa do campo de Langsdorff foi visitada por muitos viajantes russos.

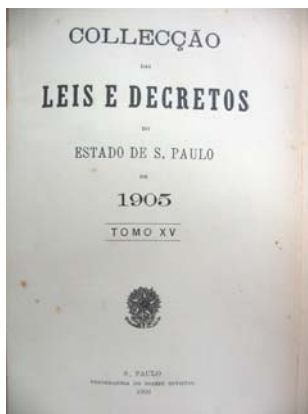




Estação de trem Nova Odessa.  
Foto de 1908.



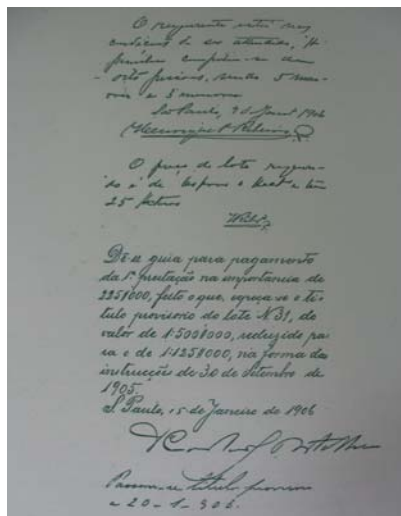
Theodoro Mesgravis, Alfonso Bruhn, (?), Janis Gutmann. Foto do livro NOVA ODESSA. São Paulo: Edição Escalibur, 1977.



Coleção Leis e Decretos do Estado de São Paulo. 1905. Tomo XV. Decreto Nº 1286 de 24 de maio de 1905. Dispõe sobre fundação do Colônia Russa Nova Odessa.



Propaganda de Núcleo Colonial Nova Odessa para imigrantes italianos onde pode-se observar as mesmas imagens encontradas no livro de Gutmann. (Acervo de Biblioteca Municipal de Nova Odessa. SP)



Trecho da carta de 15.01.1906, assinada por Carlos Botelho onde trata a respeito das condições de vinda de imigrantes russos. Foto do livro NOVA ODESSA. São Paulo: Edição Escalibur, 1977.